

#5

Mano

Manolo Gonzalez Potter
estudiante de arquitectura

Manolo Potter

Manolo Potter

Manolo Potter

Manolo Potter
5-7/54

ARQUITECTO
INSCRITO SOB O N° 119
Manolo Potter

Manolo Gonzalez Potter

Manolo Potter

SOB O N° 119
Manolo Potter

SOB O N° 119
Manolo Potter

Manolo Potter

*Construir a paisagem lisboeta e luandense
a obra do Arquitecto Manolo Potier*

VERTENTE TEÓRICA

no âmbito do laboratório em Cultura Arquitectónica Contemporânea

***Construir a paisagem lisboeta e luandense
a obra do Arquitecto Manolo Potier***

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Arquitectura

Orientadora:

Doutora Ana Cristina Fernandes Vaz Milheiro - Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Esta presente dissertação foi escrita conforme o antigo acordo ortográfico.

Agradecimentos

Manolo Potier e Federica Potier pela disponibilidade, paciência, simpatia e energia que transmitiram nos nossos encontros.

Professora Ana Vaz Milheiro, pela orientação, apoio e motivação no tema escolhido.

Professor Luis Saldanha e Professor Paulo Tormenta Pinto, pelo apoio ao longo do ano.

Inês Leite, pelas críticas observações e correcções.

Luisa Rebelo, pelo apoio e pelas correcções.

Ana Magalhães, Manuel Fonseca e Inês Lima, pelo fornecimentos de elementos.

Kamene Mendocha Traça, pela generosa disponibilidade que teve para fotografar as obras em Luanda.

Simões de Carvalho e Francisco Castro Rodrigues, pelas varias conversas concedidas.

Aos meus pais, à minha irmã e ao Luis

Embora praticamente desconhecido, Manolo Potier tem um significativo contributo na construção do território lisboeta nos anos 50 do século XX e luandense nas décadas de 60 e 70. Em Lisboa, em parceria com o José Lima Franco, constrói em dez anos cerca de 110 edifícios, sendo assim com outros contemporâneos desta altura responsável pela nova paisagem urbana que surge depois da segunda guerra mundial na capital portuguesa. A dupla imprime grande influência na organização da malha urbana, com uma arquitectura de continuidade, corrente moderna e adaptada às condições do contexto. Partindo em 1959 para Luanda, pertence à geração de arquitectos portugueses que levaram a lição da arquitectura moderna para o universo colonial português na segunda metade do século XX. Da mesma forma que as realizações de Potier “colonizaram” a paisagem africana, sobretudo luandense, com uma obra de filiação corbusiana, de certa forma “exportável” e internacional, a sua prática acabou por ser contaminada pelo contexto local. O seu legado mais marcante insere-se assim no moderno tropical que marcou a identidade da arquitectura colonial levada a cabo pelos profissionais vindos da metrópole, radicados em África em busca de trabalho e uma prática mais livre. O seu interesse reside igualmente numa arquitectura que durante décadas foi anónima e que se procura agora identificar. Por vezes de cariz mais corrente, outras vezes mais radical, nomeadamente nos projectos de carácter público nas duas capitais, podemos destacar entre a sua vasta obra (maioritariamente habitação), a Garagem Conde Barão em Lisboa, a “escola modelo” e o cinema Tivoli em Luanda.

Palavra-chave: Arquitectura corrente, Arquitectura moderna tropical, Manolo Potier, Contaminação local

Abstract

Although almost unknown, Manolo Potier had a significant contribution in building the landscape of Lisbon in the 50s, and in Luanda in the 60s and 70s. In Lisbon, in partnership with José Franco Lima, he has built over ten years about 110 buildings. Together with other contemporary architects, he is therefore responsible for the new urban landscape emerging after the Second World War in the Portuguese capital. The team had a great influence in the organization and image of the urban network, having his architecture characteristics such as continuity, current, modern and adapted to the context. Having moved to Luanda in 1959, Manolo Potier belongs to the generation of Portuguese architects who took the lesson of modern architecture into the Portuguese colonies in the second half of the twentieth century. In the same way as Manolo Potier “colonized” the African landscape, especially in Luanda, with a work of Le Corbusier affiliation, somehow “exportable” and international, his practice turned out to be contaminated by the local context. Its most striking legacy is thus part of the modern tropical which influenced the identity of colonial architecture carried out by professionals from the metropolis, rooted in Africa in search of work and a liberty. His interest also lies in an architecture which for decades was anonym, and which now is tried to be identified. Potiers’ architecture is mostly common and sometimes radical, especially in public projects in both capitals. To emphasize among its vast work – mostly residential – is the Garage Conde Barão in Lisbon, the prototype of “model schools” and the Cinema Tivoli in Luanda.

keywords: Common architecture, modern tropical architecture, Manolo Potier, local contamination

Agradecimentos	406
Resumo	408
Abstract	410
1. Introdução	418
2. Estado de Arte	420
3. Manolo Gonzalez Potier	422
3.1 Biografia	422
3.2 Arquitectura e Ambiente de trabalho nos anos de 1950 em Lisboa	428
3.3 Lisboa - Obras	432
3.3.1 Alvalade	436
3.3.1.1 Cinema Alvalade e avenida de Roma	440
3.3.1.2 Rua Gama Barros	444
3.3.2 Beato	450
3.3.2.1 Rua João nascimenta Costa Bairro da Picheleira	452
3.3.3 Benfica/ São Domingos de Benfica São Sebastião de Pereira	454
3.3.3.1 Rua Geral Morais Sarmento e avenida Gomes Pereira	456
3.3.4 Bairro São Jorge de Arroios	458
3.3.4.1 Rua Marques da Silva e Rua Francisco Sanches	460
3.3.5 Santo Condestável	464
3.3.5.1. Rua Ferreira Borges	466
3.3.6 São Sebastião da Pedreira	470
3.3.6.1 Fontes Pereira de Melo, Av. Sídonio pais, Av. António Augusto Aguiar	472
3.3.7 Nossa Senhora de Fátima	476
3.3.7.1 Av. Visconde Valmor	478
3.3.8 São Cristóvão	480
3.3.8.1 Mercado Chão do Loureiro	482
3.3.9 Santos o Velho	486
3.3.9.1 Garagem Conde Barão	486
3.3.10 Resumo	488
3.4. Arquitectura e Ambiente de trabalho em Luanda nos anos 60 e 70	492
3.5. Luanda - Obras	494
3.5.1 Ingombotas	498
3.5.1.1 Avenida dos Combatentes	500
3.5.2 Maianga e Rangel	504
3.5.2.1 Escola Técnica Elementar de Luanda	502
3.5.3. Bairro Azul	506
3.5.3.1. Cinema Tivoli	512
3.5.4 Ilha de Luanda	512
3.5.4.1 Hotel Panorama	516
3.5.5 Resumo	516
4. Considerações finais	518
Bibliografia	522
Lista de abreviaturas	526
Anexo	528

“ (...) A imagem visível do novo mundo se ergue finalmente no horizonte, parece digna do seu perfume.”

Claude Levi-Strauss, Os tristes trópicos, 1993, p.73.

1. Introdução

No quarto ano da disciplina de Projecto no ISCTE, os Professores lançaram vários exercícios na área metropolitana de Lisboa, entre o Cais do Sodré e Alcântara. Numa análise do terreno, interessei-me pelo edifício abandonado “Garagem Conde Barão”, na avenida 24 de Julho, e propus uma intervenção que tornasse o edifício novamente público. Através do artigo “O arquitecto violinista”¹, no Jornal dos Arquitectos, soube o nome do autor e entrei em contacto com o arquitecto Manolo Gonzalez Potier.

O tema central desta tese é um estudo sobre a vida, o ambiente de trabalho e a obra deste arquitecto em dois contextos diferentes. Consiste essencialmente num trabalho de levantamento focando as obras em Lisboa entre 1947 e 1958, em co-autoria com José Lima Franco e em Luanda nas décadas de 60 e 70, sozinho e em parcerias com João Paulo de Jesus da Graça, Carlos Moutinho e Adalberto Dias.

Não inclui a obra de Potier pós-revolução, altura em que regressa a Lisboa e trabalha em *part-time* no escritório do construtor José Duarte Júnior até 2004. Como o estudo foca a arquitectura nas capitais referidas, os projectos fora de Lisboa, realizados em Leiria², Sacavém³ e Vila Nova de Ourém³ e fora de Luanda, em Carmona (actual Uíge)⁵ e em Nova Lisboa (actual Huambo)⁶, são somente aqui mencionados.

O primeiro capítulo é dedicado à biografia do arquitecto, no intuito de dar um enquadramento geral sobre o seu percurso profissional. Seguem dois capítulos que se centram na arquitectura e no ambiente de trabalho em Lisboa e Luanda. Cada um é introduzido de forma breve no seu contexto, para um melhor entendimento da arquitectura de Manolo Potier nas duas capitais em épocas diferentes. Em subcapítulos aprofunda-se as obras de maior interesse, cuja organização na capital portuguesa foi delineada a partir da

¹ Milheiro, Ana Vaz “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” in JA -Jornal Arquitectos, ser belo nº 241, 2010.

² Garagem para a empresa de camionagem Claras, repetindo a solução da habitação na cobertura, com Lima Franco

³ Seis edifícios de habitação

⁴ Mercado e bloco de habitação

⁵ Palácio da Justiça

⁶ Escola Industrial

quantidade de obras por freguesia. No caso do bairro de Alvalade são analisados vários edifícios de anos diferentes, seguindo uma organização cronológica. O estudo apoia-se ainda em mapas que localizam as obras e em elementos gráficos como desenhos de plantas, cortes, alçados e perspectivas. Um levantamento fotográfico das obras lisboetas completa esta pesquisa e verifica o estado dos edifícios. Pelas conversas com Manolo Potier e seu colega Fernão Simões de Carvalho confirmou-se que a obra do autor em Luanda é muito mais vasta do que conseguir identificar. Em Luanda, mantém-se a organização das obras por zonas, mas pela falta de informações sobre a arquitectura da autoria de Potier, segue-se uma estrutura a partir do programa dos edifícios e da disponibilidade de elementos. Os primeiros dois subcapítulos da parte “Luanda - Obras” referem-se a habitação, sendo os capítulos seguintes sobre programas de carácter público.

Em termos metodológicos, o levantamento do edificado lisboeta foi feito principalmente através da pesquisa e consulta dos processos de obra no Arquivo Municipal de Lisboa, a partir do nome do arquitecto e o de José Lima Franco⁷. Por sua vez, a pesquisa em Luanda baseia-se sobretudo nas memórias do arquitecto e da sua mulher, na consulta de um processo no Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) e no artigo do JA⁸ “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista”⁹ de Ana Vaz Milheiro, não tendo sido possível visitar Luanda. Infelizmente, o arquitecto não tem o seu arquivo de desenhos técnicos e elementos gráficos, no entanto facultou fotografias e artigos, reconhecendo-se assim a fragilidade de informação produzida, a qual se espera poder vir a verificar e completar futuramente.

⁷ Seguindo embora sempre a mesma metodologia, a pesquisa no arquivo municipal mostrou-se de resultado instável

⁸ Jornal Arquitectos

⁹ Milheiro, Ana Vaz “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” in JA -Jornal Arquitectos, ser belo nº 241, 2010.

2. Estado de Arte

Tanto quanto nos foi possível apurar, as referências sobre a obra de Potier são extremamente escassas e não existe, até a data, nenhum estudo específico sobre este tema. Na realidade, o texto mais desenvolvido é o artigo *O Arquitecto violinista Manolo Potier*¹⁰ de Ana Vaz Milheiro, no *Jornal dos Arquitectos* 241, ponto de partida para esta dissertação. Na bibliografia *Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*¹¹ de Ana Tostões está identificado e analisado o edifício na Avenida Fontes Pereira de Melo. Ricardo Costa Agarez na sua tese *O Moderno Revisitado - Habitação Multifamiliar em Lisboa*¹² nos Anos de 1950 foca a habitação colectiva de pequena ou media dimensão em Lisboa e descreve algumas obras da dupla Lima Franco/Potier de programa residencial. O texto sobre o cinema Alvalade, na publicação *Os cinemas de Lisboa, um fenómeno urbano do século XX*¹³ de Margarida Acciaiuoli, mostrou-se bastante útil, tanto na descrição do cinema, como no enquadramento do mesmo no bairro Alvalade. No capítulo *Escolas em Angola durante o estado Novo*, no livro *Nos Trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no Estado Novo*¹⁴, Ana Vaz Milheiro descreve e contextualiza a escola modelo São Crisóstomo de Manolo Potier. Refere-se ainda uma ficha¹⁵ desenvolvida por Isabel Martins, sobre a mesma escola¹⁶, como informação relevante.

Para um enquadramento urbanístico das obras, em Lisboa, considerou-se a historiografia *Bairro de Alvalade: Um Paradigma do urbanismo Português*¹⁷ de João Pedro Costa e o *Atlas Urbanístico de Lisboa*¹⁸ de Manuel Salgado

¹⁰ Milheiro, Ana Vaz “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” in JA -Jornal Arquitectos, ser belo nº 241, 2010.

¹¹ Tostões, Ana “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”, FAUP, 1997

¹² Agarez, Ricardo Costa “ O Moderno Revisitado, Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950” Lisboa: Arquitectura e urbanismo. 2009.

¹³ Acciaiuoli, Margarida “Os cinemas de Lisboa, Um fenómeno do seculo XX” Bizanico, 2012.

¹⁴ Milheiro, Ana Vaz “Nos Trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no estado Novo”, Relógio D’Água, 2012.

¹⁵ Sem data, fornecido por Inês Lima

¹⁶ Nome actual Ngola Kanini

¹⁷ Costa, João Pedro “Bairro de Alvalade, Um Paradigma no Urbanismo Português”, livros horizonte 1.a Edição 2002, 2010.

¹⁸ Salgado, Manuel; Lourenço, Nunes “Atlas Urbanístico de Lisboa”, Argumentum, Lisboa, 2006.

e Nuno Lourenço. Na bibliografia relacionada à arquitectura nas colónias, realçam-se: *Um estudo sobre a Geografia Urbana*¹⁹ do geógrafo Ilídio do Amaral em 1968, a tese de Isabel Martins *Luanda: a cidade e a arquitectura*²⁰ e a dissertação de doutoramento de Maria Manuela da Fonte *Urbanismo e Arquitectura em Angola - de Norton de Matos à Revolução*²¹. Ana Magalhães e Inês Gonçalves focam através de textos e fotografias *no Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975*²² temas relevantes para o desenvolvimento deste tema como as cine-esplanadas, galerias e a arte na arquitectura.

Para a contextualização geral foi considerada bibliografia como *Arte Portuguesa: da Pré-história ao século XX – Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900*²³ de Ana Tostões, o texto da mesma autora na publicação do Paulo Pereira *História da Arte Portuguesa e A Arte em Portugal no Século XX*²⁴ de José-Augusto França.

¹⁹ Amaral, Ilídio do “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968.

²⁰ Martins, Isabel “Luanda : a cidade e a arquitectura”, Dissertação para Doutoramento, policopiado, FAUP, 2000.

²¹ Fonte, Maria Manuela “Urbanismo e Arquitectura em Angola” Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007.

²² Magalhães, Ana “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Edições Tinta da China, 2009.

²³ Tostões, Ana “Arte Portuguesa: da Pré-história ao século XX – Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900”, Fubu Editores, 2009.¹⁵ Sem data, fornecido por Inês Lima

²⁴ França, José-Augusto “A Arte em Portugal no Século XX” Lisboa, Bertrand Editora, 1991.

3. Manolo Gonzalez Potier

3.1 Biografia

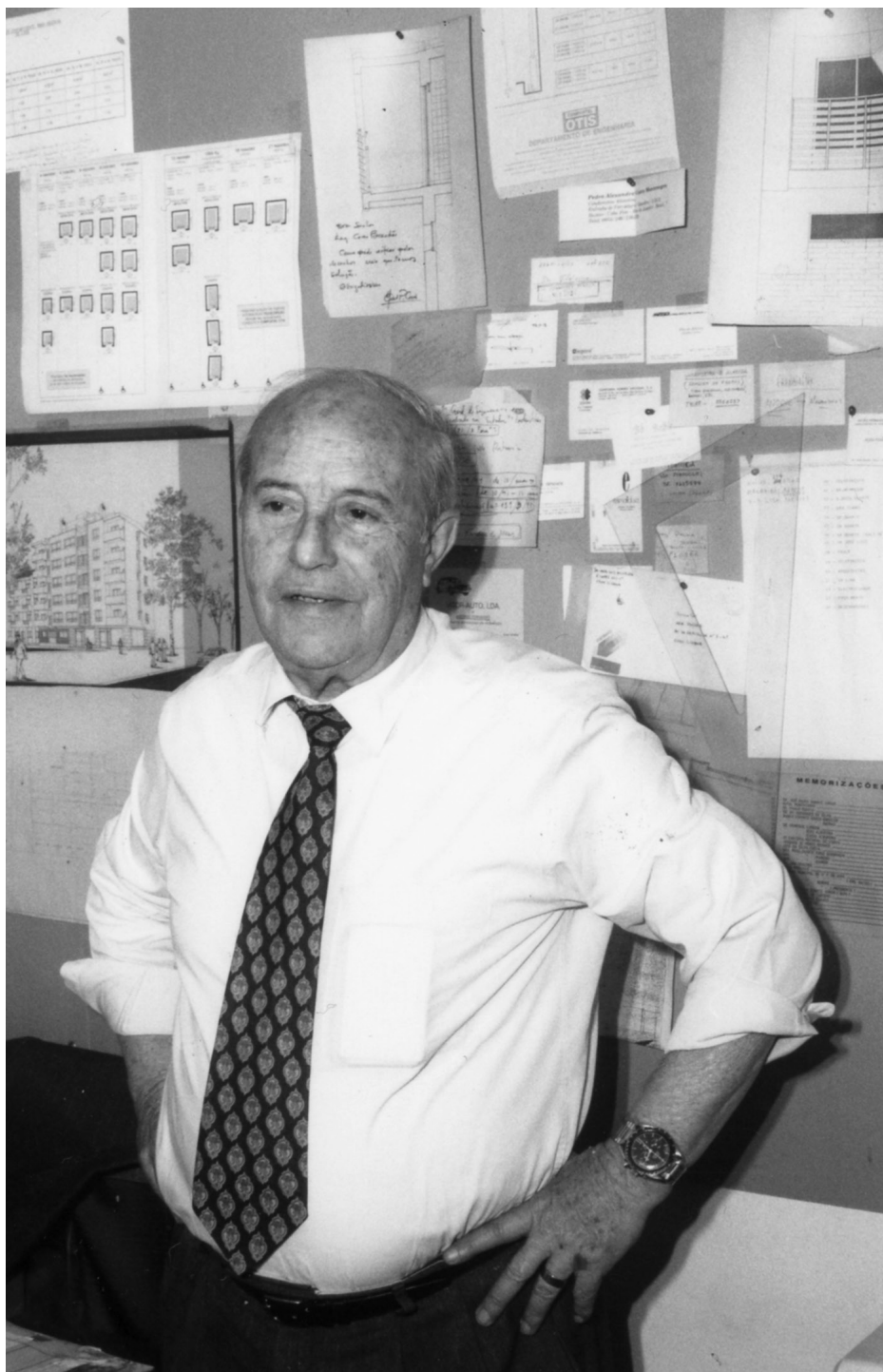


Fig. 1.
Manolo Potier no *atelier* de José Norte Junior,
Arquivo Manolo Potier



Fig. 2.
Manolo Potier (direita) com dois irmãos sentados nos cavalos feitos pelo pai, Arquivo Manolo Potier



Fig. 3
Turma: Um dos jantares do curso da EBAL. Na primeira fila, Vasco Gonçalves, Carlos Manuel Ramos, Victor Palla, Costa Martins e Coutinho Raposo. Na segunda fila Luís Nobre Guedes, Manolo Potier, Manuel Tainha, Garizo do Carmo, Nuno Teotónio Pereira e Alzina de Menezes, Fonte: Ana Tostões, 2004, p. 59.

Manolo Gonzalez Potier nasce em 1922, é filho de George Alberto Potier, engenheiro industrial e dono de uma fábrica de brinquedos²⁵, e de Pilar Gonzalez, doméstica²⁶.

Embora natural de Coruche, no Ribatejo, as principais memórias da infância começam quando a família se instala por cerca de quatro anos, na Cruz Quebrada, numa Quinta rural, nas imediações de Lisboa. Quando o pai recebe um trabalho em Bragança, a família segue-o e desta forma o jovem Manolo Potier acaba o Liceu no norte do país. Já na primária os professores reconhecem o seu talento para desenhar. Além deste dom, os pais reforçam a educação de todos os filhos com a aprendizagem de um instrumento, sendo que Manolo Potier aprende a tocar violino. Em 1939, volta de Bragança para Lisboa com o intuito de estudar na Escola das Belas Artes. Durante o curso vive com a mãe no Bairro de Campo de Ourique, na rua Pereira e Sousa, mudando-se mais tarde para um apartamento na avenida de Roma, projectado pelo próprio. A sua turma do ano 1939 inclui Manuel da Costa Martins (1922-1996), Francisco Blasco Gonçalves²⁷, Manuel Alzina de Menezes (1920), Carlos Manuel Ramos (filho) (1922-2012), Manuel Coutinho Raposo (1916-1999), Nuno Teotónio Pereira (1922), Manuel Mendes Tainha (1922-2012), Luís Nobre Guedes²⁸ e Victor Palla (1922-2006). Tal como dito por Palla e confirmado por Manolo Potier, *“este grupo tornou-se inseparável durante o curso, com um verdadeiro sentido de camaradagem, troca de ideias e aprendizagem mútua, vindo a organizar jantares de convívio durante largos anos, até por volta de 1975.”*²⁹ *Criaram um coro enquanto trabalhavam ao estirador, cantando peças clássicas que ecoavam nos corredores do antigo convento de São Francisco.”*³⁰

Durante o curso na EBAL, toca violino com os irmãos nos fins-de-semana em

²⁵ Vários exemplares encontram-se hoje no Museu do Brinquedo em Sintra

²⁶ Espanhola, segunda mulher

²⁷ Não conseguimos obter quaisquer dados biográficos.

²⁸ Não conseguimos obter quaisquer dados biográficos.

²⁹ Embora a partir de 1959 em Luanda, Manolo Potier irá ainda a alguns destes jantares.

³⁰ Palla, 2012, p. 26.



Fig. 4.
Protótipo de uma unidade de habitação cooperativa da Associação dos Inquilinos Lisboenses, construído por ocasião da exposição “O Cooperativismo Habitacional no Mundo”, realizado na SNBA em Abril 1957, Fonte: Ana Tostões, 2004, p. 63.



Fig. 5
Orquestra Sampayo Ribeiro no Bar do Coliseu em Lisboa com Manolo Potier (violinista) e o seu irmão, os estantes foram desenhados por Manolo Potier, Arquivo Manolo Potier

várias locais para poder apoiar a mãe.

A partir de 1947, começa a trabalhar primeiro como estagiário, ainda sem ter recebido o diploma, no *atelier*, ainda na rua Garrett, do arquitecto José Lima Franco (1904-1970), 18 anos mais velho. Quatro anos mais tarde, conclui o curso com o projecto de um equipamento de um posto de serviço para automóveis no meio de uma rotunda em Carnaxide, com 17 valores. Ainda como estudante, embora já trabalhando para José Lima Franco, participa no I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948 onde o problema da habitação em Portugal foi discutido, deixando uma marca na história da arquitectura portuguesa descrita por Ana Tostões como um “*Momento de viragem da reconquista a liberdade de expressão dos arquitectos*”³¹.

Como a maioria dos arquitectos da sua geração, Manolo Potier teve como principais referências Le Corbusier(1887-1965), Óscar Niemeyer(1907-2012) e Lúcio Costa(1902-1998)³² o que reflecte o crescente interesse na arquitectura brasileira e na internacionalização do movimento moderno em Portugal, sobretudo a partir de 1948³³. Segundo Ana Vaz Milheiro, a arquitectura brasileira ganha importância com uma carta intitulada *A arquitectura Moderna Brasileira, Arquitectura Moderna portuguesa* escrita a propósito da primeira exposição de arquitectura moderna brasileira, realizada no Instituto Superior Técnico em 1948³⁴, então visitada pelo arquitecto³⁵.

Em 1951, Manolo Potier começa a parceria com José Lima Franco. Além do trabalho no escritório, agora no Largo Andaluz, número quinze, no último piso, em São Sebastião da Pedreira³⁶, Potier ensina desenho, matemática e oficinas como professor em três escolas industriais em Lisboa, nomeadamente a Escola Machado de Castro; a Escola Marquês de Pombal

³¹ Tostões, 2009, p. 49. in Pereira, 1981.

³² Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06.2013

³³ A arquitectura brasileira tornou se conhecida através da exposição “Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942” no MOMA em Nova Iorque em 1943.

³⁴ Milheiro 2012, p. 27.

³⁵ Entrevista com Manolo Potier, dia 03.08.2013

³⁶ Lima Franco e Dário Silva Vieira ganham com este edifício o Premio Valmor em 1949.



Fig. 6
Caricatura desenhada por Manolo Potier,
Arquivo Manolo Potier

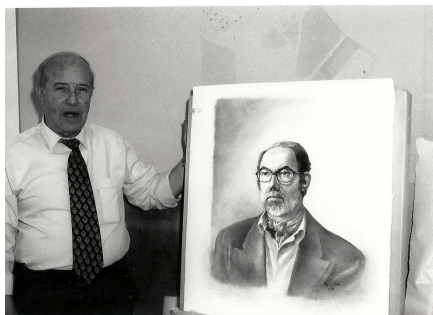


Fig. 7
Retrato em carvão desenhado por Manolo
Potier, Arquivo Manolo Potier

e a Escola Afonso Domingues. No seu tempo livre, entre arquitectura e concertos, desenha retratos em carvão e caricaturas.

Segundo a pesquisa efectuada no Arquivo Municipal de Lisboa, a dupla projecta na década dos anos 1950, cerca de 110 edifícios, somente em Lisboa, alguns em colaboração com outros arquitectos. Na sua maioria são encomendas privadas, alguns são dirigidos pela Câmara que se destinam a habitação, mas a equipa também concretiza projectos de carácter público, como o Cinema Alvalade, em co-autoria com o arquitecto Filipe Figueiredo, o mercado Chão do Loureiro e lojas. A Garagem Conde Barão na Avenida 24 de Julho, nº 62 destaca-se com um programa público e privado. Com base no projecto da Praça do Marquês de Pombal de Carlos Ramos, Potier faz o projecto de execução do Hotel Fénix (1958-60). Este trabalho implica uma viagem de estudo para Espanha com o requerente e construtor Américo Ferreira, responsável pela construção do estabelecimento hoteleiro, na busca de inspirações e soluções arquitectónicas. Fora de Lisboa, Potier realiza sozinho ou em co-autoria ainda várias obras, em Leiria uma garagem para a empresa de camionagem Claras, em Sacavém seis edifícios de habitação e, em Vila Nova de Ourém, um mercado e blocos de habitação.³⁷

Devido a desentendimentos, a sociedade com José Lima Franco acaba em 1958 e nesta altura Potier prepara a saída para Angola, onde lhe é prometido um posto de trabalho na Câmara de Luanda. Porém, o seu ingresso nesta instituição atrasa-se, levando-o a iniciar a vida profissional na capital angolana como professor de matemática e desenho no Liceu Salvador de Correia, a convite de Manuel Calvet de Magalhães³⁸, e paralelamente, na elaboração de projectos de arquitectura que iam surgindo aos poucos. O primeiro projecto desenvolvido é um conjunto de dez blocos “*uns aos outros*”³⁹, perto do antigo

³⁷ Milheiro, 2010

³⁸ Milheiro, 2010

³⁹ Entrevista com Manolo Potier 07.06.2013, não identificados

Mercado Kinaxixe, para Oficiais das Força Armadas⁴⁰. Em 1964, resultado de várias encomendas de projectos, deixa o ensino e abre oficialmente o seu escritório, na antiga Rua António de Oliveira Cadornega, em parceria com João Paulo de Jesus da Graça. Segundo Manolo Potier, o arquitecto Adalberto Gonçalves Dias (1920-2005)⁴¹ marca-o fortemente, não só em termos profissionais, mas também na forma de *“lidar com a nova realidade angolana”*⁴². Com o mesmo arquitecto desenha mais tarde o Teatro Tivoli, na Samba Pequena, no Bairro Azul, onde abordam o tema das cine-esplanadas.⁴³

Em Luanda, a família vive no quinto andar de um prédio da autoria do próprio arquitecto, na antiga avenida das Combatentes⁴⁴, uma das principais artérias da cidade, onde projecta mais cinco edifícios. Entre estes, o “Prédio da Lagoa” junto ao mercado Kinaxixe, de 17 pisos, não foi concluído⁴⁵ e é hoje objecto de interesse pela ocupação espontânea e informal de habitantes, em pleno centro de Luanda. Na capital angolana, o arquitecto também entra em vários projectos na fase de execução e na arquitectura de interiores, como por exemplo no Hotel Panorama, na Ilha de Luanda, da autoria de Carlos Moutinho e no edifício “Nacional”⁴⁶, na Marginal, da autoria de João Garcia de Castilho (1915-2007). Neste período, projecta também vários equipamentos públicos fora de Luanda, destacando-se o Palácio de Justiça em Carmona (actual Uíge) e a Escola Industrial de Nova Lisboa (actual Huambo). As obras mais radicais são provavelmente, a escola modelo (João Crisóstomo) que deu origem á construção de dois exemplares em Luanda, com os actuais nomes Kanini e Mbandi, e o cinema Tivoli já acima mencionado. Em Luanda, o “arquitecto violinista”, depois de uma interrupção musical de cerca dez anos, entra na Orquestra do Instituto de Salão de

⁴⁰ Não identificados

⁴¹ Director da Câmara de Luanda, autor de diversos edificios em Luanda

⁴² Entrevista com Manolo Potier, 07.06.2013

⁴³ Entrevista com Manolo Potier, 07.06.2013

⁴⁴ Actualmente avenida Comandante Valódia

⁴⁵ Prédio originalmente de 22 pisos

⁴⁶ Companhia Nacional de Seguros, chamado “Nacional” por Manolo Potier, Autor do Projecto é o arquitecto João Garcia de Castilho, Entrevista com Manolo Potier, dia 28.05.2013

Angola e a partir de 1961, ensina tocar violino, na Academia de Música de Luanda.

Em 1975, devido à situação crítica pós-independência de Angola, regressa a Lisboa com a ideia de voltar a Angola, assim que a conjuntura melhore, o que nunca se verifica. Em Lisboa, realiza ainda uma série de projectos com o construtor José Duarte Júnior, num *atelier* na Av. da República, num trabalho em *part-time*. Nesta altura, recusa a oferta de um cargo no sector público, na Câmara de Tomar e decide tornar-se violinista como profissão principal, na Orquestra Ligeira da Radiodifusão Portuguesa. Confessa o arquitecto que tocar violino abriu-lhe portas e novos caminhos no percurso profissional e permitiu talvez ultrapassar fases mais difíceis na vida. Como refere “*a música estimula a arquitectura e a arquitectura a música, elas complementam-se*”⁴⁷. Hoje, o arquitecto recebe a reforma de músico e toca ainda duas vezes por semana, no Hotel Palácio do Estoril.

⁴⁷ Entrevista com Manolo Potier, 07.06.2013

3.2 Arquitectura e ambientes de trabalho nos anos 50 em Lisboa

É que nós, a gente nova, acreditávamos que havia um mundo novo em gestão, mais belo e equitativo e que tínhamos um papel a desempenhar nele: uma Função Social. Trabalhávamos com muita convicção acerca disso e um entusiasmo transparente. Julgávamos que íamos ajudar muita gente a viver melhor.”

Francisco Keil do Amaral, Entrevista, in *Arquitectura*, n 125, 1972

A geração nascida em torno dos anos 20 e formada na década de 40 caracteriza-se pela situação pós-guerra, que *“transporta em si o conceito da sociedade progressista, com preocupações colectivistas e emancipação social do indivíduo”*⁴⁸. A vontade pela afirmação da arquitectura moderna, declarada pelo Movimento Moderno, é reforçada por ocasião do I. Congresso Nacional de Arquitectura de 1948. Assim, a nova geração denota uma vontade colectiva de uma recusa teórica da arquitectura do Estado Novo, descrito como um *“Momento de viragem na reconquista de expressão dos arquitectos”*⁴⁹. Segundo Teotónio Pereira (1922), *pode-se dizer que os anos 50 significam o florescimento de uma fase da arquitectura portuguesa após o obscurantismo imposto pelo Estado Novo, que procurou instrumentalizá-la como elemento expressivo das suas tendências totalitárias ao criar pretensa arquitectura nacional.”*⁵⁰ Apesar da vontade de modernidade de alguns protagonistas - de modo geral, os mais jovens - na década de 1950, o ambiente era ambíguo, com outros acreditando e defendendo uma via mais clássica ou tradicionalista, como é exemplo Luís Cristino da Silva (1896-1976), ainda para mais responsável pelo ensino na Escola de Belas Artes de Lisboa. Outros ainda variavam entre as duas vias, ou por hesitação, ou por ainda não ter o suporte teórico para uma prática alinhada com novas referências. A escola do Porto, em torno do mestre Carlos Ramos, possibilitou uma maior

⁴⁸ Tostões, 2009, p. 48.

⁴⁹ Tostões, 1997, p. 33 in Nuno Teotónio Pereira, “A Arquitectura do Estado Novo” *Arquitectura*, Lisboa, 4 serie, n. 142, Junho 1981.

⁵⁰ Pereira, 1996, p.255.

liberdade expressiva e moderna, comparando com a repressiva escola de Lisboa, de onde os jovens estudantes escapavam para terminar os seus cursos no Porto.⁵¹

Dominante nos anos 50, na produção arquitectónica portuguesa, é a habitação. Aqui se revelam inovações mais significantes, tanto no programa como na concepção espacial⁵². *Slogans* como “*form follows function*”⁵³ originalmente de Sullivan (1856-1924) ou a metáfora “a casa como máquina de habitar”, isto é, princípios funcionalistas, influenciam fortemente os arquitectos portugueses do movimento moderno.

E é esta a cultura em que se inserem os projectos que José Lima Franco e Manolo Potier levam a cabo. O jovem Manolo Potier, ainda estudante, entrou no “antigo” *atelier* de Lima Franco na metade dos anos 40, situado na rua Garrett, perto da Escola das Belas Artes, ainda com o papel de um desenhador.⁵⁴ Este *atelier*, com acesso através da rua Ivens, integrou uma equipa que conta com os arquitectos Dário Silva Vieira (1908-1956), Ignácio Perez Fernandez (1910-1989), futuro presidente do Sindicato Nacional dos Arquitectos e vários desenhadores. Nesta altura havia ainda uma hierarquia entre os três arquitectos principais (Lima Franco, Silva Vieira e Perez Fernandez) e os outros colaboradores, os projectos eram discutidos entre eles mas no fundo cada um dos arquitectos tinha a sua clientela própria. A partir de 1951, José Lima Franco acabou a sociedade com Silva Vieira e Fernández e começou uma nova, portanto com Manolo Potier e no escritório no Largo de Andaluz, nº 15, no sétimo andar. O mesmo piso era ainda partilhado com um professor de Agronomia, Zaluart Nunes. De acordo com Potier ambos tinham uma relação amigável, sem hierarquias, os projectos eram discutidos naturalmente entre eles. O Engenheiro “Jordão”, e o maquetista Ticiano Violante eram

⁵¹ Tostões, 2009, p. 50.

⁵² Agarez, 2009

⁵³ Louis Sullivan “The tall office building artistically considered” 1896

⁵⁴ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.09.2013

colaboradores “da casa” embora não de modo permanente⁵⁵. Outros engenheiros colaboravam pontualmente nos projectos, nomeadamente: Augusto Pires Relvas, Carlos Alberto Gomes Franco, Carlos Emílio, André Nunes, Aurélio Marques da Silva, António Rodrigues dos Santos, Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues, Elias Marques Pires, Teodomiro Manuel Urbano, Joaquim Gusmão Martins Vasco, José Marques de Brito e Serafim Lopes Maia.⁵⁶ Eram parceiros também os construtores Joaquim Ribeiro Bouça, Manuel Anselmo e Américo Ferreira, com quem Potier realizou varias obras. “*Nós quase impúnhamos fazer os projectos com os nossos técnicos*” afirma Manolo Potier⁵⁷. Graças a uma ligação à Câmara de Lisboa⁵⁸, receberam várias encomendas, às vezes de ruas inteiras como no caso da Rua João do Nascimento Costa, no bairro da Picheleira e da rua gama barros no Bairro de Alvalade. O *atelier* recebia as revistas de arquitectura e informava-se desta forma sobre os novos projectos internacionais e portugueses. As viagens de estudo não eram habituais, embora Manolo Potier com o construtor, requerente e amigo Américo Ferreira tenha feito uma viagem por Espanha à procura de soluções arquitectónicas na área hoteleira, para o Hotel Fénix. Por outro lado, também mantem o contacto com a obra dos antigos colegas da EBAL.⁵⁹

A equipa de cerca doze pessoas (dois arquitectos e aproximadamente dez desenhadores) não tinha falta de trabalho, o que é bem visível na quantidade de obras realizadas. Os projectos e encomendas de diversos promotores privados e da C.M.L até se sobrepunham, segundo Potier.⁶⁰

⁵⁵ Entrevista com Manolo Potier, dia 03.08.2013

⁵⁶ Engenheiros que assinavam também os projectos

⁵⁷ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.09.2013

⁵⁸ José de Lima Franco ingressou na Câmara Municipal de Lisboa em 1925. Dois anos depois, assumiu as funções de topógrafo na Direcção dos serviços da Planta da Cidade e Expropriações, e mais tarde, em 1939, de arquitecto

⁵⁹ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06.2013

⁶⁰ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06.2013

3.3 Lisboa – Obras

São João de Brito
Alvalade
Benfica
Nossa Senhora de Fátima
Beato
São Jorge de Arroios
São Sebastião de Pedreira
Penha de França
Campolide
Santo Condestável
Graça
Santa Justa
São Crsitovão
Santos-o-Velho
Ajuda
Alcântara

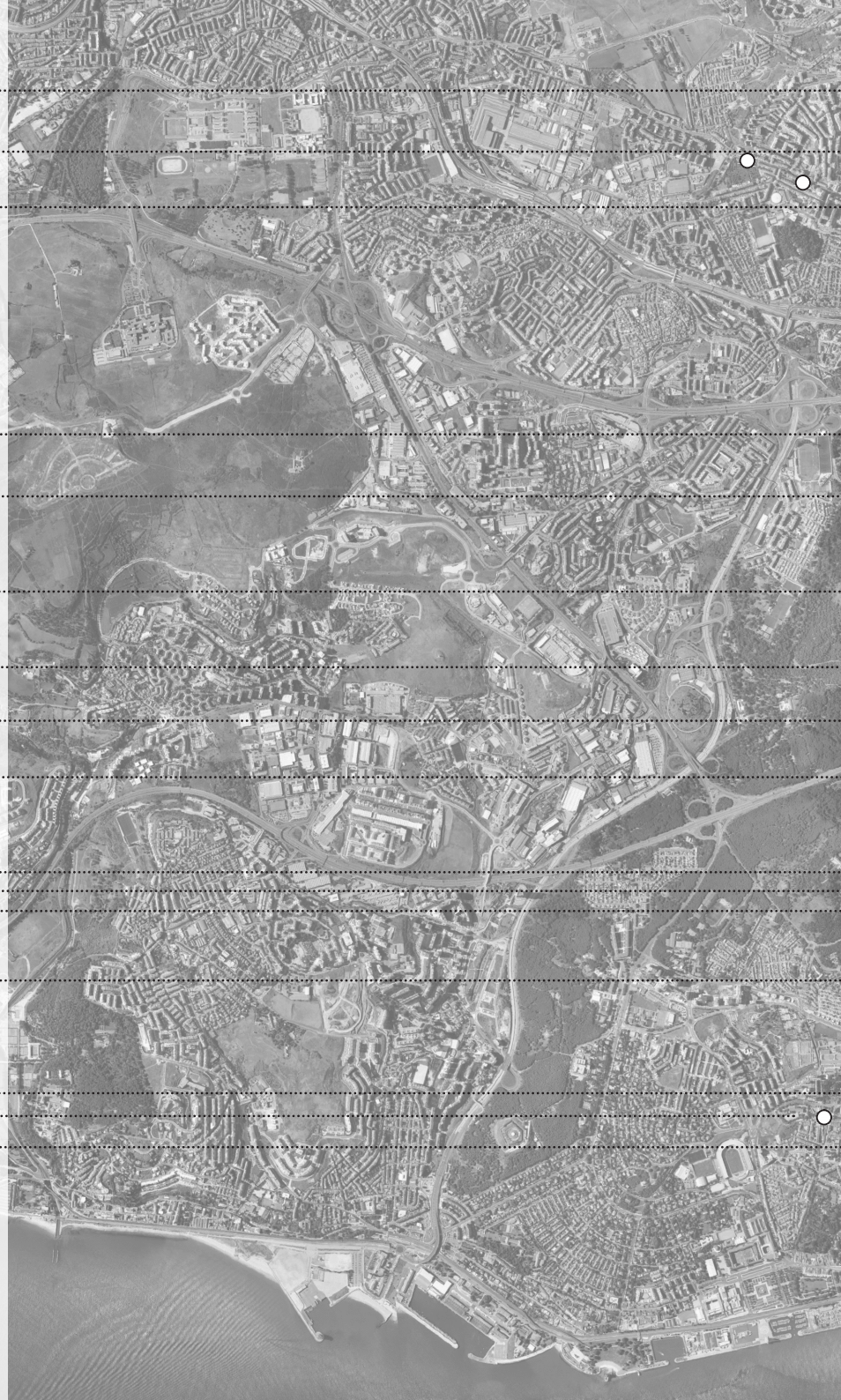


Fig. 7
Ortofotomapa Lisboa



Os seguintes mapas mostram uma considerável produção arquitectónica de Lima Franco e Potier, a qual contribuiu seguramente para a dinâmica e crescimento urbanístico da capital portuguesa. A tabela revela a quantidade de projectos por freguesia, desenvolvidos entre 1949 e 1958. Na sua maioria, trata-se de uma obra desconhecida, de certa forma anónima, na medida em que nunca foi levantada e raramente referida em revistas da época ou estudos posteriores, e que agora se identifica.

Freguesia	Quantidade de Projectos
Alvalade/ Campo Grande	23
Beato	21
Benfica/ São Domingos de Benfica	11
Penha de França	9
São Jorge de Arroios	7
Campolide	6
Santo Condestável	5
São Sebastião da Pedreira	4
Nossa Senhora de Fátima	2
Santa Justa	3
Ajuda	3
São Cristóvão	1
Santos - o - Velho	2
Santa Isabel	1
Graça	2
Alcântara	2
Alto da Pina	1
Graça	1
São Mamede	1
Coração de Jesus	2
São Vicente de Fora	1
São José	1

Planta Alvalade

No quadro acima destaca-se o bairro de Alvalade, não só pela quantidade de vinte e duas obras, como também pela qualidade arquitectónica e pelo programa público, no caso do cinema. Nos projectos da avenida do Rio de Janeiro (São João de Brito), iniciados no final dos anos 40 pelos autores Dário Silva Vieira (1908-1956) e José Lima Franco, Manolo Potier confirma uma activa colaboração, mas não assina ainda estes projectos.⁶¹ Todavia, em 1958, *“O especulador imobiliário Emídio Pinheiro, antigo cliente do escritório e promotor nesta área da cidade, solicita a Potier, quando este está já afastado de Lima Franco, um novo edifício de quatro pisos para a Avenida Rio de Janeiro (...).”*⁶² Ainda no mesmo bairro, a dupla Lima Franco/ Potier projectam oito prédios na rua Dr. Gama Barros, junto ao Bairro das Estacas, e três na avenida de Roma⁶³, sendo um o conhecido cinema Alvalade.⁶⁴

A história do cinema Alvalade está fortemente ligada à construção do bairro Alvalade. O plano⁶⁵, desenhado pelo Arquitecto Faria da Costa e aprovado em 1945, destinava-se a 45 000 habitantes, com edifícios para diferentes estratos sociais, desde habitação económica a zona de moradias, devendo o bairro funcionar de modo autónomo. O plano dividia uma área de 230 hectares em oito núcleos estruturados a partir de cinco artérias principais. Nestas, mais largas, situa-se o comércio e outros serviços destinados à comunidade, assim como os apartamentos de mais alto *standing*. Alvalade está ainda próximo do conceito de unidade de vizinhança, em que os núcleos são calculados em função de um determinado número de habitantes, organizados em torno de uma escola primária, a qual devia estar a uma distância passível de ser realizada a pé. Determinavam-se ainda os equipamentos necessários para essa dada população. Nomeadamente, além de cinema, previam-se no bairro

⁶¹ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06.2013

⁶² Milheiro, 2010

⁶³ Avenida de Roma 97 (onde vivia Lima Franco) e avenida De Roma 88 (onde vivia Manolo Potier)

⁶⁴ projecto assinado por Lima Franco e Filipe Figueiredo

⁶⁵ Plano de Urbanização da zona a sul da Av. Alferes Malheiro

dois mercados⁶⁶, dois liceus, um estádio, incluíam-se zonas de pequena indústria e ainda vários serviços e comércios, como vimos, estes últimos mais concentrados nas grandes avenidas⁶⁷. E é precisamente para este bairro que, em co-autoria com Filipe Figueiredo, Lima Franco e Potier⁶⁸ projectam até esta data o único cinema do bairro, o Cinema Alvalade, inaugurado no dia 8 de Dezembro em 1953 com o filme brasileiro “o Cangaceiro”⁶⁹. Na estreia do filme o embaixador do Brasil, o poeta Olegário Mariano⁷⁰ e os três arquitectos do cinema Alvalade estão presentes.⁷¹

⁶⁶ Só um foi construído

⁶⁷ Acciaiuoli, 2012, p. 243-244.

⁶⁸ Manolo Potier não assina o projecto mas confirma uma forte colaboração

⁶⁹ Filme do realizador brasileiro Lima Barreto, que ganhou com o mesmo filme um premio no festival de cinema de Cannes

⁷⁰ Acciaiuoli, 2012, p.244-255.

⁷¹ Entrevista com Manolo Potier, dia 03.08.2013

3.3.1.1. Cinema Alvalade na avenida de Roma (1950-53)

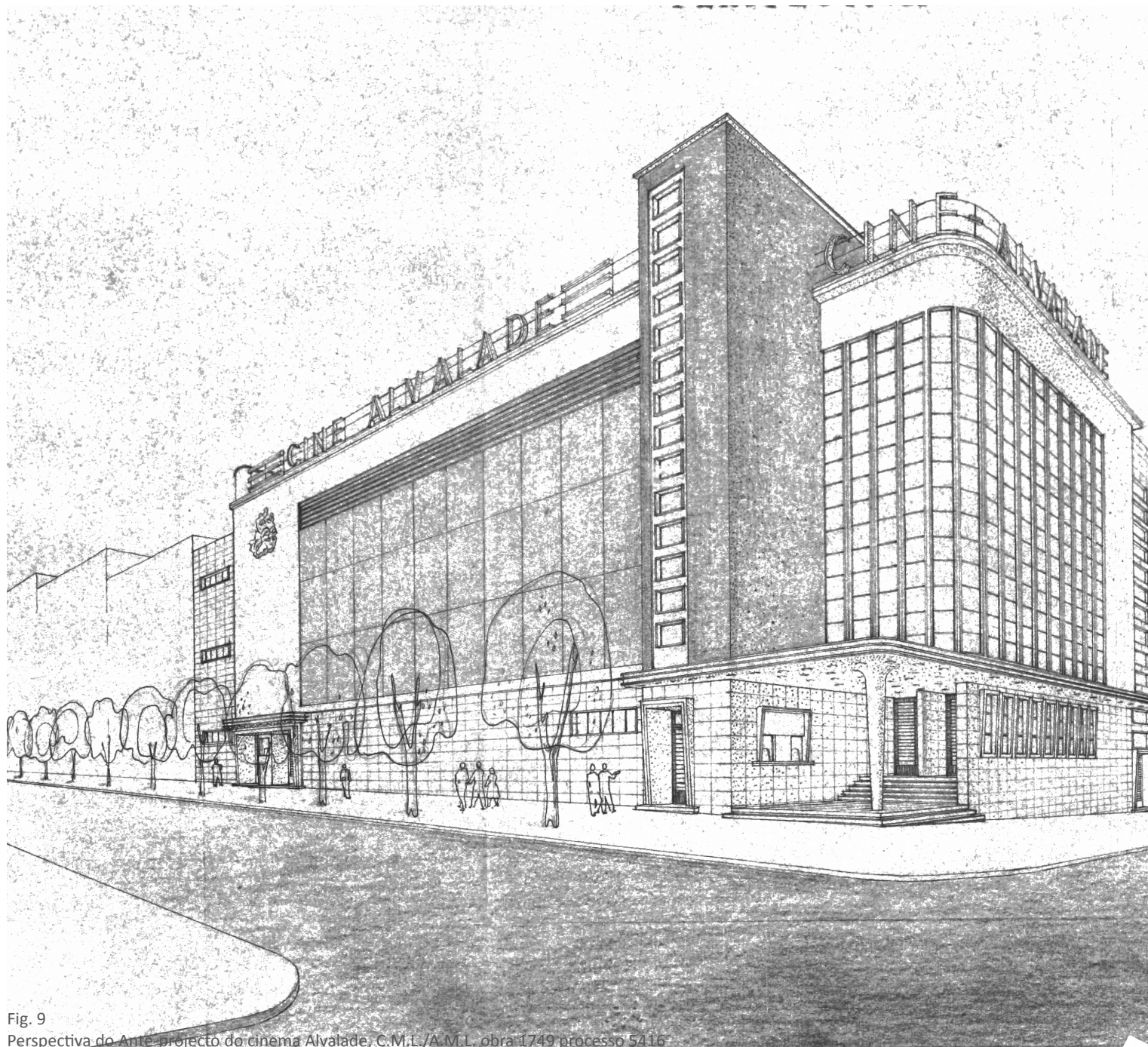
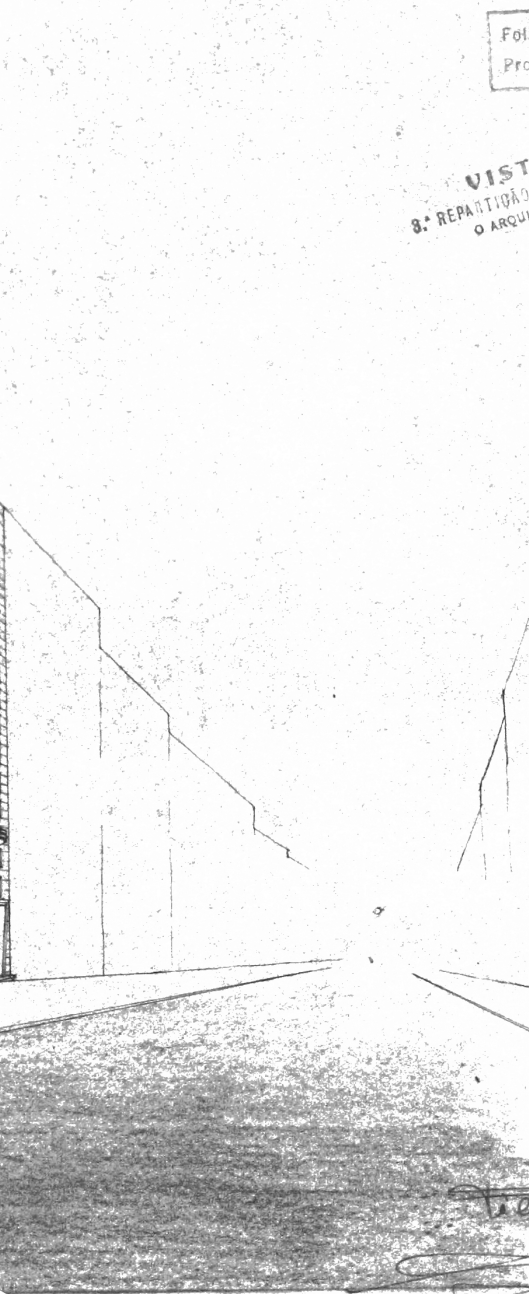


Fig. 9

Perspectiva do Ante-projecto do cinema Alvalade, C.M.L./A.M.L., obra 1749 processo 5416



O “Alvalade”⁷² localizou-se na artéria principal do bairro, a que o atravessa transversalmente e que oferece a maior densidade de estabelecimentos comerciais, na avenida de Roma tornejando a rua Luís Augusto Palmeirim, implantado com um rectângulo de 25m por 44,40m. O Cinema, iniciado com o anteprojecto em 1950 revela várias diferenças em relação ao projecto construído. O projecto inicial consistia num corpo principal e no lado noroeste de mais um volume projectado, correspondendo ao núcleo das escadas. Este corpo secundário tinha uma maior presença do que depois na concretização. Ainda no anteprojecto destaca-se uma pala, como elemento moderno, ao longo da avenida de Roma contornando a entrada e ligando as duas ruas. Esta solução enfatiza por um lado o acesso e por outro define o embasamento em pedra bem aparelhada, solução tradicional qual se torna um elemento de modernidade. Uma diferença significativa entre o anteprojecto e o cinema construído encontra-se na fachada de rua Luís Augusto Palmeirim. A perspectiva (fig. 9) apresenta por cima do embasamento um grande plano aparentemente com painéis, três anos depois encontramos este alçado praticamente liso. Os vãos apresentados em 1950 mostram uma maior diversidade e diferenciação entre janelas de desenho mais tradicionais e vãos tratados como planos, mais abstractos. As duas fachadas principais são desenhadas inicialmente com o mesmo cuidado embora as ruas correspondem a diferentes hierarquias. Assim, tanto a sinalética do cinema no exterior, como a entrada na esquina tinham a mesma importância e visibilidade visto das duas ruas. Na solução final a sinalética foi alterada e posto somente na fachada da avenida de Roma, identificando a fachada principal. Em geral, o edifício construído revela menos expressividade e talvez menos modernidade do que o anteprojecto. O cinema construído tinha uma pala só discretamente

⁷² Nome do cinema na linguagem corrente da população do bairro

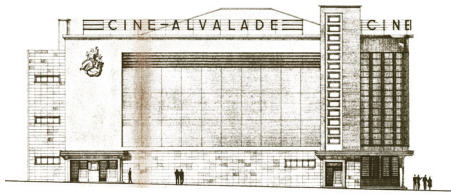


Fig. 10
Alçado lateral, Ante-Projecto, C.M.L./A.M.L.
obra 1749 processo 5416

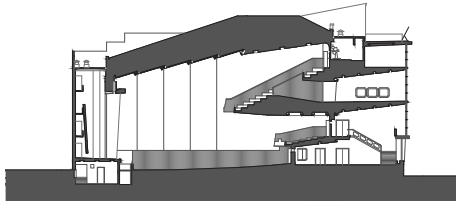


Fig. 11
Corte Esc. 1:1000
Corte redesenhado pela autora

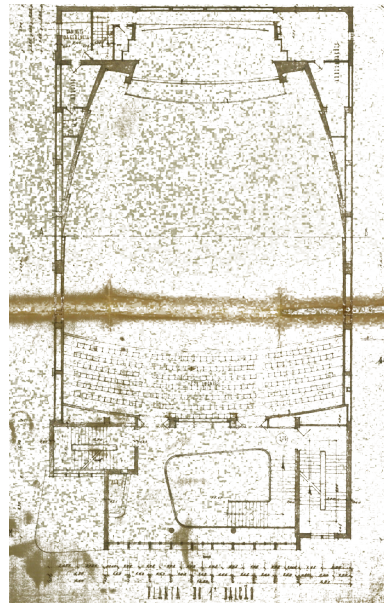


Fig. 12
Planta, C.M.L./A.M.L. obra 1749 processo
5416

insinuada, o volume saliente do lado noroeste perdeu altura e destaca-o em comparação ao anteprojecto, assim como a fachada da Avenida de Roma já não incluiu um envidraçado em curva, que desta maneira dava continuidade à rua “da Praça”⁷³ mas mantinha a verticalidade através dos vãos.

Passando o acesso principal da esquina entrava-se no *foyer* principal iluminado. Uma escada, como elemento principal deste *foyer*, num ângulo de 90 graus permitiu uma passagem próxima ao painel da pintora Estrela Faria, estes dois elementos, a escada e a pintura, caracterizavam este *foyer* de maior dimensão. A integração das artes na arquitectura era uma questão determinante para os arquitectos portugueses do movimento moderno e discutido em Setembro de 1953, no III Congresso da União Internacional de Arquitectos, reunido em Lisboa.⁷⁴ A sala para 1580 espectadores⁷⁵ distribuídos pela plateia e dois balcões superiores acessíveis por três *foyers* separados, revela uma configuração simples. O sistema construtivo moderno a partir do uso de betão permitiu ter os balcões suspensos sem apoio de pilares no meio da sala (fig. 11). A cobertura assenta sobre um estrutura metálica, que dá corpo às duas águas e outras partes planas da cobertura (fig16).

Vários cinemas já tinham sido construídos, entre outros o cinema Tivoli (1925) de Raul Lino, o Capitólio (1931) de Cristino da Silva, o Europa (1930) de Raul Martins, o Paris (1931) de Victor Manuel Carvalho e o Cine-Arte (1940) no Largo de Santos, de Rodrigues Lima, trazendo uma dinâmica moderna à cidade, com novos equipamentos de entretenimento⁷⁶, a maioria deles dirigidos pela SIMO⁷⁷, uma sociedade de grandes empresas de distribuição cinematográfica responsável também pela publicidade da zona e do cinema.⁷⁸

⁷³ Assim chamado pelo povo

⁷⁴ Milheiro, 2010.

⁷⁵ Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva, Obra 1749 - Processo 46040-DAG-PG-1953

⁷⁶ Introduzidas em Portugal na primeira metade do séc. XX, porém já em 1896 estreava se o animatógrafo no Real Coliseu em Lisboa

⁷⁷ Sociedade Imobiliária de Cinema

⁷⁸ Acciaiuoli, 2012, p.245.

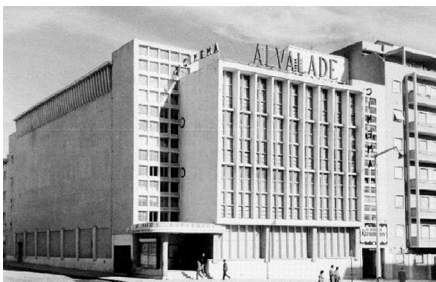


Fig. 13
Cinema Alvalade, Fotografo Fernandes,
Salvador de Almeida, C.M.L./A.M.L/A.F

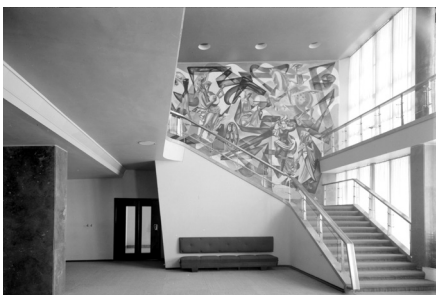


Fig. 14
Foyer principal, Mario Novais, Arquivo
Fundação Gulbenkian



Fig. 15
Sala de cinema, Mario Novais, Arquivo
Fundação Gulbenkian

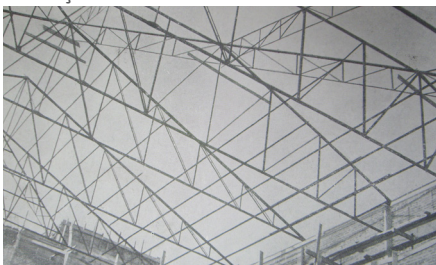


Fig. 16
Estrutura cobertura, Arquivo Cinemateca

Em 2003, o Cinema foi demolido e o painel da Estrela Faria foi retirado e reposto posteriormente no mesmo local.

“O Alvalade morreu de vez. E mesmo correndo o risco de me chamarem passadista devo confessar que me custa ver desaparecer uma casa que me viu crescer, que viu crescer os meus filhos e que já faz parte da paisagem habitual do meu dia-a-dia. Fronteira à grande escola Eugénio dos Santos, fazendo esquina com a rua que todos conhecemos por rua da Praça mas que se chama na verdade de Augusto Palmeirim, o Alvalade é neste momento um monte de entulho. Foram-se a plateia, a tribuna, os imensos “foyers”, a escadaria, o palco. Daqui a alguns meses nascerá outro Alvalade com várias salas de cinema para outros Antonionis e outros Truffaut, talvez até para outros festivais. Mas aquela esquina da Avenida de Roma com a rua Augusto Palmeirim nunca mais será a mesma.”⁷⁹

⁷⁹ Arquivo cinemateca: Duarte, Maria João Rolo “ A morte do cinema Alvalade” 25.08.2003 no Jornal de Notícias

3.3.1.2 Rua Gama Barros (1952-53)

A Rua Dr. Gama Barros situa-se na zona oito do Plano de Urbanização de Faria da Costa, paralelo à Av. Estados Unidos de América. Os projectos realizados por Lima Franco e Potier são levados a cabo em 1953. A célula oito estava definida como zona mista, incluindo comércio. Os prédios da dupla, junto ao Bairro das Estacas, enquadravam-se num Plano de Conjunto dirigidos pela Câmara Municipal, facto que possibilitou projectar os lotes como um conjunto embora pertencendo a proprietários diferentes.

Os edifícios projectados ligam-se directamente a um quarteirão já existente e são implantados de forma moderna com três inflexões, criando bolsas de praças e zonas exteriores com qualidade tanto para sul como para norte e sem fechar o quarteirão já construído pela Câmara, como se fazia tradicionalmente. A característica de uma arquitectura de continuidade de Potier e Lima Franco reconhece-se aqui sobretudo na implantação.

Segundo a memória descritiva, os projectistas entendem que *“a execução do prolongamento da Rua Dr. Gama Barros e sua ligação à Av. Estados Unidos da América deve constituir uma transição entre as construções existentes na citada Rua e os blocos projectados pela C.M.L para aquela Av. já dentro de outros moldes e concepções”*.⁸⁰ O momento de transição descrito é bem visível pelo “eclectismo” do desenho, no fundo um compromisso entre a cidade mais tradicional e a arquitectura moderna que também tinha os seus exemplares no próprio Bairro de Alvalade. O desenho de perspectiva onde simulam o conjunto com um dos blocos da Avenida EUA em pano de fundo e construídos em 1963-66⁸¹, então projectados por Leonardo Castro Freire (1917-1970), atesta a consciência de uma arquitectura mais racional.

O conjunto de casas, no interior do núcleo, mostra semelhanças aos estudos do anteprojecto de Casas de Renda Económica do Arq. Miguel

⁸⁰ Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva, Obra 24822 - Processo 22636/DAG/PG/1952

⁸¹ Costa, 2002, p. 121.

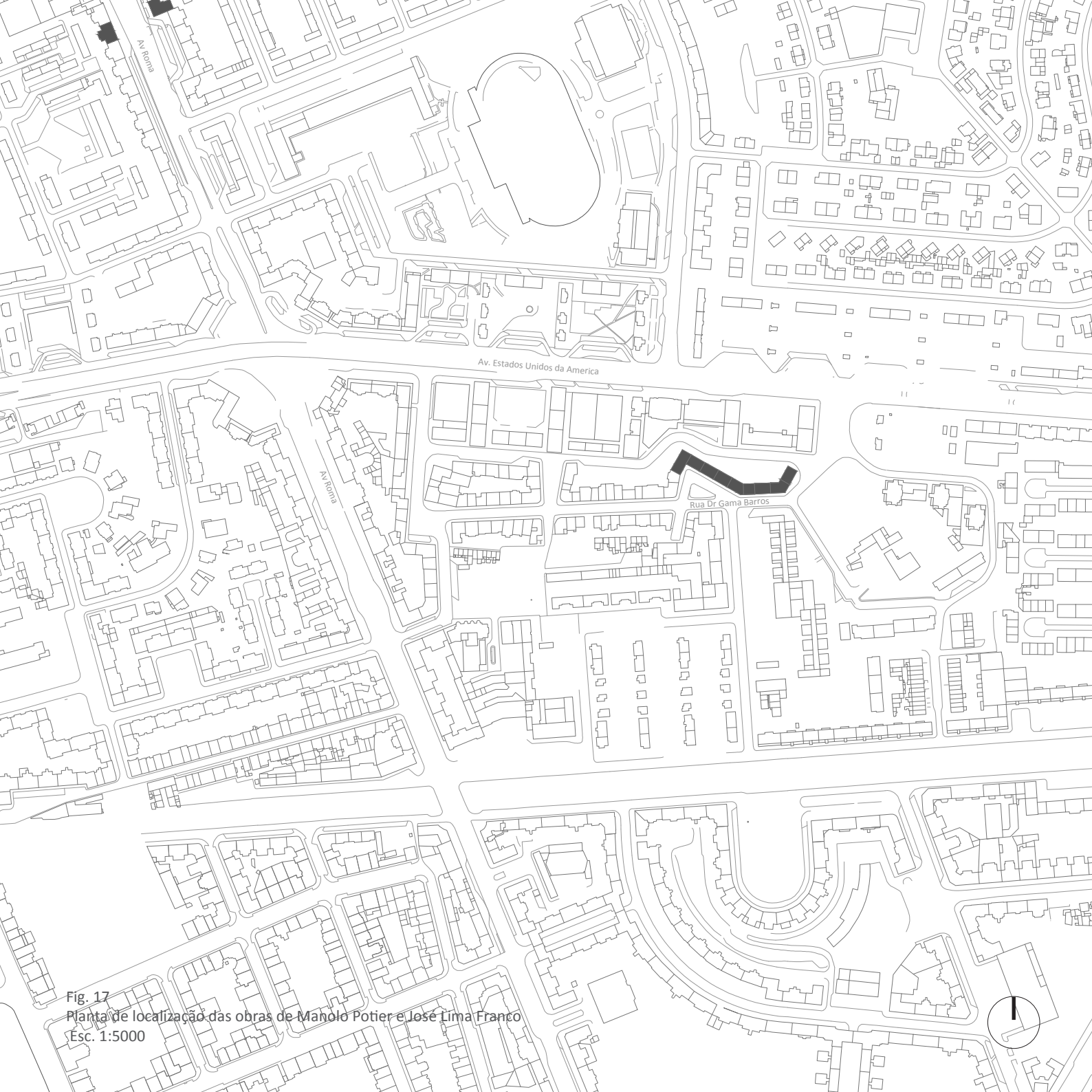


Fig. 17
Planta de localização das obras de Manoel Potier e José Lima Franco
Esc. 1:5000

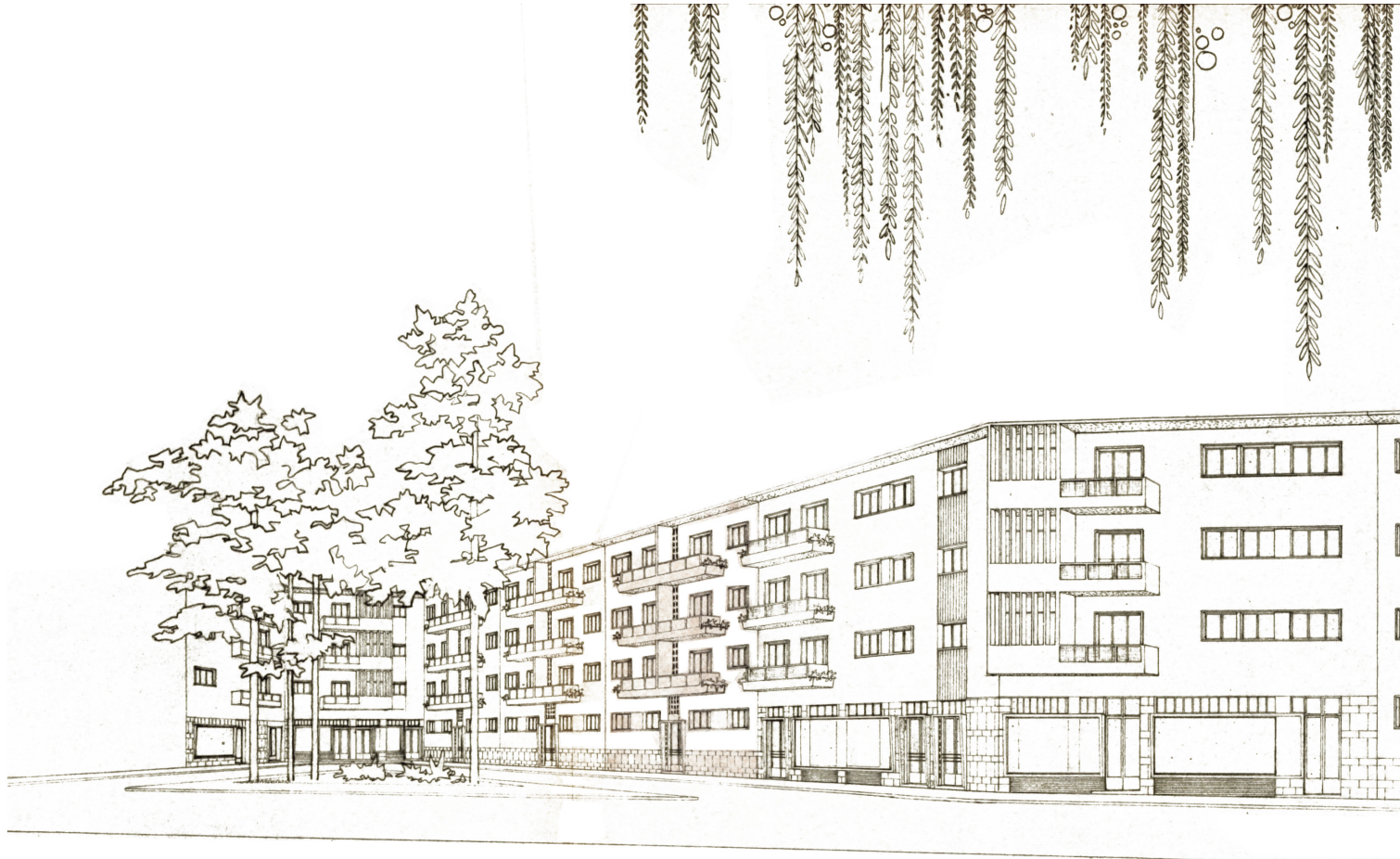
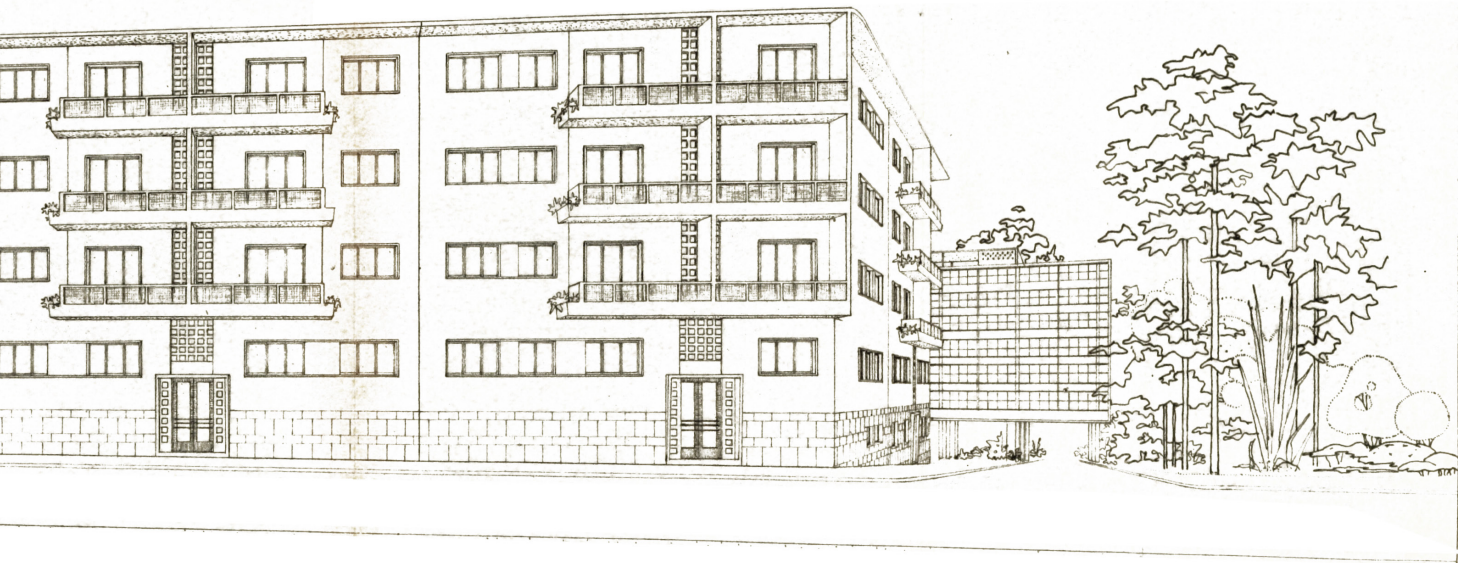


Fig. 18
Perspectiva do conjunto habitacional da rua
Gama Barros, C.M.L./A.M.L/ obra Obra 955



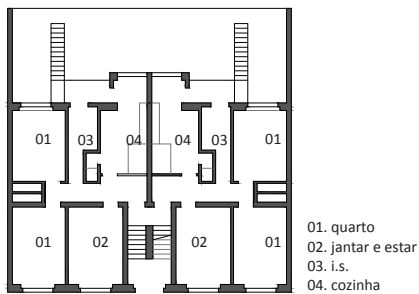


Fig. 19
Planta r/c, Esc.1:400
Planta redesenhada pela autora

Jacobetty (1901-1970) em 1945-46. Tal como previsto por Jacobetty, em tipologias de edifícios de Renda Económica⁸², as habitações na rua Gama Barros compunham-se de r/c. e três andares, e dois inquilinos por piso. Até a própria simplicidade das fachadas responde a essa estratificação, como dito, correspondendo a diferentes estratos sociais. Os alçados com varandas projectadas, *“tanto a norte como a sul, serão tratados com o mesmo cuidado, visto que uma e outra confinam respectivamente para o futuro parque público e rua Dr. Gama Barros.”*⁸³ O núcleo central das escadas recebe luz natural pelas grelhas, elemento que revela uma verticalidade no exterior. O embasamento em pedra e os *“vãos de janelas contornados com faixa de cantaria lioz de 0,05m”*⁸⁴ são elementos ainda de uma arquitectura mais tradicional. A planta convencional de piso corresponde a dois T2 com áreas modestas, que separavam as várias zonas e ligavam as áreas de cozinha e sala de jantar, com varandas exteriores. Lima Franco e Potier aplicaram em todos os imóveis da rua citada, a tecnologia moderna do betão armado para os elementos estruturais.⁸⁵ A cobertura, típica para casas económicas, de *telha tipo “Marselha”*, assenta sobre uma *“estrutura de madeira formando asnas com as secções usuais para cada peça”*⁸⁶.

⁸² Costa, 2002, p. 48-51.

⁸³ Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva, Obra 24822 - Processo 22636/DAG/PG/1952

⁸⁴ Idem.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.



Fig. 20
Rua Gama Barros, Maria Pommrenke 2013

3.3.2 Beato

O bairro da Picheleira situa-se no extremo ocidental da freguesia do Beato. Os primeiros planos de urbanização para a esta zona são de 1927-1937⁸⁷ e referem-se a arruamentos destinados a habitação de Renda Económica. A Rua João do Nascimento Costa ganha corpo mais tarde, a partir de um projecto de arruamento iniciado em 1949, que já não se destinava só a habitação económica, mas também a categorias de habitação colectiva, zonas industriais, ferroviária, áreas destinadas a instalações desportivas, comércio, escolas, igrejas e cinema.⁸⁸ A partir da encomenda camarária, foi possível construir os mais de vinte prédios com uma linguagem semelhante, embora para proprietários diferentes, tal como na rua Gama Barros.

⁸⁷ Anteprojecto de arruamentos destinados a habitações económicas entre a calçada da Picheleira, linha férrea de Cintura, quintas da Conceição de Cima, dos Embrechados e azinhaga do Carrasca, Arquivo Municipal de Lisboa

⁷⁰ Arquivo Municipal “Projecto de arruamentos para o Bairro da Picheleira”



Fig. 21
Planta de localização das obras de Manoel Potier e José Lima Franco
Esc. 1:5000



3.3.2.1 Rua João do Nascimento Costa (1952-1958)

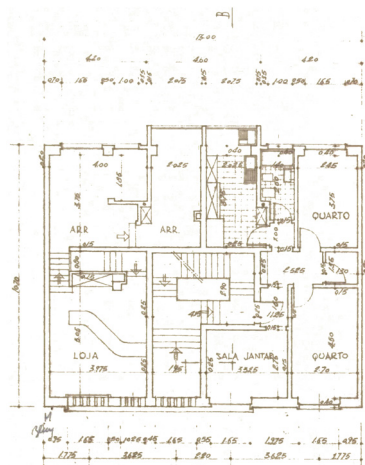


Fig. 22
Planta r/c, C.M.L./A.M.L. Obra 10076 Processo 48400

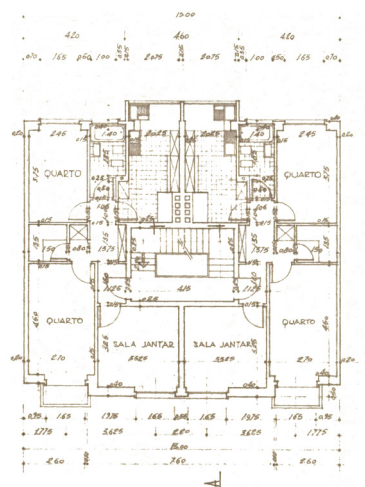


Fig. 23
Planta andares -tipo- C.M.L./A.M.L. Obra 10076 Processo 48400

As casas de renda económica da rua João do Nascimento Costa, semelhantes em alguns aspectos às da rua Gama Barros, compõem-se geralmente por quatro pisos, e uma cave e o rés-do-chão dividido em habitação e loja. Aqui surge um novo desafio devido ao forte desnível da rua. Potier e Lima Franco resolvem este problema com o alinhamento das cérceas e diferentes cotas de rés-de-chão (r/c), por vezes caves e de quando em quando, desalinhamento entre edifícios, ligando desta forma o r/c de uns com o primeiro piso do edifício contíguo. Os vãos regulares com moldura em "cantaria lioz de $\approx,05m$ "⁸⁹ e as varandas salientes a partir do primeiro piso criam uma grande conformidade e monotonia ao longo da rua. A parte central de cada bloco na fachada principal está ligeiramente projectada, como em muitas outras obras destes arquitectos. A configuração espacial da planta tipo consiste em duas habitações por piso, T2 e T3, de áreas reduzidas, enquadrados num programa de habitação modesta. A cozinha virada para as traseiras, prolonga-se por um volume que sai do corpo principal. A cobertura foi construída, como no exemplo anterior, em telha tipo "Marselha" assente em estrutura de madeira. O sistema construtivo usado baseia-se no betão armado.⁹⁰ A dupla deixou fortes vestígios pela quantidade considerável de vinte e um prédios nesta zona, quase todos ao longo da rua João do Nascimento Costa.⁹¹

⁸⁹ Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva Obra 10076 Processo 48400/DAG/PG/1952; Memória descritiva Obra 10308 Processo 48406/DAG/PG/1952; Memória descritiva Obra 10319 Processo 48398/DAG/PG/1952; Memória descritiva Obra 20277 Processo 29638/DAG/PG/1953, Memória descritiva Obra 10027 Processo 48246/DAG/PG/1952

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Segundo Potier a encomenda da câmara referia-se a cerca de trinta edifícios.



Fig. 24
Rua João do Nascimento Costa, Maria Pommrenke 2013

3.3.3 *Benfica*

Benfica, como bairro lisboeta, estabelece-se a partir dos anos 50. *“Os terrenos, tal como em outras saídas da cidade para norte, não são municipalizados por Duarte Pacheco, sendo ocupados de forma maciça e desordenada até aos anos 80. É uma operação concretizada com base em estudos e loteamentos privados, assumidos pela Câmara Municipal, numa zona de antigas quintas dos arrabaldes. Benfica tem um papel importante a desempenhar como alternativa locacional para as actividades económicas terciárias, situando-se entre o centro tradicional e o vasto território residencial da Amadora, Queluz e Cacém.”*⁹²

⁹² Salgado, Lourenço, 2006, p. 92.



Estr Benfica

R Gen Moraes Sarmento

AV GOMES PEREIRA

Fig. 25
Planta de localização das obras de Manoel Póster e José Lima Franco
Esc. 1:5000



3.3.3.1 Rua Geral Morais Sarmiento e avenida Gomes Pereira (1956)

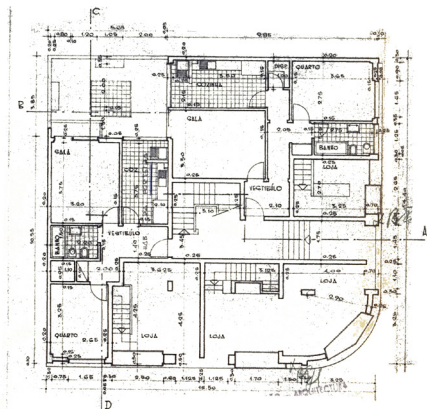


Fig. 26
Planta do andar - tipo, C.M.L./A.M.L. obra 32470 Processo 25794

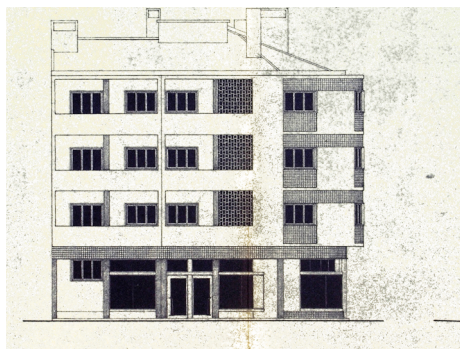


Fig. 27
Alçado sul, C.M.L./A.M.L. obra 32470 Processo 25794

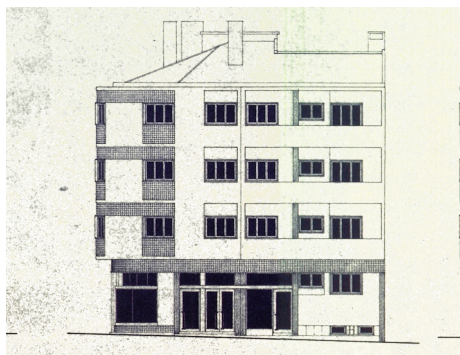


Fig. 28
Alçado este, C.M.L./A.M.L. obra 32470 Processo 25794

Em Benfica, da autoria do *atelier* do largo andaluz, além de três edifícios na Estrada de Benfica, existem mais seis junto à avenida Gomes Pereira, na rua Geral Morais Sarmiento, implantados com a orientação a Norte/Sul. Estes imóveis de habitação colectiva compostos por cave, rés do-chão e três andares, são “de características modestas () sem descurar um mínimo de comodidade que o conforto e a higiene impõem”⁹³. O edifício de gaveto integra na cave as arrecadações, um apartamento e a habitação do porteiro. O piso térreo destina-se a quatro estabelecimentos comerciais e duas habitações. Os pisos superiores, de plano saliente em relação ao piso zero, são concebidos para três apartamentos por andar. A planta tipo dos restantes edifícios ao longo da rua General Morais Sarmiento da autoria de Lima Franco e Potier apresenta semelhanças à planta dos edifícios na rua Gama Barros, no sentido em que um núcleo central de escada permite acesso a dois T2, por andar, com as cozinhas viradas para norte. Aqui os quartos nos topos laterais do lado sul estendem-se por uma pequena varanda, as mesmas hoje fechadas e tornadas num espaço interior. Com a homogeneidade dos alçados ao longo da rua General Morais Sarmiento procura-se uma “*composição agradável, mas económica*”⁹⁴. Os vãos de janelas são contornados e marcados com cantaria “*lioz*”⁹⁵. A fachada principal leva “*um soco de cantaria e mosaico cerâmico (...) até à altura do piso um*”⁹⁶. A cobertura como em outros exemplos já vistos compunha-se mais uma vez de asnas de madeira e telhas de tipo “marselha”.

⁹³ Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva obra 32470 Processo 25794/DAG/PG/1956

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem.



Fig. 29
Alçado este

3.3.4 São Jorge de Arroios

Arroios integra-se nos planos urbanísticos do engenheiro Ressano Garcia, desenvolvidos no início do séc. XX. O prolongamento da Rua Nova da Palma até à actual Avenida Almirante Reis, estabeleceu a nova zona *ao “longo das suas margens expropriadas por utilidade pública, com lotes vendidos a proprietários privados. A dificuldade de realizar expropriações por largas manchas levou a Câmara a entregar à iniciativa de promotores particulares a edificação e a própria urbanização”*⁹⁷ deste bairro. A zona estende-se a partir da artéria principal Almirante Reis e foi desenhada com uma certa ortogonalidade, existem excepções de inflexões onde a as vias da cidade existente se cozem com as novas.⁹⁸

⁹⁷ Salgado, Lourenço, 2006, p.66.

⁹⁸ Idem.



Fig. 30
Planta de localização das obras de Manoel Potier e José Lima Franco
Esc. 1:5000

3.3.4.1 Rua Marques da Silva e Rua Francisco Sanches (1953-54)

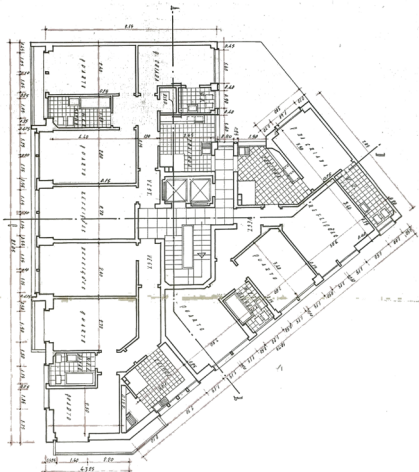


Fig. 31
Planta r/c, C.M.L./A.M.L. obra 13455 Processo 18892

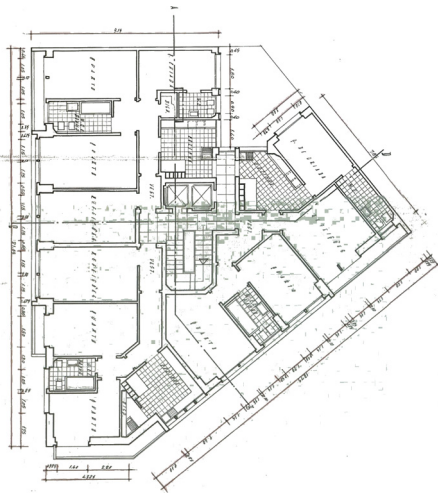


Fig. 32
Planta do andar - tipo, C.M.L./A.M.L. obra 13455 Processo 18892

No bairro de São Jorge de Arroios, numa zona de encosta do lado Este da avenida Almirante Reis, identificam-se cerca de sete edifícios da autoria desta dupla, um lote na rua Marques da Silva e rua Francisco Sanches previsto para a construção de seis prédios destinados a um programa residencial. Um anteprojecto apresentado em 1953 já mostrava um estudo sobre o terreno. À proposta seguiu-se os projectos de vários edifícios, sendo o mais interessante o de gaveto. Composto de r/c e cinco andares, com três apartamentos por piso, “à excepção do r/c que em consequência do desnível das ruas, apenas possível neste piso um fogo, um estabelecimento comercial destinado a armazém privativo (...)”. Quanto aos alçados, baseados no mesmo espírito que presidiu à elaboração das plantas, previmos corpos salientes para, de certo modo, tirar um partido estético agradável, evitando a monotonia de uma parede sem ressaltos.”⁹⁹

O desenho das fachadas é caracterizado por vãos contínuos marcados na horizontal, um jogo de planos que varia entre planos projectados e outros recuados e um embasamento em pedra aparelhada. No exterior, o edifício está revestido com mosaico cerâmico sempre “assegurando o rápido escoamento das águas pluviais.”¹⁰⁰ A dupla combine em quase todos os projectos aspectos da cidade antiga (janelas com cantoria, pedra no embasamento) com elementos mais modernos como de betão para a estrutura, vãos em banda e vários planos entre outros. A planta, mostrando o gaveto, tem uma configuração pouco convencional, resolvendo um “ângulo apertado”¹⁰¹ e tendo o “carácter económico em vista, a um mínimo de comodidades”¹⁰². Entre as diferentes áreas de dormir, estar e comer não existe nenhuma diferenciação na planta, justificado, segundo Agarez, pela necessidade de criar três habitações a partir de um mesmo núcleo de escadas e dois elevadores e pelo “entrosamento de duas geometrias

⁹⁹ Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva, obra 13455 Processo 22540/DAG/PG/1953

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Agarez, 2009, p. 161.

¹⁰² Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva, obra 13455 Processo 22540/DAG/PG/1953

Fig. 33
Rua Marques da Silva e rua Francisco
Sanches, Maria Pommrenke 2013



rígidas, oblíquas entre si (...) que por vezes geram nos espaços da habitação situações intersticiais irregulares, de duvidoso aproveitamento."¹⁰³ A estrutura do edifício é em betão armado.

¹⁰³ Agarez, 2009, p. 161.

3.3.5 Santo Condestável

Na freguesia Santo Condestável identifica-se cinco edifícios residênciais da autoria de Potier e Lima Franco. O bairro de Campo de Ourique enquadrado nesta freguesia surgiu nos primeiros anos do séc. XX, em terrenos situados fora dos limites da cidade e baseava-se num Plano desenvolvido em 1906, por Ressano Garcia, no contexto do “Plano Geral de Melhoramento da Cidade”. A partir de 1878, momento quando a Câmara Municipal intencionou de ligar a *“velha Rua de Campo de Ourique ao último troço da Rua Saraiva de Carvalho, aberto em 1963 para dar acesso ao Cemitério Ocidental, situado na quinta dos Prazeres sobre Alcântara”*¹⁰⁴. O desenho do bairro caracteriza-se por uma malha de traçado ortogonal e geométrico, facilitando a instalação das infra-estruturas.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Salgado, Lourenço, 2006, p.98.

¹⁰⁵ Idem.



Fig. 34
Planta de localização das obras de Manoel Potier e José Lima Franco
Esc. 1:5000



3.3.5.1 Rua Ferreira Borges (1954)



Fig. 35
Rua Ferreira Borges, Maria Pommrenke 2013

Na zona de Santo Condestável identificámos cinco projectos realizados, e é precisamente neste bairro que Manolo Potier, ainda como estudante de arquitectura, assina em 1947 o seu primeiro projecto, uma alteração de uma habitação para um botequim, na Rua Ferreira Borges 33.¹⁰⁶

Na mesma artéria, no cruzamento da rua Ferreira Borges 193, com a rua Campo de Ourique 123, destaca-se um prédio de nove pisos (Cave, rés-do-chão e seis pisos). O rés-do-chão recuado é justificado para uma melhor relação, com uma futura praça prevista no Plano de Urbanização de Campo de Ourique, orientado por José Lima Franco desde 1951.¹⁰⁷ Segundo Agarez e baseado na memória descritiva, o piso 0 recuado e os números totais dos pisos não cumpriam com o regulamento, suspeitando que *“o poder de influência de Lima Franco na Câmara Municipal permitiu a aceitação das irregularidades e a obtenção da licença para a construção.”*¹⁰⁸

Os alçados são desenhados, no lado nascente, por vãos de peito orientados horizontalmente, dando continuidade através de varandas corridas. A fachada virada para norte integra uma parte cega, vãos em cantaria e varandas alinhadas com estes vãos em cantaria. Os vários pisos deste prédio são acessíveis através de um núcleo central de escadas e de um elevador. Cada andar compõe-se de dois apartamentos de tipologia T4 e uma sala comum dos dois, situado particularmente no gaveto. Agarez sublinha que na planta, *“o quarto da empregada poderia ser utilizado como um quarto normal, pelo facto ser independente da cozinha e ligado ao vestíbulo íntimo”*¹⁰⁹, valorizando desta forma o interior pela flexibilidade programática. A área do gaveto está ocupada particularmente com uma sala comum para os habitantes das casas. O oitavo piso, com dois apartamentos de áreas reduzidas é recuado à fachada principal, oferecendo assim um

¹⁰⁶Arquivo Municipal de Lisboa, Memória descritiva Obra 10121 Processo: 37636/DSC/PG/1947

¹⁰⁷Segundo Agarez este recuado, bem como o número total dos pisos e o avanço do conjunto, acima do piso térreo, sobre o gaveto, não cumpriram os regulamentos.

¹⁰⁸Agarez, 2009, p. 188

¹⁰⁹Agarez, 2009, p. 188.

terraço com vistas privilegiadas sob o próprio bairro e o das amoreiras. O uso da tecnologia de betão armado é um dos aspectos que normalmente caracterizam um edifício com uma linguagem corrente moderadamente moderna. A cobertura plana assenta sobre uma estrutura em betão permitindo a utilização do telhado para implantar as áreas técnicas do prédio.

Uma outra obra de uma linguagem semelhante localiza-se ainda no mesmo bairro, na rua Azedo Gneco 38, embora não tão bem articulado e actualmente sofrendo de obras exteriores (anexo SCO.04).

3.3.6 São Sebastião da Pedreira

O cruzamento da Avenida Fontes Pereira de Melo com a Avenida Sidónio Pais e da Avenida António Augusto Aguiar faz parte das “Avenidas Novas” em Lisboa. O Plano de 1888, de Ressano Garcia, integra-se no “Plano Geral de Melhoramentos da Cidade” e inspirou-se no urbanismo francês do séc. XIX. *“O Plano, a urbanização e o loteamento foram de responsabilidade Municipal, numa vasta área expropriada e depois vendida por lotes em hasta pública.”*¹¹⁰ Os promotores privados construíram sucessivamente os edifícios durante a primeira metade do séc. XX, dando resposta à procura de negócios e rendas imobiliárias.¹¹¹ Cristino da Silva (1896-1976) desenvolveu o plano geral para o lado oriente do Parque Eduardo VII, constituído entre 1938 e 1943, por dois quarteirões delimitados pela Av. Sidónio Pais e Av. António Augusto de Aguiar. Os projectos individuais de prédios de rendimento, por exemplo de Pardal Monteiro (1897-1957) na Av. Sidónio Pais nº16¹¹², ou de Veloso Reis Camelo na mesma avenida nº14, construído em 1945, muito semelhantes exteriormente, são delimitados pelas directrizes do plano de Cristino da Silva, numa linguagem historicista do estilo “português suave”.¹¹³

¹¹⁰ Salgado, Lourenço, 2006, p.68.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Construído entre 1945-1949

¹¹³ Agarez, 2009, p. 110. e www.estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/7389/2/II%20Cap%C3%ADtulo.pdf (visitado dia 01.09.2013)



Fig. 37

Planta de localização das obras de Manoel Potier e José Lima Franco

Esc. 1:5000

■ não assinado por M. Potier

3.3.6.1 São Sebastião da Pedreira (1954-1955)



Fig. 38
Avenida Fontes Perreira de Melo e Avenida António Augusto de Aguiar, Maria Pommrenke 2013

A aprovação do Projecto para os lotes da avenida Sidónio Pais 4, avenida Fontes Pereira de Melo 5 e avenida António Augusto de Aguiar 1, de Manolo Potier e Lima Franco, segundo Ana Tostões encerra definitivamente a questão da “procura do estilo lisboeta”¹¹⁴ e é representativo pela postura da C.M.L. perante uma arquitectura moderna. A proposta anterior de Lucínio Cruz no licenciamento em 1954 segue ainda ideias de Cristino da Silva, *“em que os alçados eram bem marcados por vãos generosamente moldurados a cantaria, contidos em panos de reboco esquartelado, destacando de um fundo revestido a pedra e nobilitados por primeiro andar de sacadas e guardas em ferro forjado.”*¹¹⁵

Para os dois lotes contíguos, Manolo Potier e Lima Franco apresentam uma proposta que altera completamente a situação prevista pelo Luciano Cruz, não só na estética do edifício, como também no programa.

*“(…) o imóvel projectado compõe-se de cave, loja, sete andares e mais um recuado acima da cêrcea (...). A cave destina-se a armazém com intercomunicação com a loja que se destina a garagem ou a qualquer fim similar, uma vez que se tem feito sentir, no local, grande falta de instalações deste género, isto é: para recolha de viaturas, os andares destinam-se, em principio, a apartamentos que tanto poderão ser utilizados para habitação como para escritórios, estando a ossatura da construção prevista para a supressão de quaisquer divisórias, o que permitirá aumentar a área de qualquer inquilino na medida das suas necessidades.”*¹¹⁶

Os arquitectos procuram no desenho das fachadas uma arquitectura *“dos nossos dias, com bastante sobriedade e equilíbrio”*¹¹⁷. Os alçados são marcados pela homogeneidade de vãos e pelas janelas em banda que

¹¹⁴ Tostões, 1997, p. 83.

¹¹⁵ Agarez, 2009, p. 110; Milheiro, 2010.

¹¹⁶ Memória Descritiva Obra 27095 Processo: 3354/DAG/PG/1954 Arquivo Municipal de Lisboa

¹¹⁷ Idem.

DE PERSPECTIVA DO CONJUNTO
A CONSTRUIR NOS TOPOS DAS
AVENIDAS ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR E GIDONIO PAIS.

Foiha 2/2
Proc. 2/2

VISTO
8.º REPARTIMENTO (Arquit.
e Arquit. Tec.)

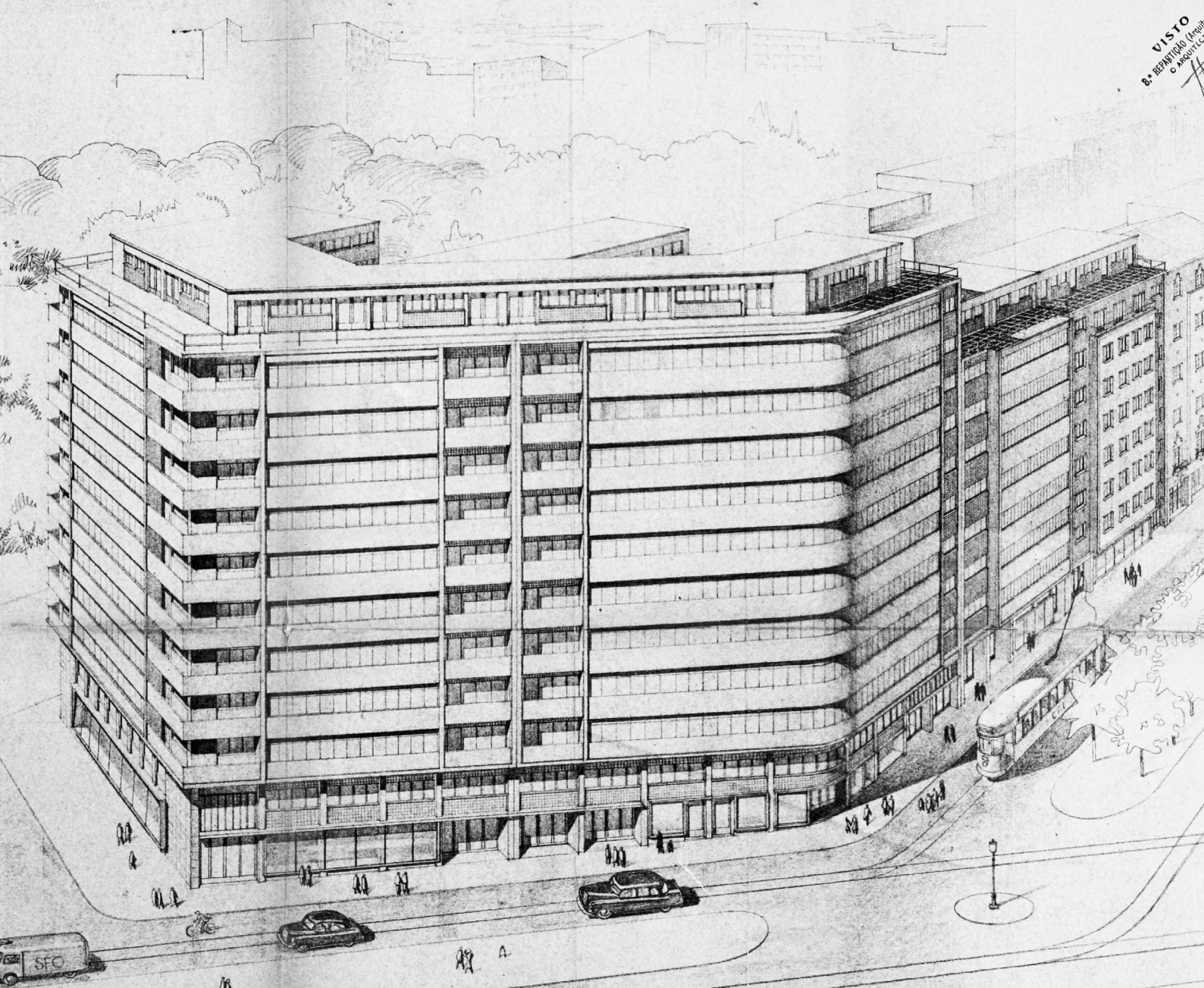


Fig. 39
Perspectiva Avenida Fontes Perreira de Melo e Avenida Antonio Augusto de Aguiar



Fig. 40
Avenida Sindónio Pais, Maria Pommrenke
2013

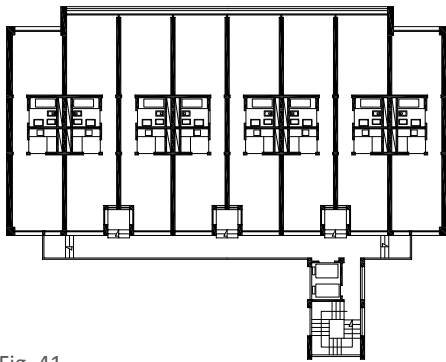


Fig. 41
Plana do andar - tipo,
Arquivo Ana Vaz Milheiro

ênfatisam os pisos existentes. As fachadas representam cores vibrantes, as partes em azulejo amarelado define o plano recuado e ajuda a distinguir entre os quatro edifícios do lote, embora só três da autoria de Potier e Lima Franco¹¹⁸. A configuração da planta dos andares do bloco na avenida António Augusto de Aguiar 3A-3C e a da avenida Sidónio Pais 4-4B são muito semelhantes, com apartamentos em bateria, reduzidos a áreas mínimas, com um comprimento entre 12.50m e 13.70m e uma largura de cerca 3m. Um núcleo de escadas e galerias exteriores como elementos de distribuição permitem acessos a cada casa. As entradas de cada apartamento, subindo dois degraus, permitem uma maior privacidade. A diferença de cota do interior para o exterior da galeria cria uma relação interessante entre eles. O núcleo da instalação sanitária e da cozinha encontram-se no meio de cada apartamento, dividindo a sala e o quarto. Destaca-se a inovação da flexibilidade de uso projectado intencionalmente, em que uma habitação multifamiliar de alta densidade, com uma privilegiada localização no centro, é facilmente transformável em escritório expansível, ou casa temporária unipessoal, ou até num aparthotel. Apesar do conjunto do edificado aparentemente denso, talvez “*pesado*”¹¹⁹, a proposta com as preocupações da flexibilidade de uso, mostra-se sensível às alterações funcionais nas Avenidas Novas e é assim “*responsável por um raro momento de verdadeira inovação na configuração do prédio de rendimento lisboeta, encarado como grande conjunto de unidades de habitação ou trabalho.*”¹²⁰

¹¹⁸ O edifício na Av. Fontes Pereira de Melo 1 é da autoria de Rodrigues Lima e Aníbal Barros da Fonseca

¹¹⁹ Tostões, 1997, p. 83.

¹²⁰ Agarez, 2009, p. 111 e 235.

IMÓVEL A CONSTRUIR NA AVENIDA
SIDÓNIO PAIS - - PERSPECTIVA



VISTO
3.ª REPARTIÇÃO (Arquitetura)
D. ARQUITECTOS

8 FEV. 1964



OS ARQUITECTOS

Luís António & C.º

Hando Göber n.º 119

Fig. 42

Perspectiva avenida Sidónio Pais, C.M.L./A.M.L. obra 270 processo 534/63

3.3.7 Nossa senhora de Fátima

Na freguesia Nossa Senhora de Fátima identificamos dois projectos, embora o mais interessante não realizado.



Fig. 43

Planta de localização das obras de Manoel Potier e José Lima Franco
Esc. 1:5000

■ Projecto não realizado

3.3.7.1 Avenida Visconde de Valmor 20



Fig. 44
Avenida Visconde de Valmor, Projecto de
Victor Palla e Bento d'Almeida
Maria Pommrenke 2013

Ainda nas Avenidas Novas, mais a norte encontramos hoje na avenida Visconde de Valmor 20, um projecto de habitação multifuncional dos autores Victor Palla (1922-2006) e Bento d'Almeida (1918-1997). Para o mesmo lote os projectistas Lima Franco e Potier desenharam um projecto em 1955, segundo Agarez, de maior interesse. Dado a configuração com uma profundidade acentuada do lote os arquitectos propunham uma *“grande construção em T (...) com doze células de habitação dispostas em bateria.”*¹²¹ A organização dos apartamentos é semelhante à do exemplo anteriormente mencionado na avenida António Augusto de Aguiar. Porém em 1955, foi publicado o *despacho presidencial definindo a obrigatoriedade de paralelismo de fachadas*, a imposição de 12 m de profundidade máxima das empenas e logo impossibilitando a ocupação do logradouro.¹²² O processo é assim arquivado em Julho de 1955.

¹²¹Agarez, 2009, p. 128.

¹²²Idem.

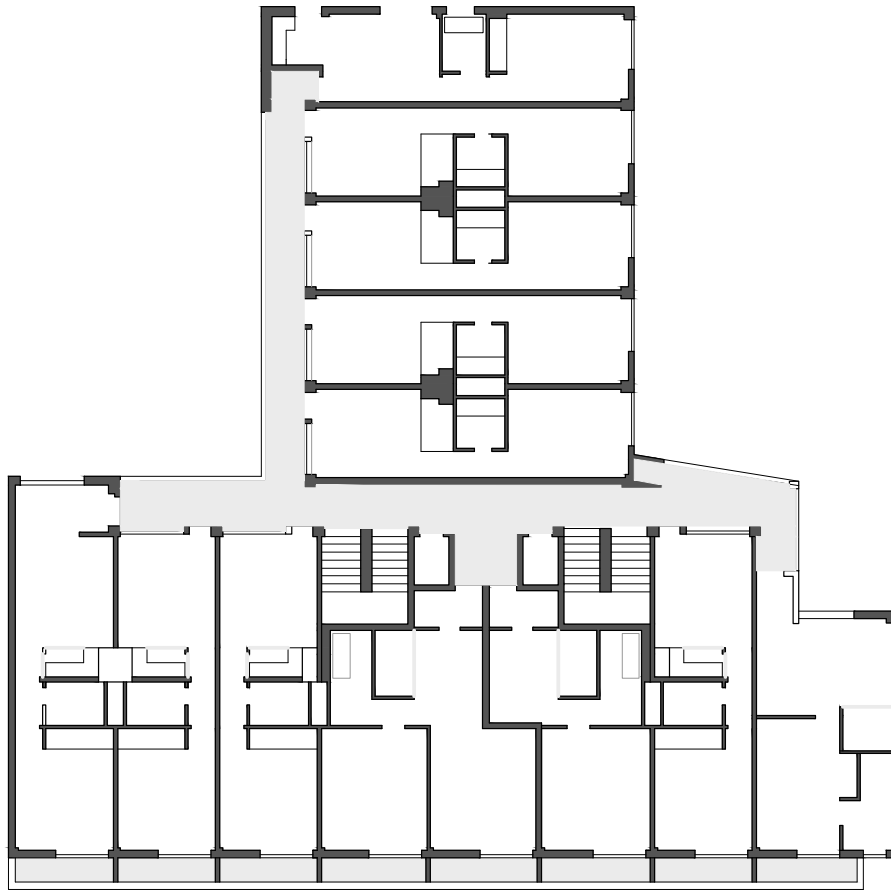


Fig. 45
Planta do andar - tipo, Esc. 1:250
Planta redesenhada pela autora,
não construído

3.3.8 São Cristóvão

A freguesia de São Cristóvão é uma das mais antigas de Lisboa e ocupa uma das zonas mais nobres da cidade, integrando vários palácios, entre outros: o palácio de São Cristóvão, o palácio do Marques de Tancos e o dos Caldas. *“No final do século XII, após a reconquista cristã, já o aglomerado transbordava para fora da cerca, surgindo nessas áreas contiguas a muralha um tecido de características medievais”.* Construiu-se de forma lenta e espontânea,¹²³ adaptando-se à topografia da colina de São Jorge.

¹²³ Salgado, Lourenço, 2006, p.114.

3.3.8.1 Mercado Municipal do Chão do Loureiro (1947-51)



Fig. 47
Planta, Arquivo C.M.L/A.M.L Projecto de instalação de um mercado no Chão do Loureiro 1947

Fora do programa habitual de residências encontra-se o mercado do Chão do Loureiro¹²⁴ destinando à comunidade, encomendado pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa Álvaro Salvação Barreto(1890-1975)¹²⁵. Manolo Potier não assina os desenhos deste projecto mas confirma a forte participação¹²⁶. O mercado foi implantado num pequeno largo, ocupado anteriormente por “casas de valor reduzido” com o intuito de substituir o mercado na Praça da Figueira, segundo Artur d’Almeida d’Eça¹²⁷ em 1947¹²⁸. Devido às idiosincrasias do terreno foi possível construir o mercado com uma elevada verticalidade possibilitando assim acessos a cotas diferentes. Enquanto a entrada principal foi planeada através da rua da Madalena¹²⁹, o largo Atafona e a calçada Marquês de Tancos oferecem igualmente acessos ao edifício. Ainda na calçada Marquês de Tancos, num ponto mais alto, existia uma ligação pedonal para um terraço superior do edifício com uma vista privilegiada sobre Lisboa e o rio Tejo. O terraço mantém-se, embora se tenha tirado a pequena ponte. O mercado antigo, recentemente transformado num silo de automóveis e supermercado, compõe-se de dois volumes de alturas e fachadas diferentes, formando em planta um triângulo com um *pátio* no interior. Os vãos bem marcados tanto na horizontal como na vertical e às vezes ligeiramente salientes, sugerem uma abstracção dos originalmente quatro pisos no interior. As grelhas nas fachadas asseguravam a ventilação natural do edifício, foram entretanto fechadas e transformadas em vãos envidraçados. A entrada na cota mais baixa destaca-se pela moldura e uma quadrícula envidraçada semitransparente. Na cota intermédia passava-se primeiro por uma pala desenhada com certa plasticidade para depois entrar no mercado através do segundo corpo de mais um piso. Ao longo da calçada Marquês de Tancos encontrávamos mais três entradas a cotas diferentes. Com a configuração dos volumes e os vários acessos, o mercado abria-se

¹²⁴ Nome do Mercado escolhido a partir da Travessa do Chão do Loureiro (lado sudeste)

¹²⁵ Presidente da CML entre 1944-1959

¹²⁶ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06.2013

¹²⁷ Director dos Serviços de Abastecimentos da CML

¹²⁸ Projecto de instalação de um mercado no Chão do Loureiro PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10/179

¹²⁹ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06.2013

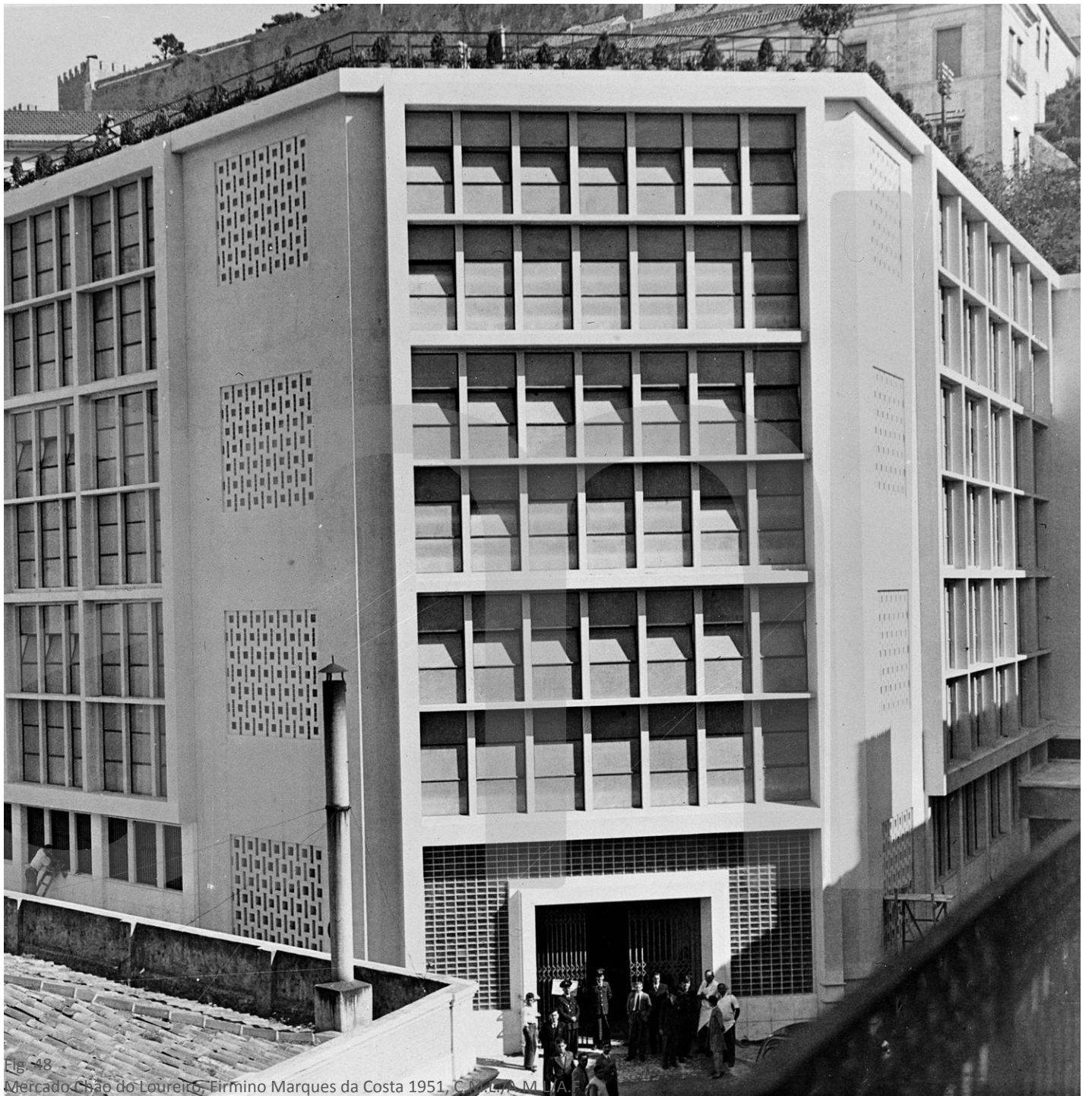


Fig. 48

Mercado São do Loureiro, Firmino Marques da Costa 1951, C.M.L.A. M.L.A.



Fig. 49
Mercado em construção, Firmino Marques da Costa, 1951, C.M.L./A.M.L./A.F



Fig. 50
Ponte para o terraço, Vasco Gouveia de Figueiredo, C.M.L./A.M.L./A.F



Fig. 51
Entrada à cota intermédia, Vasco Gouveia de Figueiredo, C.M.L./A.M.

para à envolvente e “convidava” as pessoas a entrar. O interior caracterizava-se por um pé direito generoso e um espaço amplo permitindo uma circulação em volta do pátio. Uma estrutura de venda mais temporária encontrava-se junto ao “vazio” enquanto nas laterais se situavam as lojas de carácter permanente. A estrutura em betão armado permitia uma grande flexibilidade de uso no interior com circulações livres.

3.3.9 Santos-o-Velho

A Garagem do Conde Barão está inserida na zona entre o Cais do Sodré e Alcântara que pertence a área do “Grande Aterro” e é uma das maiores obras públicas do século XIX, iniciadas em 1855. O aterro deu corpo à frente Ribeirinha com obras como “a marginal” e a linha férrea ligando o Cais do Sodré a Cascais.



Fig. 52
Planta de localização das obras de Manolo Potier e José Lima Franco
Esc. 1:5000



3.3.9.1 Garagem Conde Barão na Avenida 24 de Julho (1951-57)



Fig. 53
Artur Inácio Bastos 1969, C.M.L./A.M.L/A.F

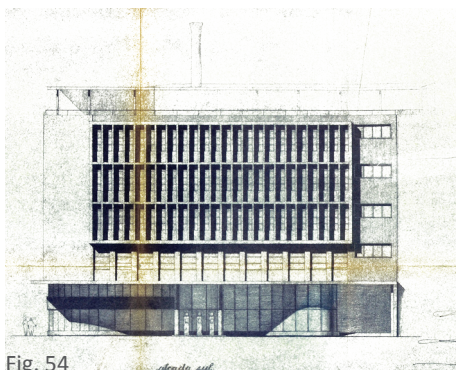


Fig. 54
Alçado principal, C.M.L./A.M.L.Obra 331
Processo 15228

Segundo Ana Vaz Milheiro, a obra mais representativa de Manolo Potier e José Lima Franco é provavelmente a Garagem Conde Barão, na Avenida 24 de Julho 62. A companhia “Garagem do Conde Barão” com sede no largo Conde Barão em Lisboa, viu-se obrigada a criar “*novas e modelares secções do seu ramo automóvel*”¹³⁰, por deficiências no funcionamento. Na memória descritiva de 1952, os arquitectos sublinham que “*é certo que a iniciativa em causa é uma tentativa comercial que se pretende levar a efeito com êxito, também é certo que [] virá em muito a contribuir para um importante melhoramento que a cidade há bastante tempo merece e vem reclamando.*”¹³¹

Ana Vaz Milheiro menciona que o projecto atinge “*uma maturidade compositiva invejável*”, caracterizada pela “*hierarquia funcional que permite dignificar urbanamente um programa aparentemente menos atractivo.*”¹³²

O edifício, localizado entre a Av. 24 de Julho, as Escadinhas da Praia e a Calçada Ribeiro dos Santos, compõe-se de seis pisos com duas entradas autónomas, uma no lado sul pela avenida 24 de Julho e outra na cota mais elevada do lado norte pela calçada Ribeiro Santos. Nos desenhos foi previsto a construção de uma cave, mas o nível da linha de água era mais alto do que previsto. A curva da fachada no rés-do-chão do lado sul, em vidro e de uma grande plasticidade, fazendo lembrar a Vila Savoy de Le Corbusier. O r/c era recuada em relação aos pisos superiores e possibilitava assim uma fluidez ao entrar com os veículos. Ao mesmo tempo formava-se no exterior um espaço para um posto de serviço. Destacava-se também a entrada do lado norte com acesso para o segundo piso através de uma rampa inclinada. O

¹³⁰ Processo de obra 331, Processo 15228/DAG/PG/1951 Arquivo Municipal de Lisboa

¹³¹ Idem.

¹³² Milheiro, 2010.

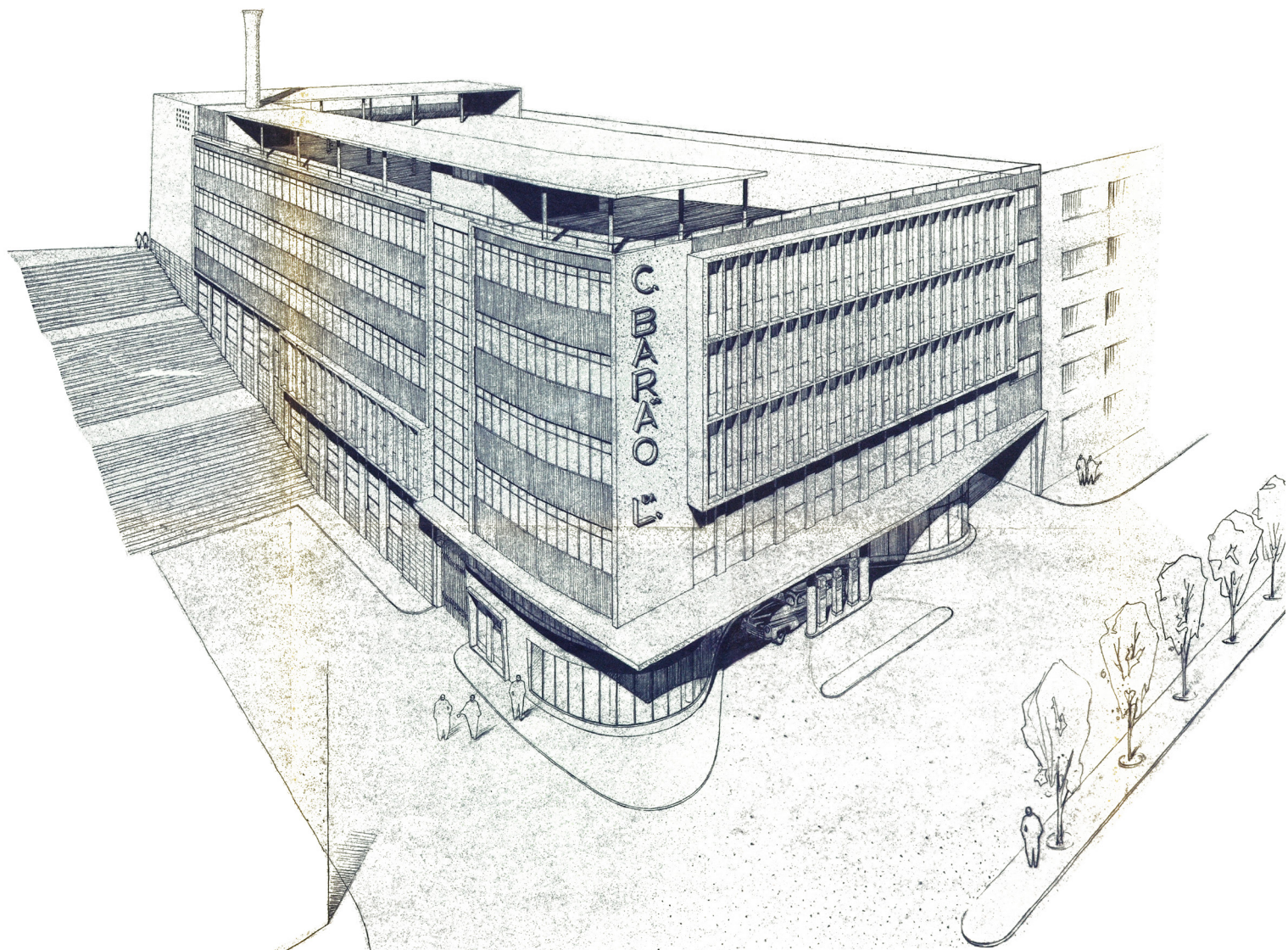


Fig. 55
Perspectiva Garagem Conde Barão Antepro-
jecto C.M.L./A.M.L obra 331 Processo 15228

alçado da calçada Ribeiro Santos e o das Escadinhas da Praia foram tratados com o mesmo cuidado, utilizando sobretudo o elemento moderno, vãos em banda. A fachada principal virada para sul tinha mais expressividade, uma pala e a curva em vidro marcavam a entrada, os pisos superiores eram projectados excepto nas laterais e no topo, os vãos em banda apontavam para linhas horizontais e verticais, reconhecendo-se uma certa semelhança com a fachada do cinema Alvalade na Avenida de Roma. Os vários pisos destinavam-se a programas diferentes embora sempre ligados ao serviço de automóveis, incluindo por exemplo zona de oficina, montagem e desmontagem, armazém, fábrica e nos pisos superiores escritórios. O último piso destinava-se a *“três habitações para alojamento dos directores ou chefes de oficinas”* com *“um vasto terraço”*¹³³, nesta cobertura *“corbusiana”*, e uma vista privilegiada sobre o Tejo.

A *“garagem”* predominantemente construída em betão armado é sustentada por pilares, maioritariamente integrada na fachada, de um diâmetro de 60cm, permitindo assim a planta livre e consequentemente programas diferentes nos diversos andares.

Embora Lima Franco e Manolo Potier, em geral, se definem por uma arquitectura de continuidade moderadamente moderno, criam aqui um momento excepcional da sua parceria. Um desenho sofisticado, moderno, talvez no seu resultado final exagerado na escala¹³⁴, face aos edifícios contiguos bem mas baixos, mas de qualidade arquitectónica tanto na sua estética modernista como na realização programática e até, olhando hoje para o edifício, com um enorme potencial pela flexibilidade de usos dada pelo sistema construtivo.

Actualmente, o edifício está em obras profundas para a sua conversão em hotel.

¹³³ Processo de obra 331, Processo 15228/DAG/PG/1951 Arquivo Municipal de Lisboa

¹³⁴ Os desenhos do projecto apresentam menos um piso do que o edificio realizado

3.3.10 Resumo

Com o grupo de projectos apresentados, a equipa Potier e Lima Franco, constrói a paisagem lisboeta pós-congresso, com uma arquitectura maioritariamente corrente e de continuidade. Os edifícios, construídos com vocábulo moderno são contaminados pela cidade histórica. A entrada do jovem arquitecto Manolo Potier no *atelier* do largo Andaluz derá ter influenciado a arquitectura de José Lima Franco, 18 anos mais velho. Este desenvolveu antes e depois da colaboração com Potier uma arquitectura de ideias ainda mais clássicas. Tudo indica que as características modernas como os vãos em banda, as varandas projectadas e as fachadas tratadas de forma mais abstracta são contribuições de Manolo Potier.

Neste sentido, Manolo Potier introduz uma modernidade nos edifícios habitacionais, talvez o possível no contexto do *atelier*. O projectista sai de uma turma na ESBAL, com arquitectos bastante notáveis, assim as amizades com por exemplo Teotónio Pereira, Manuel Tainha e Victor Palla influenciaram, segundo Potier, a sua arquitectura¹³⁵. No entanto no *atelier* do Lima Franco, a arquitectura era corrente, de uma certa continuidade e menos radical. A dupla, na memória descritiva dos projectos na Rua Gama Barros, explica que os edifícios projectados representam um momento da transição entre a cidade tradicional e a dos nossos tempos, está reflexão parece presente na maioria das obras de programa residencial dos arquitectos. Aqui reconhecemos um eclectismo ou um compromisso entre dois “estilos” e talvez duas gerações de arquitectos. A dupla criou um momento excepcional com a invenção da planta com apartamentos em bateria com acesso através de uma galeria exterior. As obras destinadas ao público, o Mercado do Chão do Loureiro, o Cinema Alvalade e a Antiga Garagem Conde Barão, revelam um maior alinhamento com a arquitectura moderna, integrando ao mesmo tempo alguns elementos arquitectónicos tradicionais.

¹³⁵ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06.2013

Ao contrário das habitações que maioritariamente não foram alteradas, pelo menos no seu exterior, as obras públicas sofreram todas alterações consideráveis ou demolições.

3.4 Arquitectura e Ambiente de trabalho em Luanda nos anos 60 e 70

“Este calor tranquilo e húmido que liberta o meu corpo do peso habitual da lã e elimina a oposição que descubro retrospectivamente como constituindo uma das constantes da nossa civilização entre a casa e a rua (...)”

Claude Levi-Strauss “Os tristes trópicos” p. 79

A cidade de Luanda localiza-se junto ao Oceano Atlântico, “olhando” para norte. O clima caracteriza-se pelas fracas e pouco significativas amplitudes das temperaturas médias. Os ventos predominantes mantêm uma constância muito regular entre as direcções oeste e sudoeste na capital.¹³⁶

Desde o fim da segunda guerra mundial, o investimento da construção civil em Luanda aumentou significativamente devido ao efeito da exportação de café e ao aumento explosivo da população.¹³⁷ Entre 1940 e 1960, a população passou de 61.028 para 224.540 habitantes.¹³⁸ A maior percentagem pertence à população africana (75,3%). Fernandes aponta em 1968, quase 500.000 habitantes na capital angolana.¹⁴⁰ A cidade antiga modificou-se e segundo Martins, as demolições foram feitas sem qualquer critério. Os edifícios altos nasceram na paisagem urbana e em 1961 concluíram-se 221 construções desta natureza.¹⁴¹ As obras concretizadas entre 1950 e 1975 marcam uma *fase dinâmica*, influenciada pelo movimento moderno. Os arquitectos buscaram as ideias de Le Corbusier: de arquitectura sobre pilotis, a circulação exterior protegida, o uso das cores, os *bris-soleil*, etc. Nos trópicos a arquitectura moderna ganha particularidades, até tipologias únicas graças ao clima. Neste contexto, a forma segue a função e o clima.

Com a ida para as colónias, os arquitectos sonharam construir “um mundo novo”, longe do controle e conservadorismo *estado-novista*. Era uma terra onde havia uma “liberdade expressiva”¹⁴² e trabalho num ambiente

¹³⁶ Amaral, 1968, p. 21-22.

¹³⁷ Baseado numa política que favoreceu a imigração

¹³⁸ Amaral, 1968, p. 27.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Fernandes, 2009, p.68. em Marques 1976, vol.II, 382, 3.a edição.

¹⁴¹ Martins, 2000, p.188.

completamente diferente, numa cidade em transformação graças à “geração africana”. Nomes que devemos associar a este movimento e que são responsáveis pela nova paisagem luandense são, entre outros, Vasco Vieira da Costa (1911 — 1982)¹⁴³, Fernão Simões de Carvalho (1929)¹⁴⁴, José Pinto da Cunha¹⁴⁵, Keil de Amaral (1910-1975)¹⁴⁶, João Garcia de Castilho (1915-2007), António Campino (1917-1997), Manolo Potier etc.

É este o contexto em que Manolo Potier se insere em 1959. O arquitecto Adalberto Gonçalves Dias, Director na Câmara de Luanda, marca Manolo Potier enquanto se adapta como arquitecto ao ambiente tropical moderno. Dias não só se constitui como referência na prática projectual nesta nova paisagem urbana como também arranja clientes e ofertas de trabalho. Simões de Carvalho confessa que *“o ambiente era muito por amizades e competências, mas sem competências (...) não havia amizades.”*¹⁴⁷ Potier, tanto em Lisboa como em Luanda realizou os seus projectos maioritariamente em parcerias. A partir da abertura oficial do seu *atelier* em 1964 em Luanda, colabora principalmente com o Arq. João Paulo da Graça¹⁴⁸, e com uma equipa que consiste em dois desenhadores, (um deles Vasco Morais Soares) e o engenheiro Rosa Mendes. Em 1969, entrou por cerca de dois anos em sociedade com Carlos Moutinho, o arquitecto responsável pelo Hotel Panorama onde Manolo Potier desenha no interior a parte da iluminação.¹⁴⁹ O contacto próximo aos profissionais da Câmara de Luanda abre algumas portas e traz uma serie de ofertas de trabalho.

¹⁴² Segundo Francisco Castro Rodrigues, entrevista dia 31.05.2013

¹⁴³ Autor do Mercado Kinaxixe

¹⁴⁴ Autor da radio difusão de Angola, Mercado Caputo e Plano Director de Luanda

¹⁴⁵ Autor da Radio-Nacional e do primeiro edificio de apartamentos em duplex situado na Marginal

¹⁴⁶ Autor do aeroporto Craveiro Lopes

¹⁴⁷ Entrevista com Simões de Carvalho, dia 20.12.2012

¹⁴⁸ Arquitecto na Câmara de Luanda até deixar este cargo para trabalhar em parceria com Manolo Potier como independente

¹⁴⁹ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.09. 2013

Embora Potier cite o prédio de habitação colectiva de duplex no bairro de Prenda sob a orientação de José Pinto da Cunha, não nos foi possível identifica-lo nem obter mais informações.

As informações sobre as obras em Luanda da autoria de Manolo Potier não foram verificadas pessoalmente, pelo facto que não nos foi possível visitar Luanda.

3.5 Luanda - Obras



Fig. 60
Ortofotomapa Luanda



3.5.1 Ingombotas

Em quatro séculos Luanda não cresceu significativamente comparando com o desenvolvimento a partir de 1920. A partir desta data abriram-se eixos estruturantes, entre a cidade alta e baixa (fortaleza de S. Miguel) possibilitando assim uma melhor circulação de ar pela cidade, o traçado urbano de Luanda ganhou então uma configuração “triangular, em planta, sendo os seus três lados a Alta, a Baixa e a nova área de expansão das Ingombotas”.¹⁵⁰

Um dos primeiros projectos elaborados por Manolo Potier, uma encomenda da Câmara consiste em dez blocos de habitação para oficiais das Forças Armadas no bairro Ingombotas, perto da zona do mercado Kinaxixe, no antigo largo dos Lusíadas. Este era um dos largos mais conhecidos de Luanda, o qual, para além de marcar o início da Avenida dos Combatentes, actual Av. Comandante Valódia, foi acompanhando o crescimento da cidade ao longo dos anos. Segundo Manolo Potier, eram edifícios de dois ou três pisos “colados” uns aos outros. Mais tarde também recebe a encomenda de habitações para oficiais das Forças Armadas. Para Henrique Gago da Graça, constrói no mesmo bairro Ingombota um edifício destinado a habitação, numa zona arborizada muito inspirada na arquitectura *corbusiana*. O edifício, de um comprimento de cerca de setenta metros, era elevado e assentava sobre *pilotis*, permitindo uma circulação livre no exterior ao nível do piso térreo.¹⁵¹

¹⁵⁰ Fernandes, 2005, p.36.

¹⁵¹ Entrevista com Manolo Potier, dia 03.08. 2013



Fig. 61
Planta de localização de obras de Manolo Potier

3.5.1.1 Avenida dos Combatentes

Segundo Manolo Potier, o projectista construiu quatro blocos ao longo da actual Avenida Comandante Valódia, além do “Prédio Lagoa” no arranque desta.¹⁵²

As galerias ao nível do piso térreo, assegurando uma melhor protecção contra sol e chuva para peões, são características que marcam estes projectos da antiga Avenida dos Combatentes. Com as largas galerias no piso térreo, a rua já não é só um local por onde se passa, é um espaço de transição entre interior e exterior, pertencendo de certa forma aos dois. Dos quatro blocos construídos nesta avenida, só conseguiu-se identificar um, no cruzamento das ruas actuais, Avenida Comandante Valódia com a Rua Comandante Kwenha onde o projectista habita no quinto andar até 1975. Frederica e Manolo Potier explicam que a casa onde moravam tinha muitas semelhanças com a configuração espacial da planta do prédio projectado na avenida Sidónio Pais em Lisboa, com apartamentos em bateria, um núcleo central de *kitchenette* e instalação sanitária que divide duas áreas generosas nas pontas. Os prédios da autoria de Potier nesta artéria definem-se também pelas galerias exteriores, uma vez no rés-do-chão e outra como elemento de distribuição nos pisos superiores. Profundas varandas marcam o desenho das fachadas como já tinha “insinuado” em muitos edifícios residenciais em Lisboa, mas não tão assumidamente. É também nestes edifícios que aplica os mosaicos de pastilha vidrada, trazendo alguma cor e expressividade para a avenida. Segundo Potier e sua mulher, aplica este material em mais edifícios dispersos na capital¹⁵³. Ainda na mesma artéria constrói o “prédio lagoa”, onde o arquitecto tinha previsto a instalação do seu *atelier* no sétimo piso central, que pela situação política em 1975 nunca chegou a ser concluído. Hoje, este edifício é pouco mais do que um esqueleto de 17 pisos, foi ocupado por habitação informal e corresponde a um “musseque vertical”. O prédio foi desocupado em 2011, as 122 famílias registadas foram realojadas e a demolição é prevista.¹⁵⁴

¹⁵² Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06. 2013

¹⁵³ Entrevista com Manolo Potier, dia 07.06. 2013

¹⁵⁴ <http://www.angonoticias.com/Artigos/item/28638>, visitado dia 30.07.2013



Fig. 62
Prédio Lagoa, Ana Magalhães 2011

3.5.2 Rangel e Maianga



Fig. 63
Planta de localização de obras de Manolo Potier



Fig. 64
Planta de localização de obras de Manolo Potier

3.5.2.1 Escola Técnica Elementar de Angola (1964)

Na década dos anos 60, começa um maior investimento do governo em obras públicas coincidindo paradoxalmente com a guerra colonial em Angola, em 1961¹⁵⁵. Nesta altura Manolo Potier recebe a encomendada Câmara de Luanda para desenhar a Escola Técnica de Luanda João Crisóstomo, servindo como escola modelo. Partindo deste projecto realizam-se duas escolas realizadas, tanto quanto podemos apuara, a escola Ngola Kanini (antiga João Crisóstomo¹⁵⁶) no Município da Maianga, enquadrada numa zona de várias escolas¹⁵⁷ e a escola Ngola Mbandi, no antigo bairro São Paulo¹⁵⁸. As duas escolas são implantadas com uma orientação a norte/sul. Enquanto

¹⁵⁵ Milheiro 2012, p. 409.

¹⁵⁶Projecto Escola Técnica de Luanda João Crisóstomo, Manolo Potier, 1964 (Memoria descritiva IPAD 1455)

¹⁵⁷No Largo das escolas

¹⁵⁸Actual Rangel

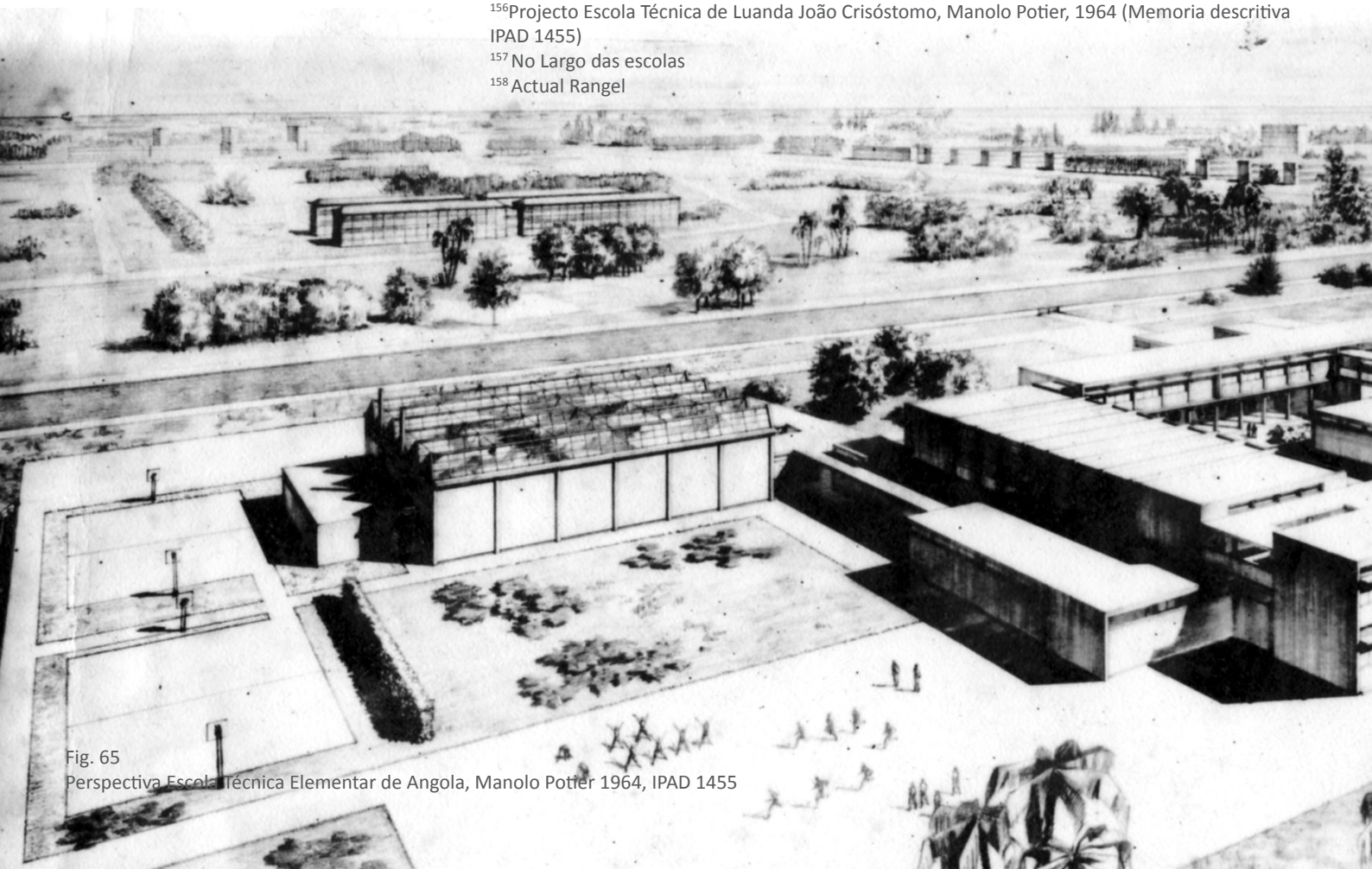


Fig. 65
Perspectiva Escola Técnica Elementar de Angola, Manolo Potter 1964, IPAD 1455

a escola Kanini tem a entrada principal virada para norte, a escola Mbandi, tem o acesso através do lado sul. Os ventos dominantes correm do mar para o continente e sopram, devido à implantação das duas escolas, contra a fachada lateral e na escola Kanini contra o alçado posterior, enquanto na escola Mbandi contra a fachada principal. O edifício caracteriza-se por cinco corpos rectangulares, dependentes ou semi-dependentes, de um ou dois pisos, que se articulam entre si através de escadas, rampas e galerias, dispensando qualquer carácter “heróico”. As fachadas dos volumes principais definem-se por aberturas em banda, *brise-soleil* e palas em betão, assegurando uma iluminação e ventilação adequada. A parte da entrada é constituída por um





Fig. 66
Escola Kanini, Kamene M. Traça 2013



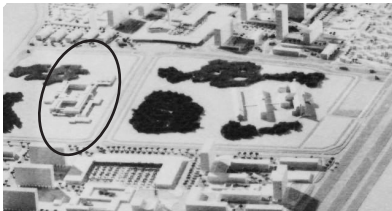


Fig. 67
Maqueta Bairro Rangel com a escola,
Arquivo Ferbão Simões de Carvalho



Fig. 68
Escola Kanini, Kamene M. Traça 2013



Fig. 69
Escola Kanini, Kamene M. Traça 2013



Fig. 70
Escola Kanini, Kamene M. Traça 2013

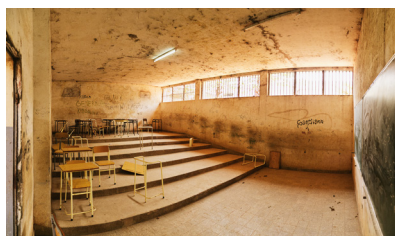


Fig. 71
Escola Kanini, Kamene M. Traça 2013

volume próprio que incluía também a parte administrativa. O desafio, adaptar a escola ao clima, foi conseguido através, por exemplo, de diversos espaços exteriores com dimensões diferentes, a maioria ligado a uma sala de aula, assegurando a ventilação natural. A zona de recreio coberto, as galerias e os pátios arborizados permitiam circular e brincar à sombra. Uma pequena fonte no meio de um dos pátios da escola Kanini servia provavelmente para se refrescar durante o recreio. Um painel de mosaicos está enquadrado na parede exterior do anfiteatro, sublinhando mais uma vez a questão de introdução das artes na arquitectura moderna e aqui no ambiente tropical. Através de um sistema modular era possível construir futuras ampliações *“nos extremos opostos dos blocos (masculino e feminino) de aulas teóricas [...] de 2,4 ou mesmo 6 aulas teóricas, mantendo portanto o ponto de vista estético de todo o edifício.”*¹⁵⁹ Os pavimentos são revestidos com mosaicos de marmorito. As coberturas dos vários blocos são planas e consistem em *“placas de betão devidamente isoladas e impermeabilizadas”*¹⁶⁰, excepto no bloco das oficinas onde são usadas placas de fibrocimento. No primeiro piso existem as oficinas, aulas de canto, trabalhos manuais, dois ginásios, salas de professores e junto ao pátio, no interior, um anfiteatro e um museu de ciências naturais. No piso superior localizam-se salas de projecções, uma biblioteca, armazéns, gabinetes, salas de desenho, etc..¹⁶¹ Construtivamente, o edifício baseia-se no conceito de Le Corbusier da estrutura Dominó, lajes em betão assentam sobre pilotis e pórticos, deixando sempre toda a estrutura à vista¹⁶². Uma maqueta (fig. 67), de um Plano para o bairro São Paulo com duas unidades de vizinhança, desenvolvida pela equipa de Fernão Simões de Carvalho, integra a escola modelo (hoje Mbandi) na maqueta muito próximo do antigo Hospital São Paulo¹⁶³. Tanto a maqueta (fig. 67) como a perspectiva (fig. 65) mostram um desejo de uma envolvente organizada de carácter funcional.¹⁶⁴

¹⁵⁹ Projecto Escola Técnica de Luanda João Crisóstomo, Manolo Potier, 1964 (Memoria descritiva IPAD 1455)

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Martins (sem data)

¹⁶³ Actual Hospital Américo Boavida

¹⁶⁴ Milheiro 2012, p.413

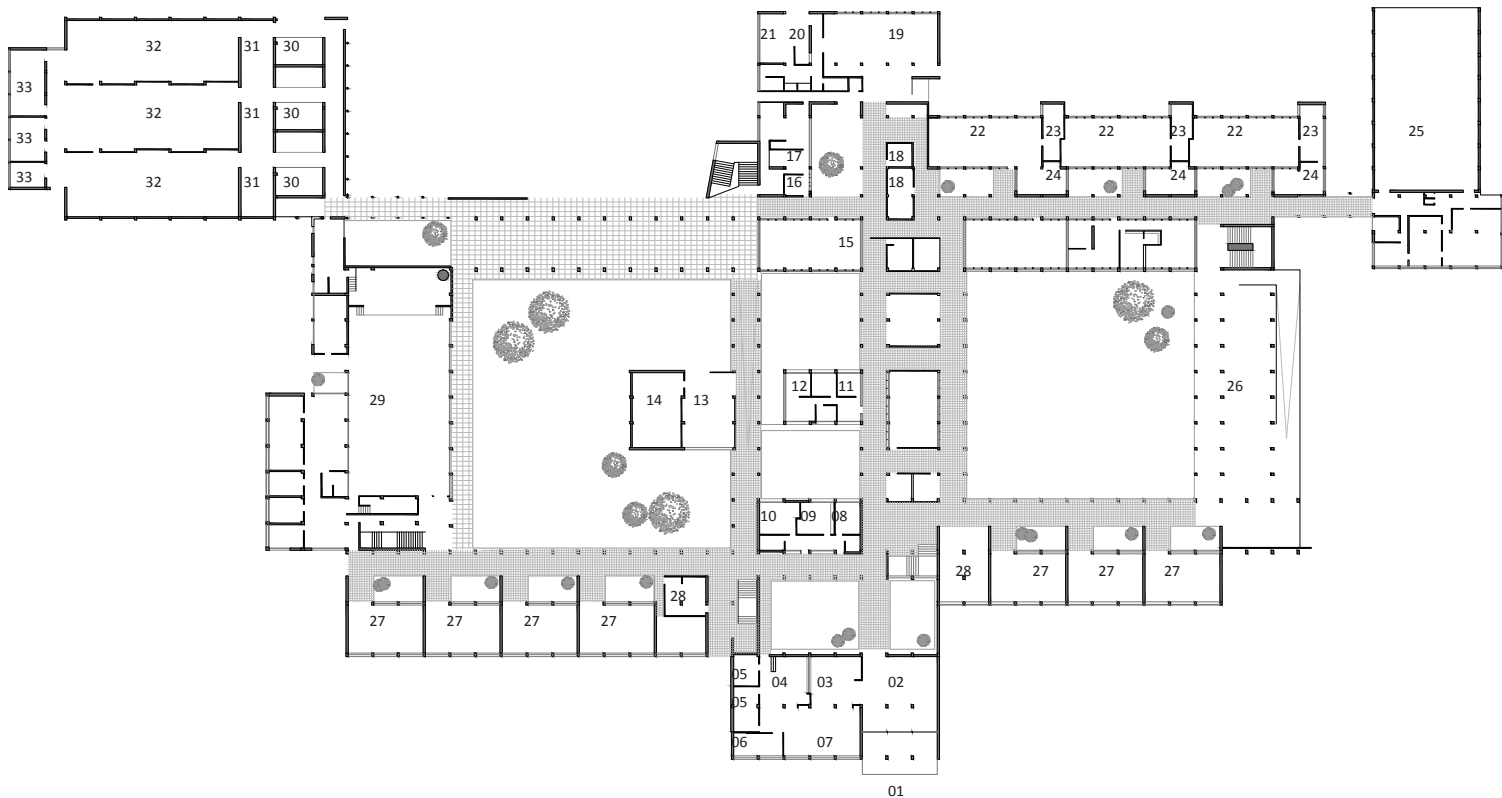


Fig. 72
Escola Técnica Elementar de Angola, Piso 0,
Planta resenhada pela autora

- | | |
|--|-----------------|
| 01. entrada | 30. lavabos |
| 02. hall | 31. modelação |
| 03. zona pública | 32. oficinas |
| 04. tesouraria | 33. arrecadação |
| 05. director | |
| 06. arquivo | |
| 07. secretaria | |
| 08. sala de espera | |
| 09. gabinete sub-director | |
| 10. director | |
| 11. medico | |
| 12. tratamentos | |
| 13. museu ciencias naturais | |
| 14. anfitheatro | |
| 15. aulas de canto | |
| 16. director | |
| 17. secretaria | |
| 18. i. s. | |
| 19. refeitório | |
| 20. copa | |
| 21. cozinha | |
| 22. trabalhos manuais, secção feminina | |
| 23. arrecadação | |
| 24. modelação | |
| 25. ginásio secção feminina | |
| 26. recreio coberto | |
| 27. aulas | |
| 28. arrecadação | |
| 29. ginasio secção masculina | |

3.5.3 Bairro Azul

3.5.3.1 Cinema Tivoli

“O cinema era simultaneamente a projecção de um filme mas também um ponto-chave de convívio social porque havia bares - bons bares, havia os jardins. Circulava-se, andava-se O intervalo era longo, de modo que havia oportunidade de convívio, de conversa, a surpresa de encontrar pessoas.”¹⁶⁵

Em paralelo aos investimentos nas instituições educativas surgem também projectos com programas de carácter público, embora de iniciativa privada, ligados ao tempo livre como por exemplo, cinemas e hotéis. Num primeiro momento, investiu-se em Angola em cinemas com salas de carácter mais tradicional e fechado¹⁶⁶. Todavia, na década de 60, apostou-se no conceito das cine-esplanadas, que se adaptavam muito melhor ao clima quente, por um lado, oferecendo sombra, e por outro, permitindo uma permanente circulação natural do ar.

Neste contexto, Potier depois da experiência do cinema Alvalade em Lisboa, recebe também em Luanda a oportunidade de colaborar com Adalberto Gonçalves Dias, no projecto do cinema Tivoli, no bairro azul, na actual Rua Francisco Sotto Mayor. Manolo Potier assina este projecto embora mencionando sempre a colaboração com Adalberto Dias.¹⁶⁷ O cinema é inaugurado em 1965, com a exibição do grupo teatral português “áfrica filmes” de Lisboa.¹⁶⁸

Segundo Manuel S. Fonseca¹⁶⁹, o cinema Tivoli tinha semelhanças com o cinema Atlântico (antigo Império) do arquitecto Eduardo Paulinho. A sala era somente protegida por uma cobertura plana de betão armado, revelando

¹⁶⁵ Carmo Piçarra, António, 2013, p. 188.

¹⁶⁶ Mas já na década 50 surgiram cine-esplanada nomeadamente o flamingo e a cine-esplanada Baía

¹⁶⁷ Entrevista com Manolo Potier, dia 30.07.2013

¹⁶⁷ http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/portal/efemerides/meses/08-agosto/2008/7/35/Agosto-Historia-Mundo,6d005d20-6c48-4d00-9d30-c7af84438449.html (visitado 2013/06/30)

¹⁶⁸ Entrevista por E-mail 15.07.2013, Editor e cinefilista, viveu em Luanda entre 1959 e 1976 onde frequentou a maioria dos cinemas luandenses



Fig. 73
Planta de localização de obras de Manoel Potier

a busca de uma arquitectura moderna tropical. Através das aberturas laterais tinha-se uma ligação directa a pequenos jardins. A plateia era ligeiramente inclinada, facilitando a vista para o palco e o ecrã. A fachada principal do lado da rua, desenhada de forma abstracta consistia em vários planos, sem ser monumental e sem leitura da configuração do interior mas, sim, do seu programa como cinema, reforçado também pela sinalética moderna e iluminado no exterior, hoje infelizmente alterado. A sala de espectáculos, ao ar livre, estava complementada por espaços interiores, como a bilheteira, um bar e um núcleo de escadas que dava acesso à parte alta da plateia.¹⁷⁰ O cinema Tivoli, como outros cinemas luandenses, era um espaço “*democrático*” e de convívio, que ofereciam além dos filmes, teatros, concertos, festas e bailes.¹⁷¹ Mas foram sobretudo os cine-esplanadas, devido à tipologia única, que reflectiram uma vontade de uma modernidade urbana.

Luanda teve na década de 70 o maior número de salas de cinema no país. Destacam-se o Cinema Miramar, Avis (actual Karl Marx), Restauração (hoje a Assembleia Nacional), Atlântico (antigo Império), São Paulo, Nacional, Tropical, Ngola Cine e o descrito Cinema Tivoli.¹⁷²

¹⁷⁰Entrevista com manolho Potier dia 30.07.2013

¹⁷¹Carmo Piçarra, António, 2013, p. 190.

¹⁷²<http://www.buala.org/pt/cidade/cinema-dos-tempos-que-ja-la-vao>, visitado 23.06.2013



Fig. 74

Cinema Tivoli, <http://www.mazungue.com/angola/index.php?page=Thread&postID=219405/>



Fig. 75

Cinema Tivoli, Manuel S.Fonseca 2013

3.5.4 Ilha de Luanda

3.5.4.1 Hotel Panorama



Fig. 77
Hotel Panorama, Ana Magalhães 2008



Fig. 78
Corredor Hotel Panorama, Inês Gonçalves,
2008 (Arquivo Ana Magalhães)

Ainda neste contexto de projectos relacionados com programas de tempo livre, enquadra-se o equipamento de hotelaria, onde Potier é responsável pelos interiores e pela decoração.¹⁷³

Em 1969, Manolo Potier criou por cerca de dois anos uma sociedade com Carlos Moutinho, arquitecto deste Hotel e razão pelo que participou no projecto de interiores, nomeadamente na iluminação.

Ana Magalhães descreve o hotel da seguinte forma: *“Este edifício extenso (...) com três pisos, parcialmente assente sobre largos pilotis triangulares, marca também a Ilha do cabo e parece flutuar sobre a água. Os pisos dos quartos organizam-se através de um corredor central que, na sua largura, adquire uma função social (realçado pela existência de pequenas zonas de estar, como “ilhas rebaixadas” orientando os quartos quer sobre a Baía, quer sobre o oceano. No piso térreo, distribuem-se as áreas sociais, em franca relação com o jardim e piscina, que se debruçam sobre a Baía. As fachadas são modulares, marcadas pelas varandas reentrantes que alternam com elementos verticais e salientes em betão, os quais constituem uma grelha de sombreamento. Os topos do edifício, anunciando os quartos de maior dimensão, evidenciam um desejo de remate singular.”*¹⁷⁴

Ao longo dos largos corredores, com luz natural a entrar somente nos topos do edifício, encontramos num ritmo regular candeeiros circulares integrados na parede e desenhados por Manolo Potier.¹⁷⁵ Estas luzes revelam um desenho sofisticado e moderno, ganhando à noite uma atmosfera intimista.

¹⁷³ Entrevista com Manolo Potier dia 30.07.2013

¹⁷⁴ Magalhães 2009, p. 211.

¹⁷⁵ Entrevista com Manolo Potier, dia 03.08. 2013



Avenida Murtala Mohamed

Fig. 76
Planta de localização



3.5.5 Resumo

Manolo Potier, em 16 anos de estadia na capital angolana, constrói com outros seus contemporâneos a paisagem luandense, de acordo comum estilo internacional, porém adaptado ao clima tropical. Em Luanda, aborda principalmente programas residenciais e alguns públicos considerados únicos na tipologia, devido à geografia do lugar como por exemplo as cine-esplanadas. Na sua obra em Luanda, encontramos elementos arquitectónicos como sistemas de grelhas de protecção, o uso de *betón brut*, as varandas profundas, galerias exteriores, etc. O contacto com os outros arquitectos, as entradas em projectos já iniciados e provavelmente o ambiente livre e caloroso, motivava o arquitecto a assumir uma linguagem arquitectónica aparentemente mais moderna. Na capital angolana, o arquitecto liberta-se de uma arquitectura de continuidade e assume uma maior influência das referências internacionais. Estabelece-se rapidamente no continente africano com uma elevada produção, graças às suas competências, conhecimentos e parcerias com outros arquitectos. Muitos dos projectistas portugueses instalados nas antigas colónias tinham ligações com o Gabinete de Urbanização e/ou serviços públicos. Manolo Potier destaca-se com um trabalho independente, fora destas estruturas mais “convencionais”.

Em consequência das constantes alterações urbanas, arquitectónicas na capital angolana, julgamos que a arquitectura moderna tropical, realizada em Luanda pelo autor, merece uma rápida identificação e registo, para assegurar a sua sobrevivência histórica.

4. Considerações finais

O tema central desta tese consiste num estudo sobre a vida, o ambiente de trabalho e a obra do arquitecto Manolo Potier, em dois contextos diferentes. Através dos vários levantamentos e fontes descobriu-se um percurso muito próprio, não linear, em que Manolo Potier constrói a sua vida com sucesso primeiro em Lisboa em parceria com José Lima Franco, e depois, a partir do zero em Luanda, em parcerias com os arquitectos João Paulo de Jesus da Graça e Carlos Moutinho. Nas duas capitais, Manolo Potier dedica-se à arquitectura, ao ensino e à música. Só quando regressa a Portugal em 1975 toca principalmente violino e exerce arquitectura somente num trabalho de *part-time*. O levantamento das obras em Lisboa e Luanda revela a evolução de uma arquitectura, embora sempre corrente, que em Lisboa oscila entre ideias da tradição e de uma cidade moderna, e que em Luanda assume completamente as referências internacionais e segue uma linguagem moderna num contexto tropical. Em Lisboa a dupla projecta maioritariamente uma arquitectura de continuidade principalmente residencial, ligando a cidade histórica com a cidade moderna.

Destacam-se a Garagem Conde Barão e os edifícios no cruzamento da Avenida Fontes Pereira de Melo com a Avenida Sidónio Pais e Avenida António Augusto Aguiar. A Garagem Conde Barão revela um desenho sofisticado com um programa misto entre oficinas, escritórios e habitação. O rés-do-chão da fachada principal, em vidro, mostra uma grande plasticidade e modernidade. Tanto esta fachada como a utilização da cobertura com programa de habitação revelam referências de uma arquitectura *corbusiana*.

Nos prédios no cruzamento da Avenida Fontes Pereira de Melo com a Avenida Sidónio Pais e Avenida António Augusto Aguiar, Potier e Lima Franco são responsáveis pela inovação programática de apartamentos em bateria com uma grande flexibilidade de uso, correspondendo desta forma a questões funcionais de uma cidade do futuro. Profissionalmente, a década de 50, em

Lisboa, caracteriza-se para o projectista e o seu sócio por uma elevada produção arquitectónica de qualidade média.¹⁷⁶

De modo geral é a arquitectura corrente e de continuidade que marca a abordagem de Manolo Potier em Lisboa, e que embora também corrente em Luanda, assume neste novo ambiente uma linguagem mais moderna e contaminada pelo local.

Em Luanda, destaca-se da autoria de Potier a “escola modelo” e o cinema Tivoli, realizado em co-autoria com Adalberto Dias, com uma sensível adaptação dos espaços projectados ao clima e onde o uso da sombra ganha uma maior importância. A escola modelo, duas vezes identificada em Luanda, apresenta um programa completo com espacialidades adaptados ao local. O cinema Tivoli enquadra-se na tipologia única devido ao clima, das cine-espadas. A sala ao ar livre e aberto nos laterais é somente protegida por uma cobertura em betão.

Através da análise do edificado em Lisboa, foi possível identificar uma grande parte dos edifícios construídos pela dupla Lima Franco e Potier, ganhando um novo interesse e onde o anonimato desaparece. Em Luanda, a pesquisa mostrou-se mais difícil, de forma que poucos edifícios da autoria de Manolo Potier foram localizados.

¹⁷⁶ Milheiro, 2010

AAVV, La Habitación y la Cuidade Mofdernas; Rupturas e Continuidades 1925-1965, Barcelona, Fundação Mies van der Rohe/ DOCOMOMO Ibérico, 1998

ACCIAIUOLI, Margarida “Os cinemas de Lisboa, Um fenómeno do seculo XX” Bizanico, 2012.

AGAREZ, Ricardo Costa “ O Moderno Revisitado, Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950” Lisboa: Arquitectura e urbanismo. 2009.

AMARAL, Ilídio do “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968.

CARMO, Piçarra; ANTÓNIO, Jorge, Angola o nascimento de uma nação Volume 1 O cinema do império, Guerra e Paz, Editores, S.A. Lisboa, 2013.

COSTA, João Pedro “Bairro de Alvalade, Um Paradigma no Urbanismo Português”, livros horizonte 1.a Edição 2002, 2010.

DUARTE, Maria João Rolo “ A morte do cinema Alvalade” 25/08/2003 no Jornal de Notícias

FERNANDES, José Manuel „Geração africana : arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975 1975”, Livros Horizonte , 2002.

FERNANDES, José Manuel “Arquitectura e Urbanismo nna Africa Portuguesa, caleidoscópio, 2005.

FERNANDES, José Manuel „Africa Arquitectura e Urbanismo de matriz Portuguesa” UAL, Caleidoscópio, 2011.

FONTE, Maria Manuela ”Urbanismo e Arquitectura em Angola” Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007.

FRANÇA, José-Augusto “A Arte em Portugal no Século XX” Lisboa, Bertrand Editora, 1991.

Guia urbanistico e arquitectonico de lisboa. Assiciação arquitectos portugueses. Lisboa 1987.

LEITE, Inês “A obra do atelier Conceição e Silva”, FCSH-UNL. 2008

LEVI-STRAUSS, Claude “Tristes trópicos”, Edição 70, Lisboa 1993 (titulo original: tristes troiques 1955)

LEVI STRAUSS, Claude “Traurige Tropen”, Surkamp, Frankfurt am Main 1978.

LOBO, Magarida Souza “Planos de Urbanização, A época de Duarte Pacheco”, DGOTDU e FAUPpublicações Porto 1995.

MAGALHÃES, Ana “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Edições Tinta da China, 2009.

MARTINS, Isabel “Luanda : a cidade e a arquitectura”, Dissertação para Doutoramento, policopiado, FAUP, 2000.

MILHEIRO, Ana Vaz, A construção do Brasil – relações com a cultura Arquitectonica portuguesa, Porto, FAUP, Publicações, 2005

MILHEIRO, Ana Vaz; NUNES, Jorge – “Le Corbusier e os portugueses” in revista “arq./a”, Julho|Agosto 2008. Milheiro, Ana Vaz “. Castro Rodrigues, o arquitecto do Lobito, in “JA – Jornal Arquitectos, ser populista”, n.234, Janeiro/Abril 2009, p.13.

MILHEIRO, Ana Vaz: Simões de Carvalho, o arquitecto do Béton Brut, in “JA – Jornal Arquitectos, ser pobre”, nº236, Julho/Setembro 2009, p.22-27.

MILHEIRO, Ana Vaz “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” in JA -Jornal Arquitectos, ser belo nº 241, 2010.

MILHEIRO, Ana Vaz “Nos Trópicos sem Le Corbusier, Arquitectura luso-africana no estado Novo”, Relógio D’Água, 2012.

SALGADO, Manuel; LOURENÇO, Nunes “Atlas Urbanístico de Lisboa”, Argumentum, Lisboa, 2006.

TOSTÕES, Ana “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”, FAUP, 1997.

TOSTÕES, Ana “Arquitectura e Cidadania Atelier Nuno Teotónio Pereira”, Quimera, 2004.

TOSTÕES, Ana “Arte Portuguesa: da Pré-história ao século XX – Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900”, Fubu Editores, 2009.

1948 I. Congresso de Arquitectura

PALLA, João, “O Lugar do Desenho na Obra de Victor Palla” 2012.

Pereira, Nuno Teotónio, “Escritos (1947-1996, selecção) FAUPpublicações, 1996.

PEREIRA, Nuno Teotónio e FERNANDES, José Manuel “Arquitectura dos anos 50 em Lisboa”, *Arquitectura*, n 148, Lisboa, Janeiro-Fevereiro 1983, pp.58-65.
SILVA, João Pedro Conceição, Siva, Francisco Manuel Conceição (coor) “Francisco da Conceição Silva: arquitecto 1922-1982”. Lisboa: Sociedade nacional de Belas Artes, Maio de 1987

Fontes Internet

<http://www.angonoticias.com/Artigos/item/28638> (visitado 2013/07/30)

<http://www.buala.org/pt/cidade/cinema-dos-tempos-que-ja-la-vaio> (visitado 23.06.2013)

http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/portal/efemerides/meses/08-agosto/2008/7/35/Agosto-Historia- Mundo,6d005d20-6c48-4d00-9d30-c7af84438449.html (visitado 30.06.2013)

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/7389/2/II%20Cap%C3%ADtulo.pdf> p.59 (visitado 11.09.2013)

<http://arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/241/mais%20velhos/>

<http://cargocollective.com/arquitecturamodernaluanda/filter/textos/Textos>
LIMA Inês, Quando a Habitação colectiva fez cidad, o caso de Luanda moderna.

MILHEIRO, Ana Vaz fazer escola: a arquitectura pública do gabite de Urbanização Colonial para Luanda

MARTINS, Isabel, Luanda no Movimento Moderno

TOSTÕES Ana, MAGALHÃES, Ana: Modernidade Ignorada. La buena vida moderna, ocio, comunidade y cuidad

Entrevistas

Manolo e Frederica Potier, dia 07.06.2013, dia 03.08.2013, dia 07.09.2013
Francisco Castro Rodrigues ,dia 31.05.2013
Simões de Carvalho, dia 20.12.2013 (feito pelo grupo de trabalho), vários telefonemas

Documentos no Arquivo Municipal de Lisboa – Arquivo Intermédio

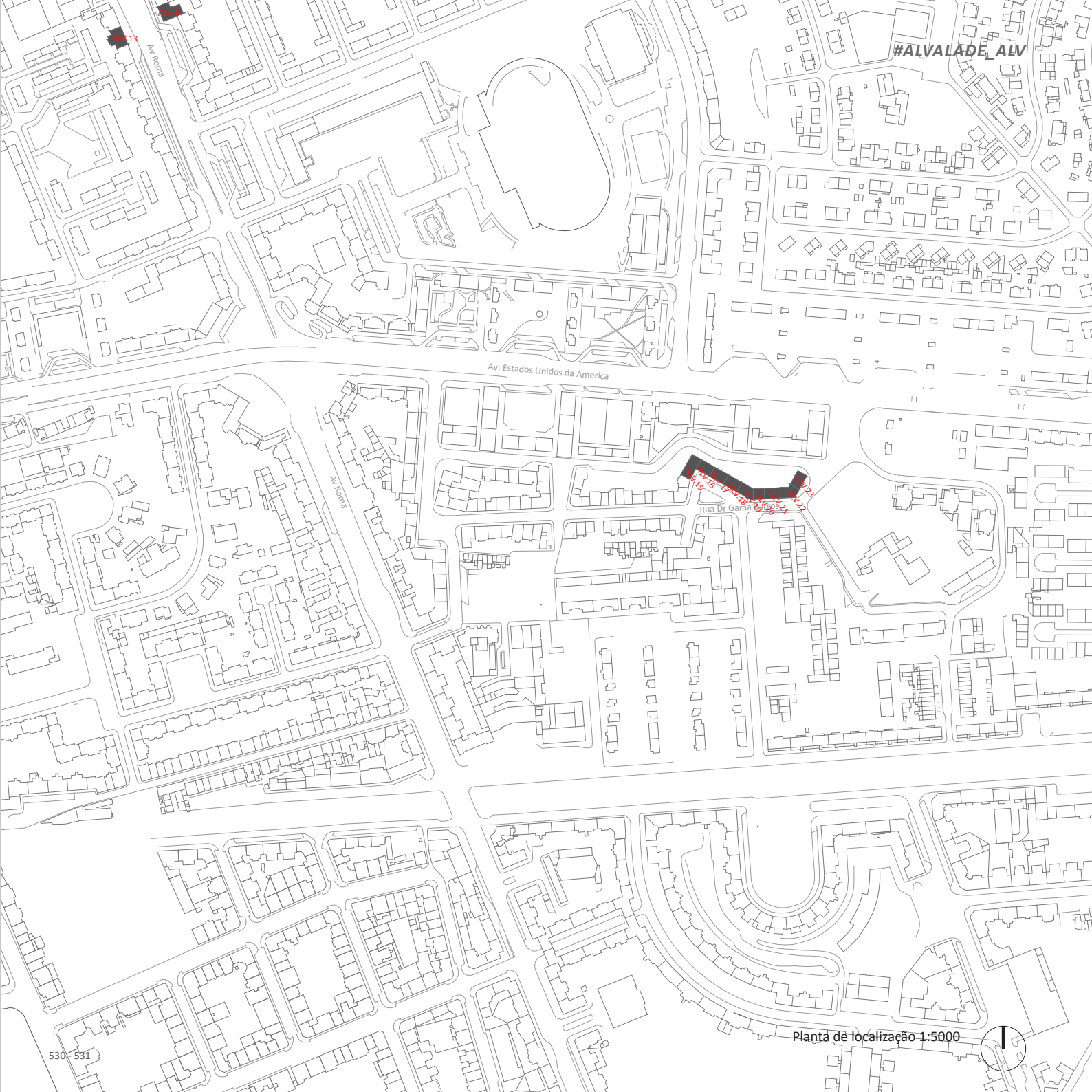
Obra 331 - GARAGEM CONDE BARÃO, AVENIDA 24 DE JULHO NR. 62
Obra 955 - RUA GAMA BARROS 71
Obra 9072 - RUA FERREIRA BORGES, 193
Obra 8215 - RUA COELHO DA ROCHA, RUA TENENTE FERREIRA DURÃO
Obra 646 - LARGO ANDALUZ, 16 A 16C
Obra 20461 - RUA JARDIM DO REGEDOR, 13 A 25
Obra 20277 - RUA JOÃO DO NASCIMENTO COSTA, 9 A 9-A
Obra 1589 - RUA LEITE DE VASCONCELOS, 66 A 66-B
Obra 14738 - RUA AZEDO GNECO, 38, RUA INFANTARIA DEZASSEIS, 100 A 100-C
Obra 14662 - RUA MARQUES DA SILVA, 12
Obra 13455 - RUA MARQUES DA SILVA, RUA FRANCISCO SANCHES, 2 A 2-C
Obra 13234 - RUA HEROIS DE QUIONGA, 1 A 1-A
Obra 11421 - AVENIDA COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 102 E 102-A
Obra 10319 - RUA JOÃO DO NASCIMENTO COSTA, 29 A 29-A
Obra 10308 - RUA JOÃO DO NASCIMENTO COSTA, 21 A 21-A
Obra 10121 - RUA FERREIRA BORGES, 31 A 33
Obra 10076 - RUA JOÃO DO NASCIMENTO COSTA, 27
Obra 10027 - RUA JOÃO DO NASCIMENTO COSTA, 31 A 31-A Obra 16911 -
Obra 26911 - AVENIDA ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 1 A 1-B, AVENIDA FONTES
PEREIRA DE MELO, 5 A 5-C
Obra 26915 - AVENIDA ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3 A 3-C
Obra 27095 - AVENIDA SIDONIO PAIS, 4 A 4-B
Obra 24709 - RUA DR. GAMA BARROS, 63 A 63-B
Obra 30445 - RUA LUIS DE CAMOES, 110 A 110 C
Obra 28449- RUA FRANCISCO METRASS, 83 A 83-B
Obra 24822- RUA DR. GAMA BARROS, 69
Obra 40366- PRAÇA DOS RESTAURADORES, 47/47-B
Obra 48770- CALÇADA DESTERRO, 7
Obra 32470- AVENIDA GOMES PEREIRA, 36 A 36-B RUA GENERAL MORAIS SAR
MENTO, 2/2-A
Obra 32816- AVENIDA GOMES PEREIRA, 54

Obra 34323- RUA CAMPOLIDE, 27/ 27-B
Obra 27095- AVENIDA SIDONIO PAIS, 4 A 4-B
Obra 32474- RUA GENERAL MORAIS SARMENTO, 10/10A
Obra 32510- RUA GENERAL MORAIS SARMENTO, 6/6A
Obra 24723- RUA DR. GAMA BARROS, 67
Obra 25863- RUA ARCO DO CARVALHAO, 75 A 75-A
Obra 25963 - AVENIDA ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3-D E 3-E
Obra 29191 - RUA PASCOAL DE MELO, 120/120
Obra 30551 - AVENIDA GENERAL ROCADAS, 28/28C, RUA CASTELO BRANCO
SARAIVA, 2-2A
Obra 31718 - AVENIDA VISCONDE VALMOR, 20 A 20-E
Obra 30454 - AVENIDA BARBOSA DU BOCAGE, 98 A 98/C
Obra 39827 - RUA DR. SILVA TELES, 10/10-B
Obra 33844 - RUA VITOR BASTOS, 14/ 14-A
Obra 34323 - RUA CAMPOLIDE 27
Obra 26279 - AVENIDA ROMA, 97 E 97-A
Obra 28449 - FRANCISCO METRASS 83^A-83BOBRA
Obra 31372 - TRAVESSA BOA HORA, 14 A 14-a RUA SARGENTO JACOME
MOREIRA, 7
Obra 31553 - RUA SARGENTO JACOME MOREIRA, 7
Obra 31372 - TRAVESSA BOA HORA, 51 A 51-C
Obra 30445 - RUA LUIZ DE CAMÕES 110-110A
Obra 8905 - RUA ABADE FARIA, 36 A 36-BObra
Obra 10319 - RUA JOÃO DO NASCIMENTO COSTA 29^A
Obra 1749 - CINEMA ALVALADE

Lista de abreviaturas

AF	Arquivo Fotográfico
AIL	Associação dos Inquilinos Lisbonenses
AML	Arquivo Municipal de Lisboa
CIAM	Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna
CML	Câmara Municipal de Lisboa
CODA	Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto
ESBAL	Escola Superior de Belas-Artes do Lisboa
ISCTE	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa
Congresso 48	Congresso Nacional dos Arquitectos de 1948





#ALVALADE, ALV

Av. Roma

Av. Estados Unidos da America

Av. Roma

Rua Dr. Gama

530-531

Planta de localização 1:5000



AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, DÁRIO SILVA VIEIRA

REQUERENTE: DIVERSOS

ENDEREÇO: AVENIDA RIO DE JANEIRO, 19

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 23/ 23B, AVENIDA IGREJA, 2/ 2D,

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 46

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 52 A 52-D,

AVENIDA RIO DE JANEIRO 31,

AVENIDA RIO DE JANEIRO 33,

AVENIDA RIO DE JANEIRO 35,

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 60,

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 62,

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 64

ANO DE CONSTRUÇÃO:

TIPOLOGIAS: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO



#ALV.10

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: ANTÓNIO DOS SANTOS E OUTRO

ENDEREÇO: LARGO FREI HEITOR PINTO, 6 A 6- B,
AVENIDA SANTA JOANA PRINCESA, 23 A 23- D

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1950



Planta de implantação 1:1000



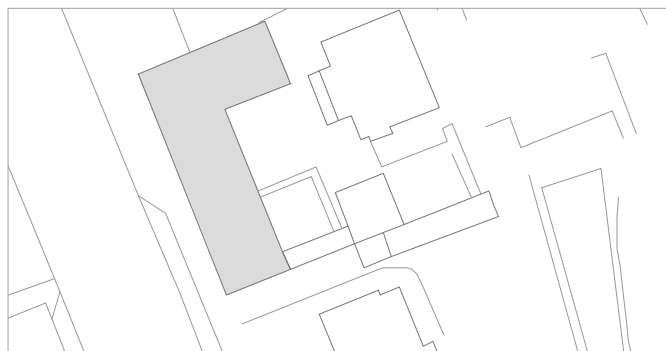
#ALV.11

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: JOSÉ JACINTO GODINHO E OUTRO

ENDEREÇO: AVENIDA SANTA JOANA PRINCESA, 12/12E,
LARGO FREI HEITOR PINTO, 5/5B

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1950



Planta de implantação 1:1000



EDIFÍCIO: CINEMA ALVALADE

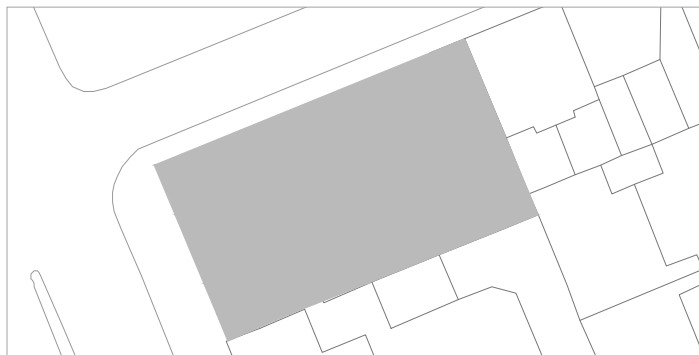
AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, FILIPE FIGUREIDO

ENDEREÇO: AVENIDA DE ROMA, RUA VIOLANTE DO CÉU

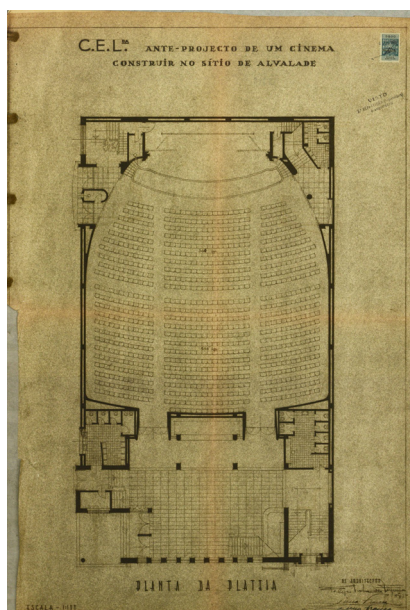
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953

TIPOLOGIA: CINEMA

USO ACTUAL: DEMOLIDO



Planta de implantação 1:1000



Planta, C.M.L./A.M.L. obra 1749 processo 5416



Foyer Piso 1, Arquivo Fundação Gulbenkian

#ALV.13

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, MANOLO POTIER

ENDEREÇO: AVENIDA ROMA, 97 E 97-A

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Fotografia Maria Pommrenke 2013

#ALV.14

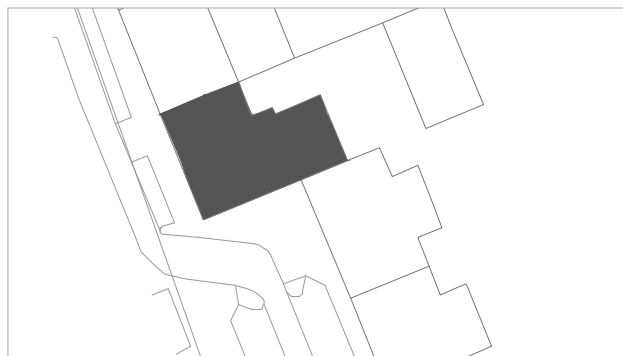
AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, MANOLO POTIER

ENDEREÇO: AVENIDA ROMA, 88

ANO DE CONSTRUÇÃO:

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Fotografia Maria Pommrenke 2013

EDIFÍCIO: CONJUNTO DE EDIFÍCIOS

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, MANOLO POTIER

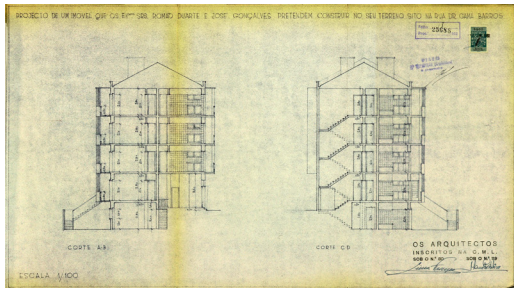
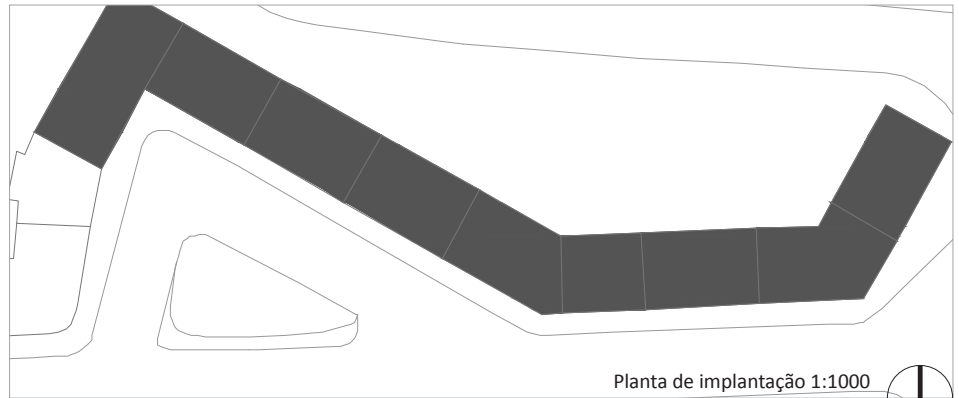
REQUERENTE: DIVERSOS

ENDEREÇO: RUA DR. GAMA BARROS 63, 65,
67, 69, 71, 73,75 E 77

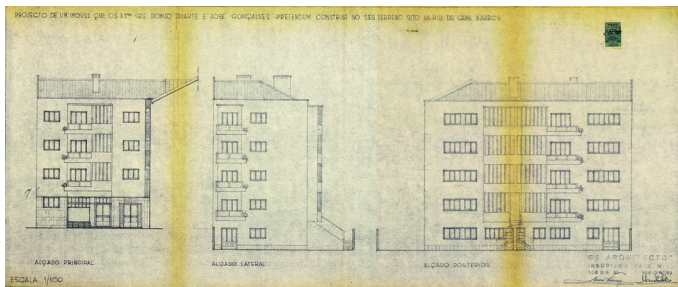
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

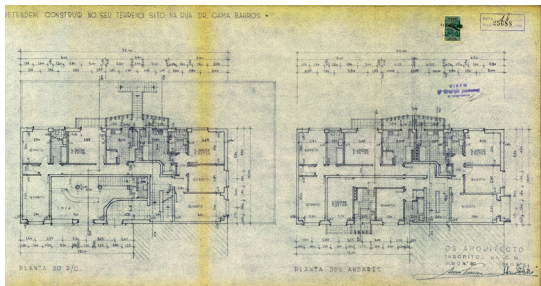
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Alçado, Obra 2409 A.M.L



Alçado, Obra 2409 A.M.L



Plantas, Obra 2409 A.M.L



Fotografias, Maria Pommrenke 2013



AJUDA

AJUDA 02

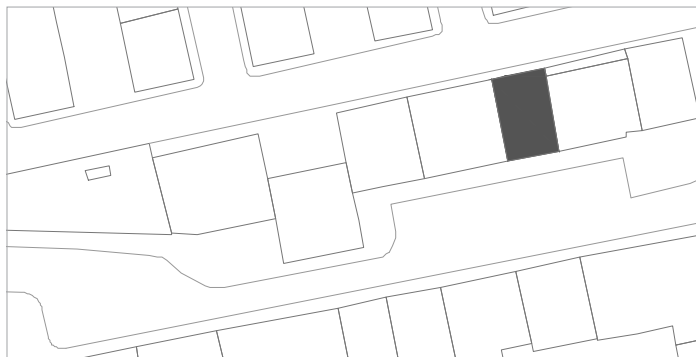
Rua Sarg. Jacome Moreira

Av. Boas-trova da Ajuda



#AJU.01

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: TRAVESSA BOA HORA, 14 A 14-A RUA SARGENTO
JACOME MOREIRA, 7
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1958
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO

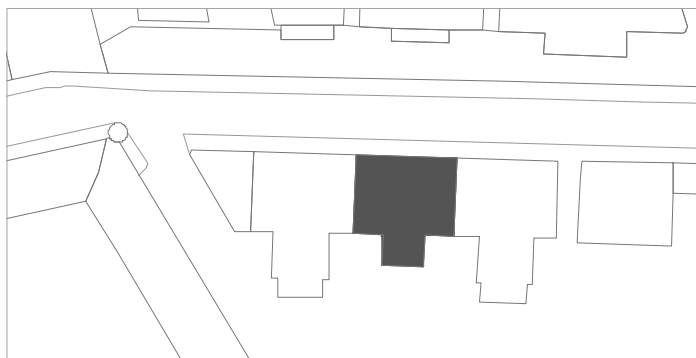


Planta de implantação 1:1000



#AJU.02

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: AMÉRICO FERREIRA
ENDEREÇO: TRAVESSA BOA HORA, 51 A 51-C
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1959
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Fotografias Maria Pommrenke 2013



AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: AMÉRICO FERREIRA

ENDEREÇO: CALÇADA MEMORIA, 77 A 77-B

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000

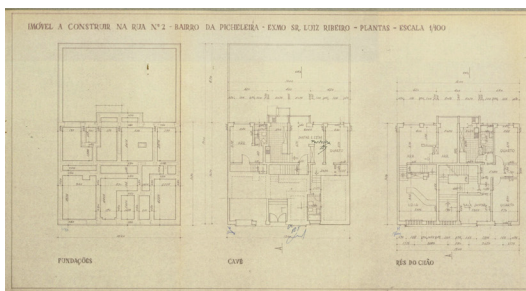


AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: RUA JOAO DO NASCIMENTO COSTA N. 5,
9,12, 13, 14, 15, 17 20, 21, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1952-57
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

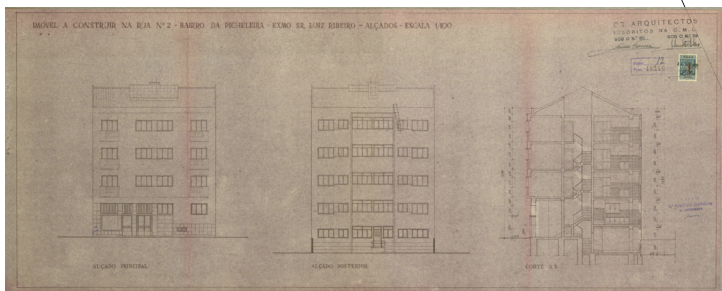
#BEA.01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16



Fotografias Maria Pommrenke 2013



Plantas, Obra 10027 A.M.L.



Corte Alçado, Obra 10027 A.M.L.

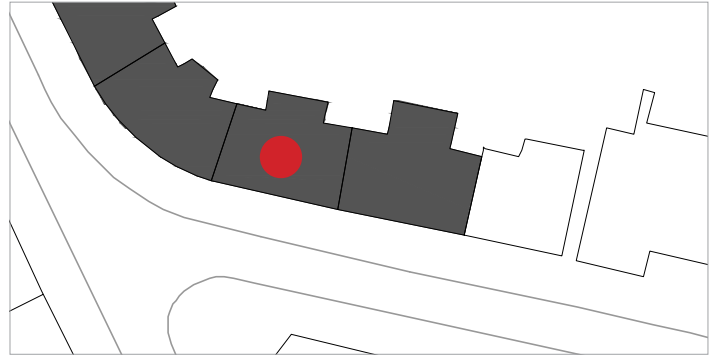


Planta de implantação 1:1000



#BEA.17

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: RUA ENGENHEIRO MACIEL CHAVES, 12; 40
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

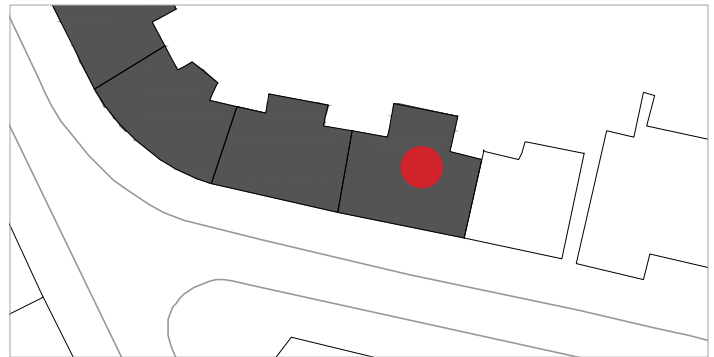


Planta de implantação 1:1000



#BEA.18

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: RUA ENGENHEIRO MACIEL CHAVES, 12
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

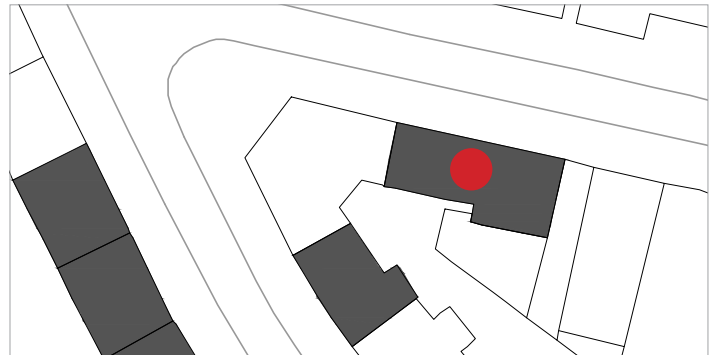


Planta de implantação 1:1000



#BEA.19

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: RUA ENGENHEIRO MACIEL CHAVES, 9
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

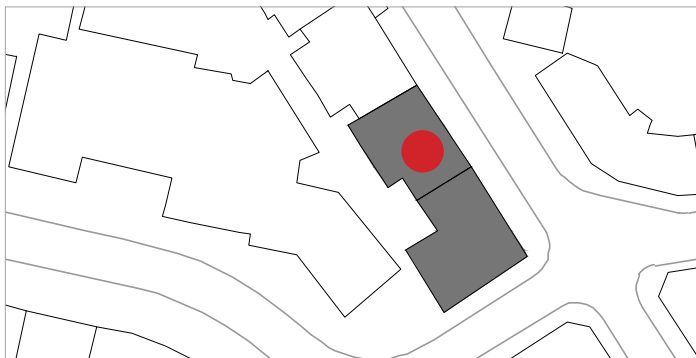


Planta de implantação 1:1000



#BEA.20

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: JOSÉ VIEIRA CATRAU E OUTRO
ENDEREÇO: RUA FREI FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, 10
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



#BEA.21

ARQUITECTOS: JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: MANUEL RODRIGUES DOS SANTOS MOITA E OUTROS
ENDEREÇO: RUA FREI FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, 12
RUA SILVEIRA PEIXOTO 3
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Fotografias Maria Pommrenke 2013

#ADP.01

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: FRANCISO DA SILVA SALGADO E OUTRO
ENDEREÇO: RUA ABADE FARIA, 36 A 36-B
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1957
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO
PROJECTO: ALTERAÇÕES



Planta de implantação 1:1000



#BENFICA_BEN



544_1402

Estr. Benfica

R. Gen. José Sarmiento 16

AV. GOMES PEREIRA

BEN-11

544_145

Planta de localização 1:5000

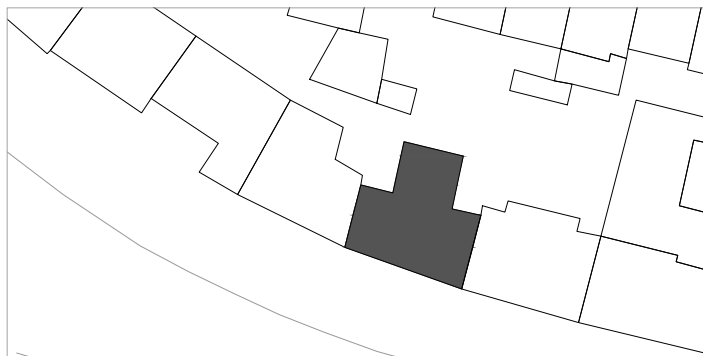




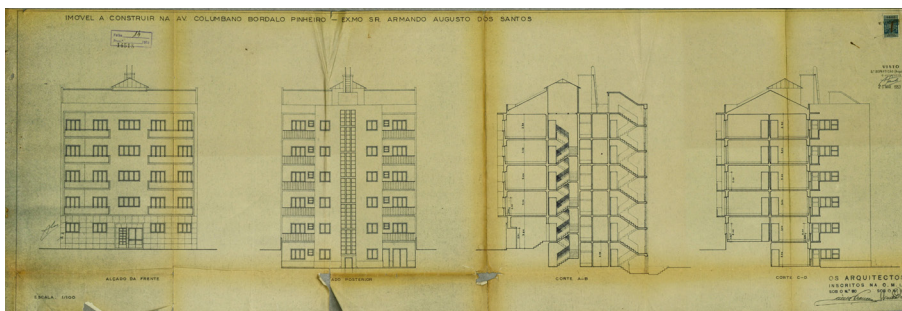
Planta de localização 1:5000

#BEN.04

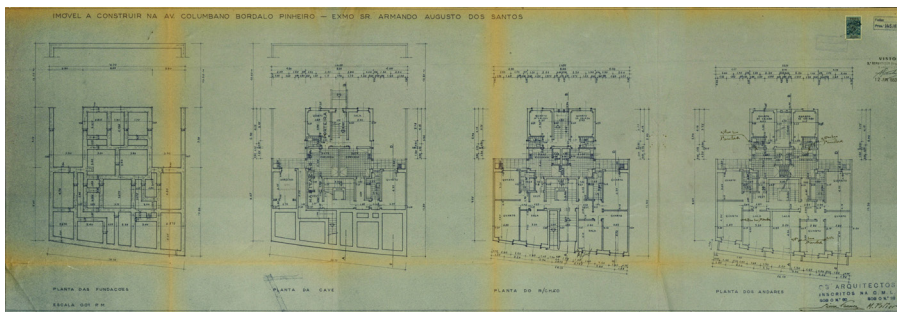
ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
 ENDEREÇO: AVENIDA COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 102 E 102-A
 ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954
 TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
 USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Corte e Alçado, Obra 11421 A.M.L



Plantas, Obra 11421 A.M.L

ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

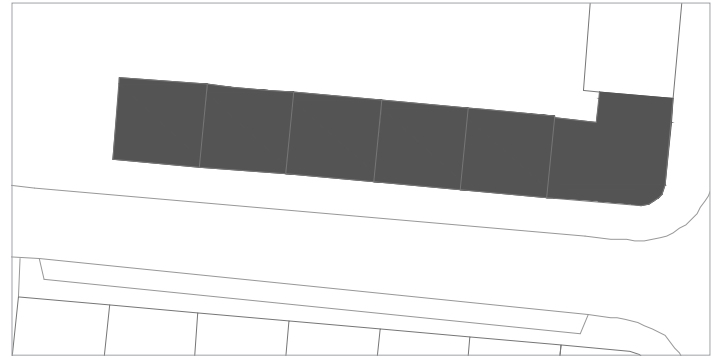
REQUERENTE: ANTÓNIO BATISTA E OUTRO

ENDEREÇO: RUA GENERAL MORAIS SARMENTO 2, 4, 6, 8, 10, 12

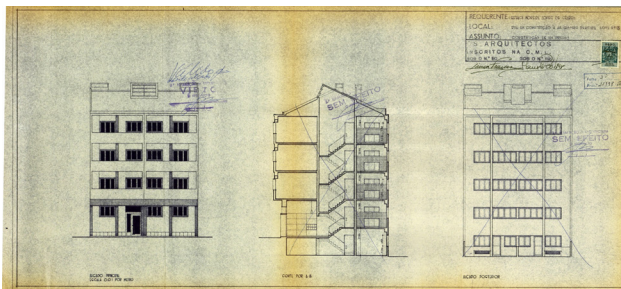
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

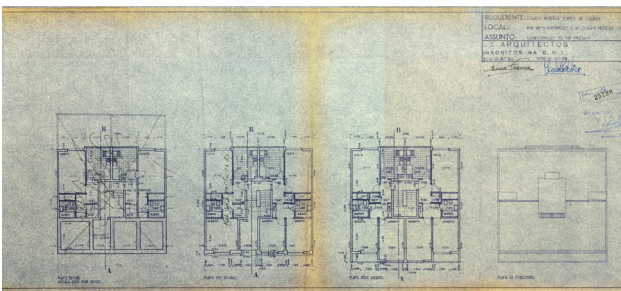
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Corte e Alçado Obra 32510 A.M.L



Plantas Obra 32510 A.M.L



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

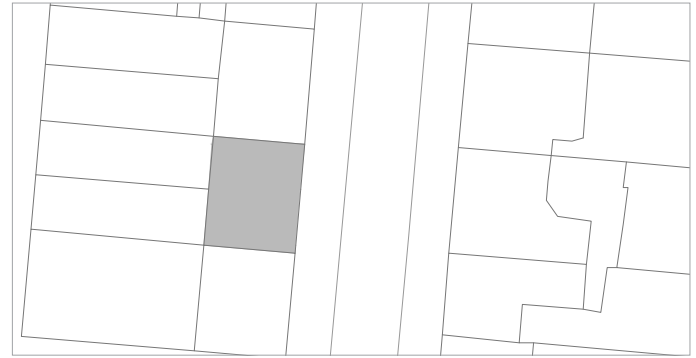
ENDEREÇO: AV. GOMES PEREIRA 54

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955-63

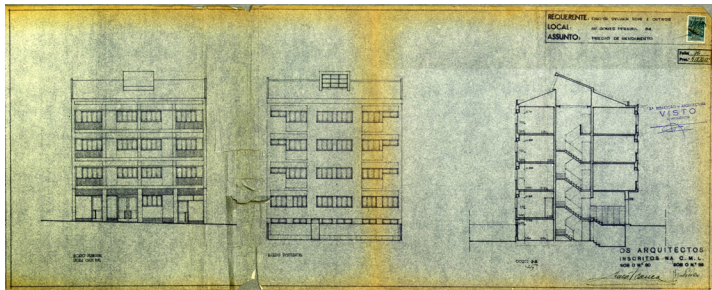
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO

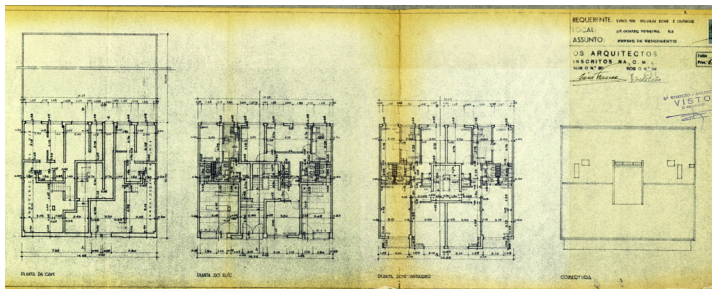
NOTA: EDIFÍCIO ACTUAL NÃO CORRESPONDE AO PROJECTO DE POTIER/LIMA FRANCO



Planta de implantação 1:1000

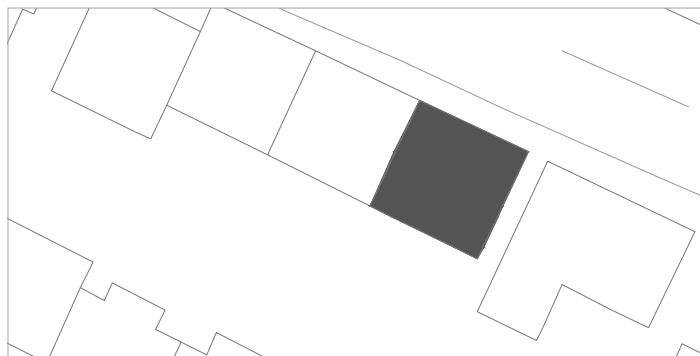


Corte e Alçado, Obra 32816 A.M.L



Plantas, Obra 32816 A.M.L

ARQUITECTOS: JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: ARTUR ALVES RIBEIRO
ENDEREÇO: ESTRADA BENFICA, 735 A 735-H
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953
TIPOLOGIA: COMERCIO E HABITAÇÃO
USO ACTUAL:
PROJECTO: ALTERAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

#BEN.02

ARQUITECTOS: JOSÉ LIMA FRANCO , MANOLO POTIER

REQUERENTE: ARTUR ALVES RIBEIRO

ENDEREÇO: ESTRADA BENFICA 714

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Fotografia, Maria Pommrenke 2013



Planta de implantação 1:1000



#BEN.03

ARQUITECTOS: JOSÉ LIMA FRANCO , MANOLO POTIER

REQUERENTE: ARTUR ALVES RIBEIRO

ENDEREÇO: ESTRADA BENFICA 716

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Fotografia, Maria Pommrenke 2013



Planta de implantação 1:1000



#CAMPOLIDE_CAM



ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

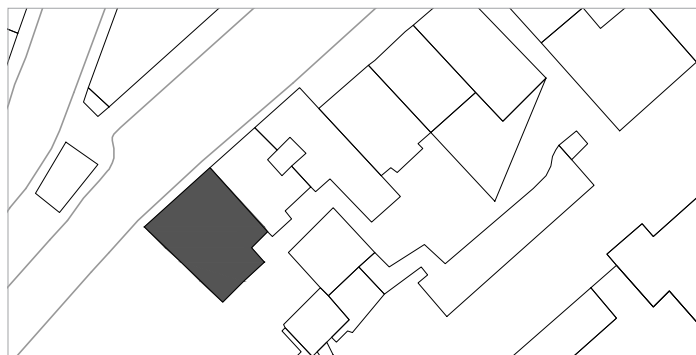
REQUERENTE: DIAMANTINO GODINHO E OUTROS

ENDEREÇO: RUA ARCO CARVALHO 75

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

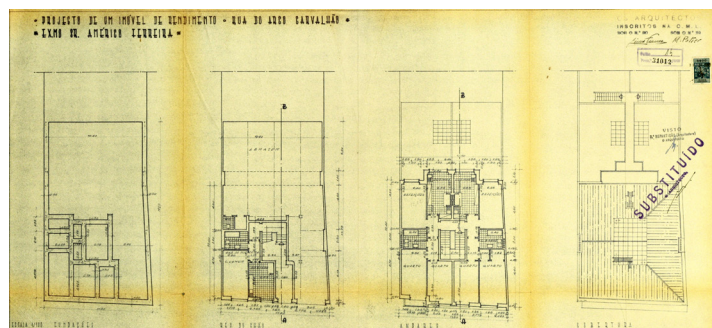
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



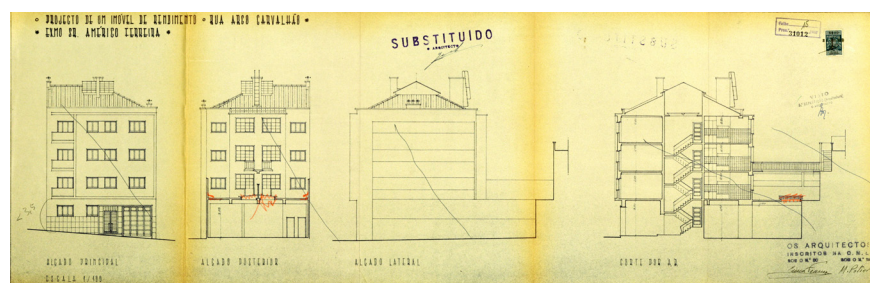
Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013



Plantas, Obra 25863 A.M.L



Corte e Alçado, Obra 25863 A.M.L

ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

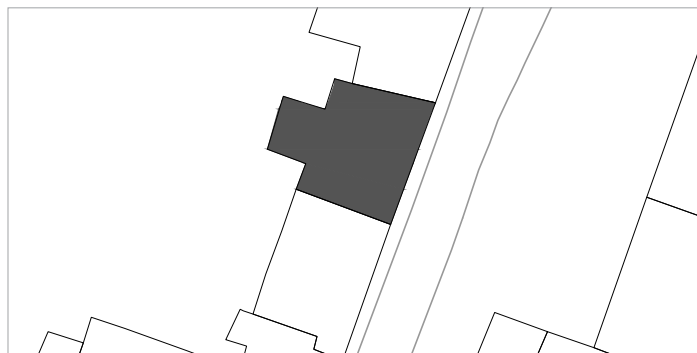
REQUERENTE: MANUEL ANSELMO E OUTROS

ENDEREÇO: RUA CAMPOLIDE 27

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMERCIO

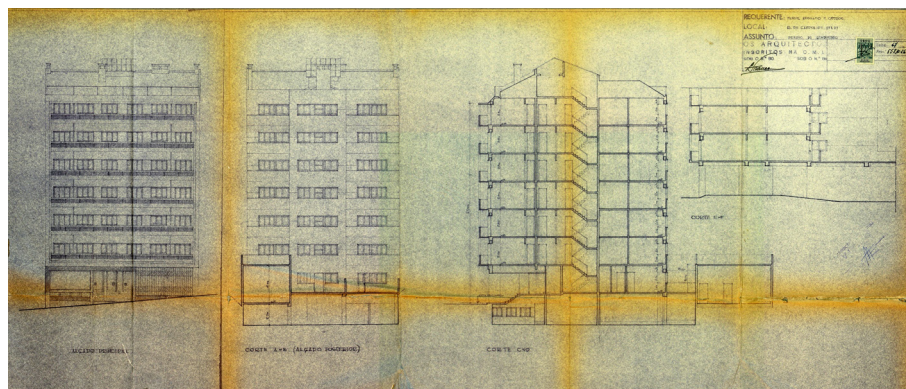
USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMERCIO



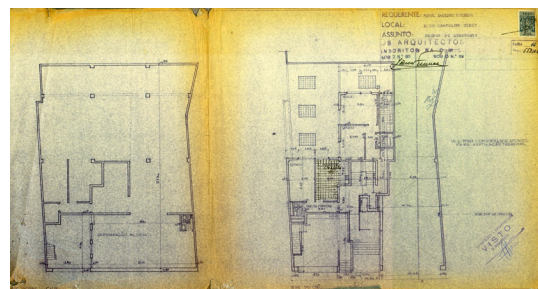
Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013



Corte e Alçado, Obra 55810, A.M.L.



Plantas, Obra 55810, A.M.L.

ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO RUA VITOR BASTOS, 12 E 14
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



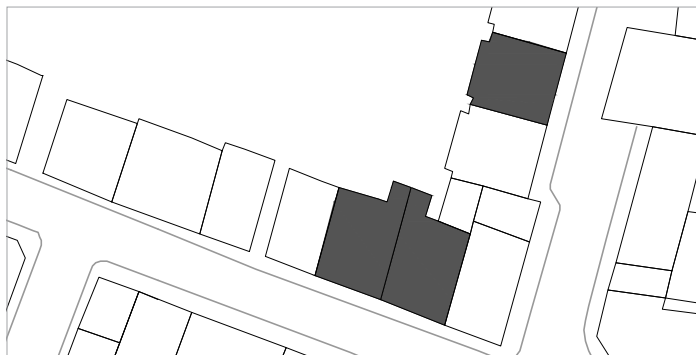
Fotografia, Maria Pommrenke 2013

ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO TRAVESSA IRMAZINHAS DOS POBRES
ANO DE CONSTRUÇÃO:
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

#CAM.03, 04



Planta de implantação 1:1000



#CAM.05



Planta de implantação 1:1000



ARQUITECTOS: JOSÉ LIMA FRANCO

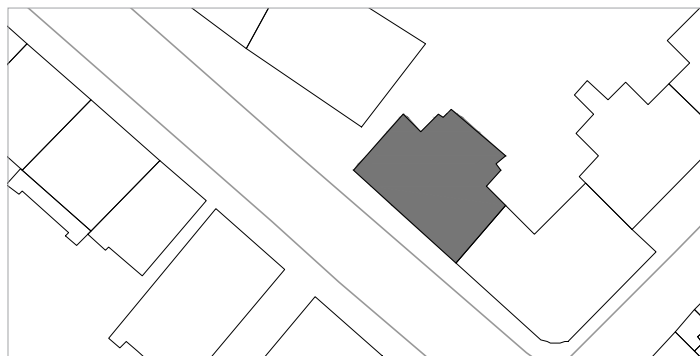
REQUERENTE: MARIA TERESA MARGARIDA FRAZÃO SALVADOR

ENDEREÇO: RUA PROF. SOUSA DA CAMARA, 138

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

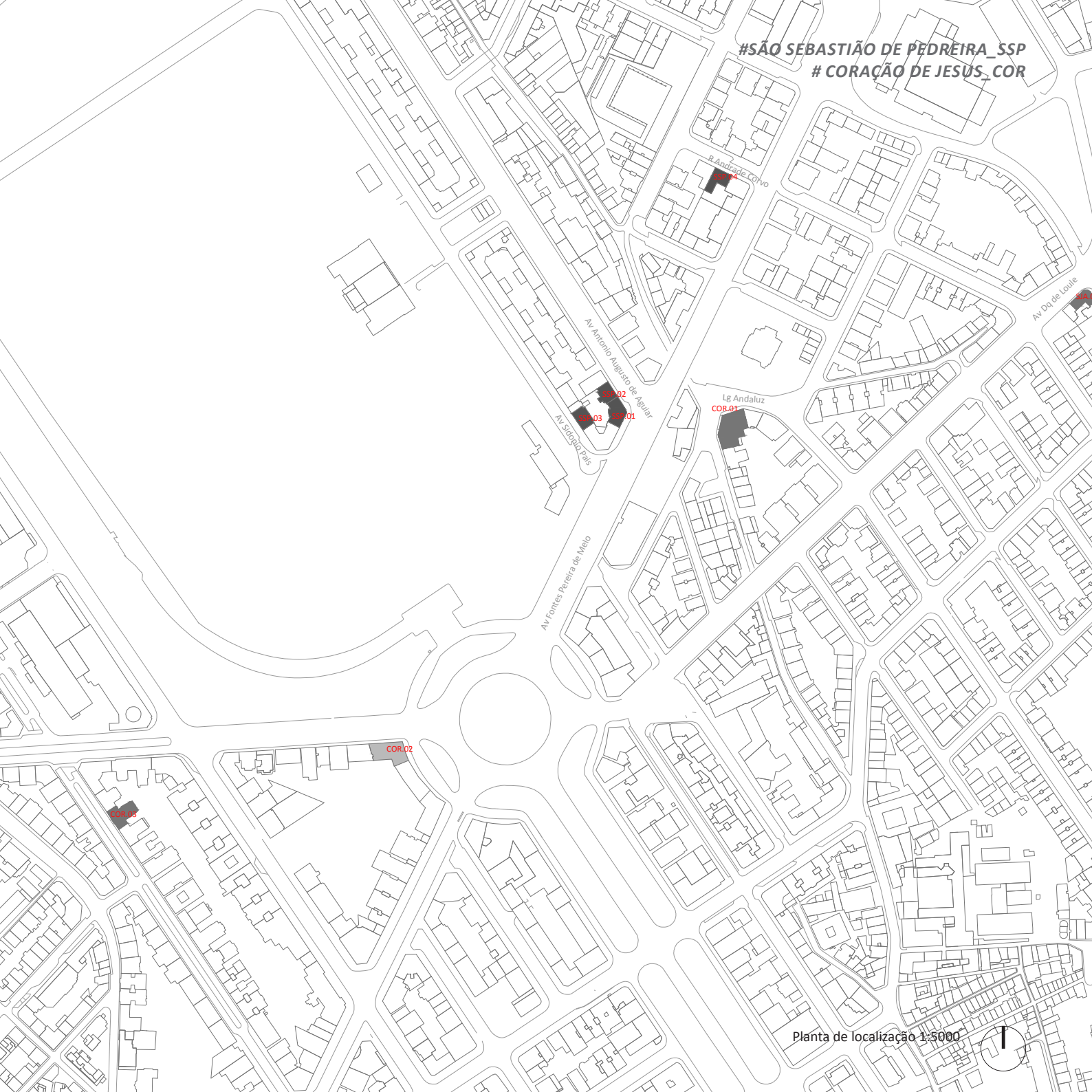
USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO



Planta de implantação 1:1000



#SÃO SEBASTIÃO DE PEDREIRA_SSP
CORAÇÃO DE JESUS_COR



R. Andrade Corvo

Av. Augusto de Aguiar

Av. Sérgio Pais

Av. Fontes Pereira de Melo

Lg Andaluz
COR.01

COR.02
COR.03

COR.04

COR.05



#COR.01

ARQUITECTOS: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: AMÉRICO FERREIRA

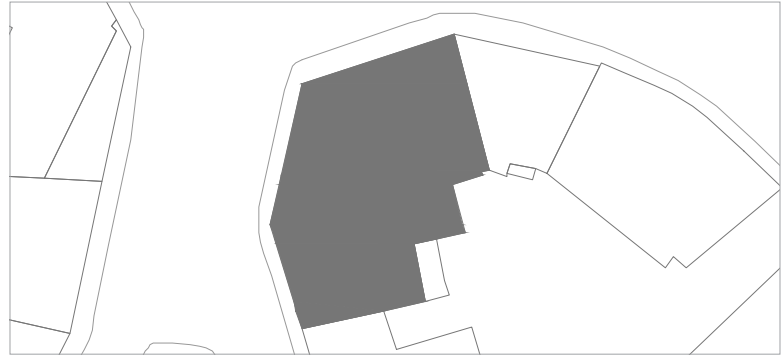
ENDEREÇO: LARGO ANDALUZ, 16 A 16C

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO

PROJECTO: ATERAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



AUTORIA: CARLOS RAMOS AUTOR

REQUERENTE: AMÉRICO FERREIRA

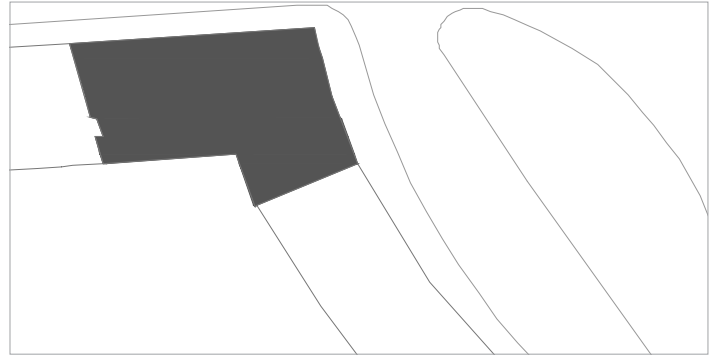
ENDEREÇO: PRAÇA MARQUÊS POMBAL 8

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1960

TIPOLOGIA: HOTEL

USO ACTUAL: HOTEL

PROJECTO: MANOLO POTIER ENTRA NESTE PROJECTO NA FASE DE
EXECUÇÃO



Planta de implantação 1:1000



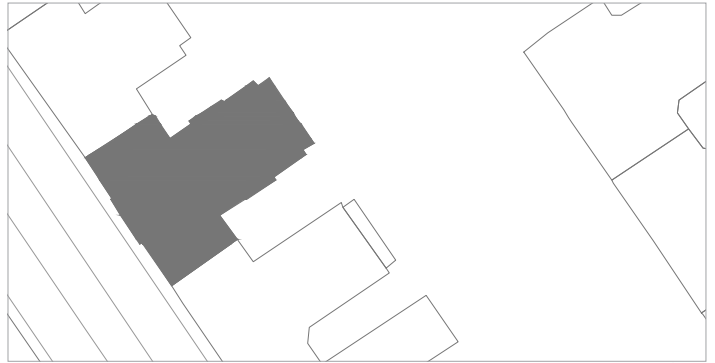
Fotografia, Maria Pommrenke 2013

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO

ENDEREÇO: RUA RODRIGO DA FONSECA, 82/82D

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO



Planta de implantação 1:1000



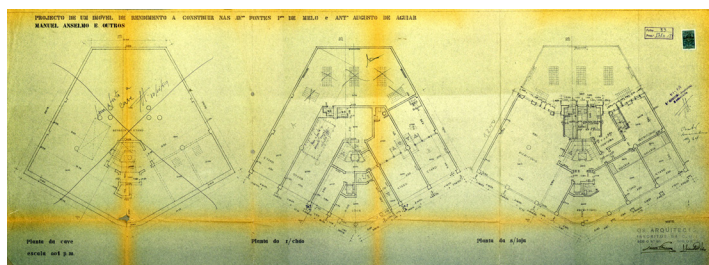
AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, MANOLO POTIER
REQUERENTE: MANUEL ANSELMO E OUTRO
ENDEREÇO: AV. FONTES PEREIRA DE MELO 5E AV. AUGUSTO DE AGUIAR 1
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956/7
TIPOLOGIA: HOTEL
USO ACTUAL: HOTEL



Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013



Plantas, Obra 26911, A.M.L.

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, MANOLO POTIER

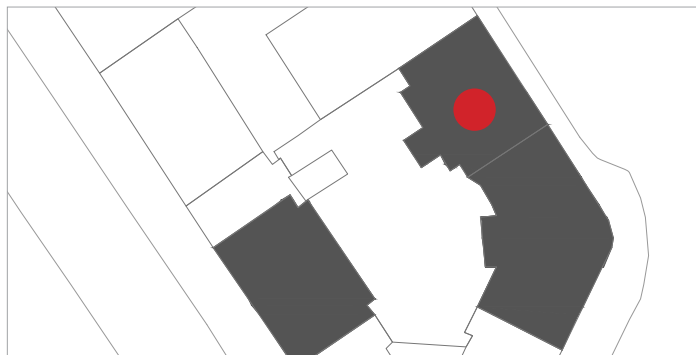
REQUERENTE: AMÉRICO FERREIRA

ENDEREÇO: AV. AUGUSTO DE AGUIAR 3

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956/7

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

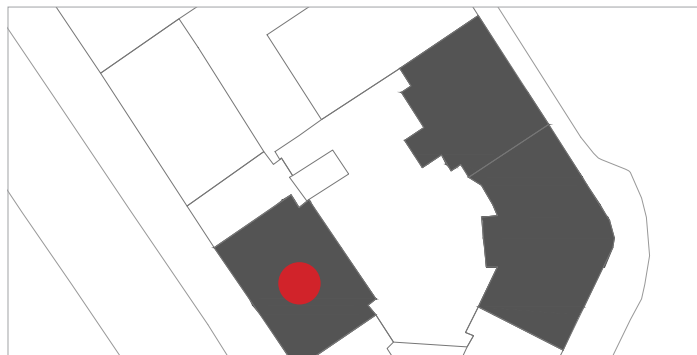


Planta de implantação 1:1000

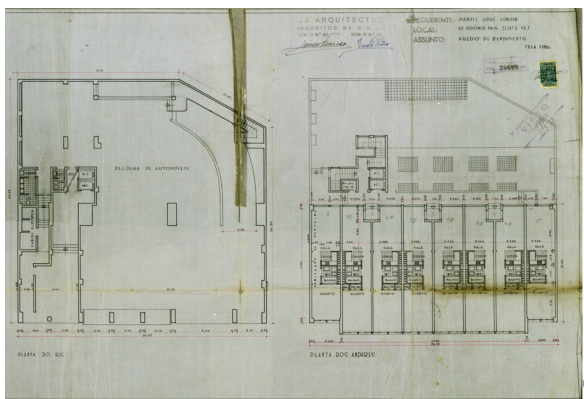


Fotografia, Maria Pommrenke 2013

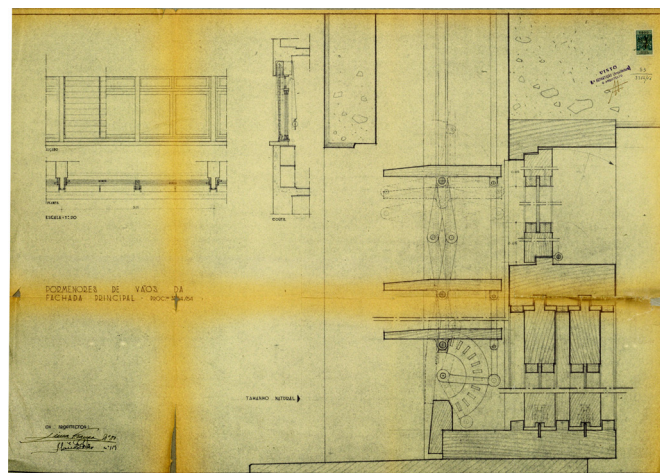
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
 ENDEREÇO: AVENIDA SIDONIO PAIS, 4 A 4-B
 ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956-57
 TIPOLOGIA: HABITAÇÃO, GARAGEM E COMÉRCIO
 USO ACTUAL: HABITAÇÃO, GARAGEM E COMÉRCIO



Planta de implantação 1:1000



Plantas, Obra 27095, A.M.L.



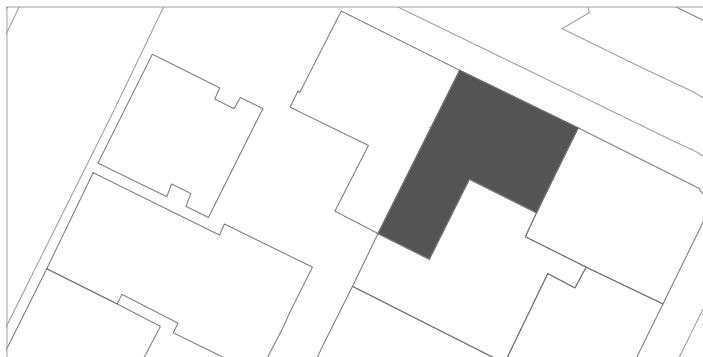
Detalhe construtivo, Obra 27095, A.M.L



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

#SSP.04

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, MANOLO POTIER
REQUERENTE: ANTÓNIO ERNESTO DA FONSECA
ENDEREÇO: RUA ANDRADE CORVO, 29
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1956
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO, COMÉRCIO E GARAGEM
USO ACTUAL: HABITAÇÃO, COMÉRCIO E GARAGEM



Planta de implantação 1:1000



#GRAÇA_GRA

#SÃO VICENTE DE FORA_SVF



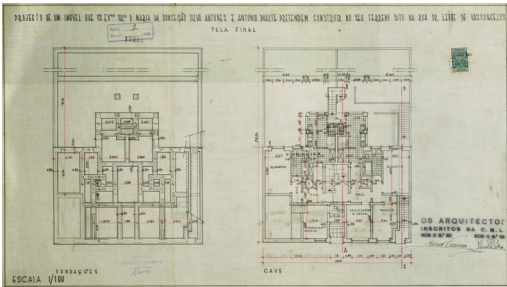
Planta de localização 1:5000



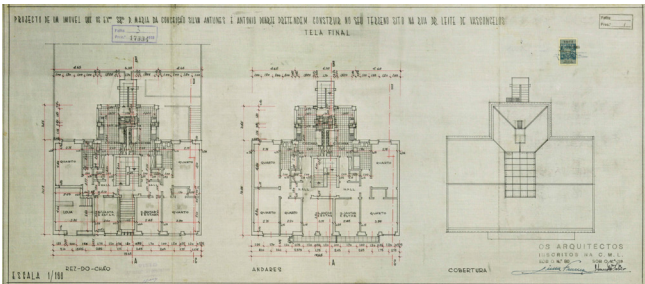
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
 REQUERENTE: MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA ANTUNES E OUTRO
 ENDEREÇO: RUA LEITE DE VASCONCELOS, 66 A 66-B
 ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953
 TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
 USO ACTUAL: DEMOLIDO



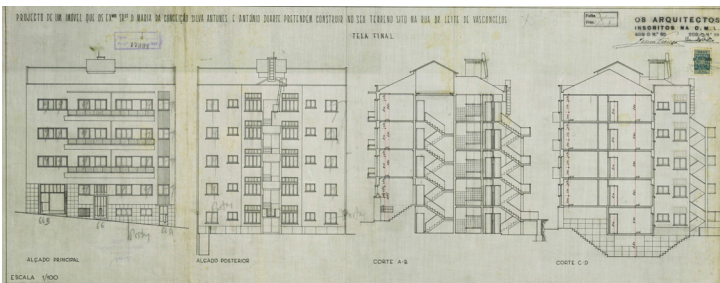
Planta de implantação 1:1000



Plantas, Obra 1589, A.M.L



Plantas, Obra 1589, A.M.L



Corte e Alçado, Obra 1589, A.M.L

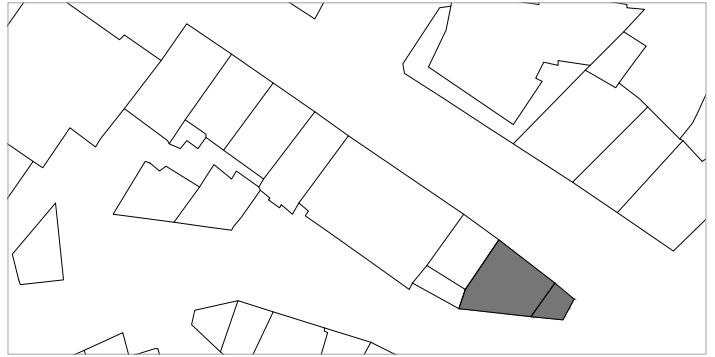
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

ENDEREÇO: OUTEIRINHO DO MIRANTE, 2, RUA VALE DE S. ANTONIO, 1 A 5

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953

TIPOLOGIA:

#SVF.01



Planta de implantação 1:1000





Rua Dr. Silva Fetea

03

02
Av Barbosa du Bocage

Av Republica

NSF 01

Av Visconde de Valmor



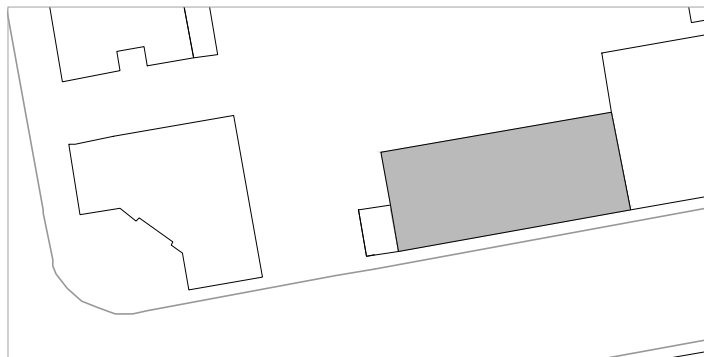
EDIFÍCIO: HABITAÇÃO (SÓ EM PROJECTO, NÃO REALIZADO)

REQUERENTE: MANUEL JOSÉ JUNIOR

ENDEREÇO: AVENIDA VISCONDE VALMOR, 20 A 20-E

NOTA: PROJECTO ACTUAL DE VICTOR PALLA E BENTO D ALMEIDA

#NSF.01



Planta de implantação 1:1000



#NSF.02

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: CÂNDIDO PEDRO DA SILVA DUARTE E OUTRO

ENDEREÇO: AVENIDA BARBOSA DU BOCAGE, 98 A 98/C

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1958



Planta de implantação 1:1000



#NSF.03

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

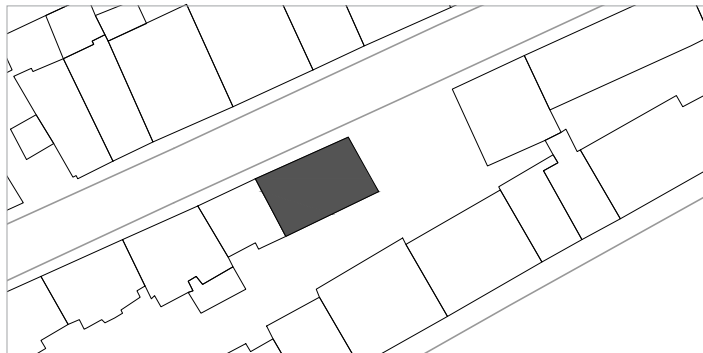
REQUERENTE: DOMINGOS DE SOUSA ROLÃO

ENDEREÇO: RUA DR. SILVA TELES, 10/10-B

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1957

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



#SANTO CONDESTÁVEL_SCO
#SANTA ISABEL_SIS



R. Infanteria Dezasseis

R. Coelho da Rocha

R. Tan FERREIRA DUARTE

R. FRANCISCO MÉRITAS

R. FERREIRA BORGES

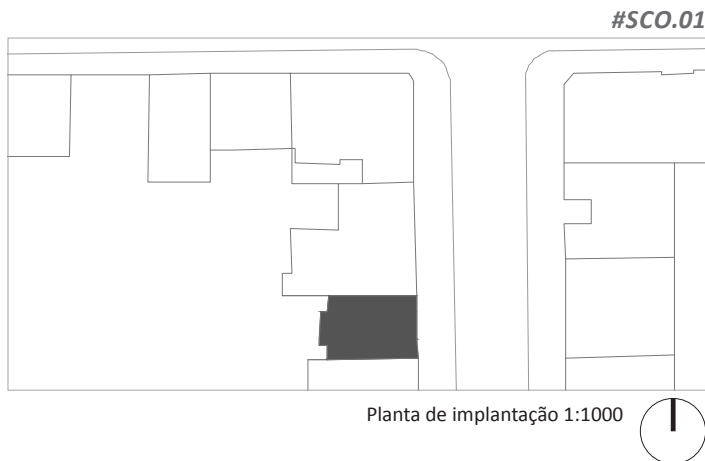
R. FERREIRA BORGES

R. Espírito da Cruz

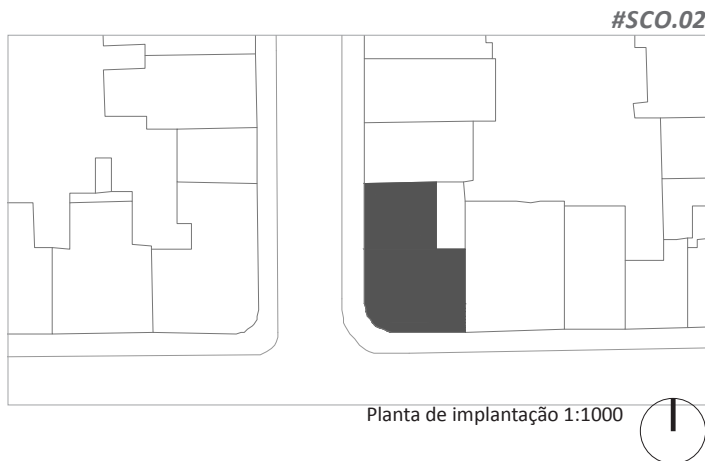
Planta de localização 1:5000



AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: JOSÉ FANCA MARQUES
ENDEREÇO: RUA FERREIRA BORGES 31 A 33
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1947
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO
PROJECTO: ALTERAÇÃO NO INTERIOR



AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: ROCHA COELHO 108 E RUA TENENTE FERREIRA DURÃO 73
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954
TIPOLOGIA: LOJA
PROJECTO. ALTERAÇÃO NO INTERIOR



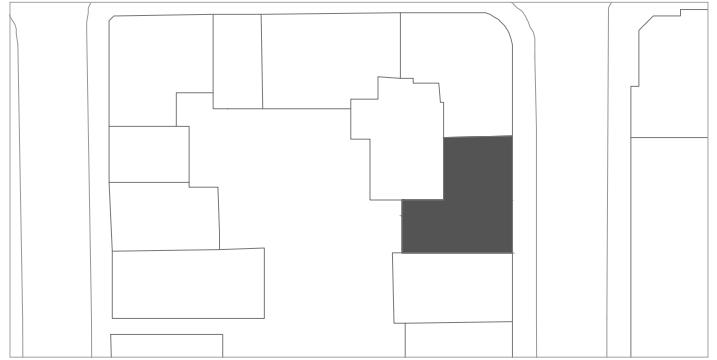
Fotografia, Maria Pommrenke 2013

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

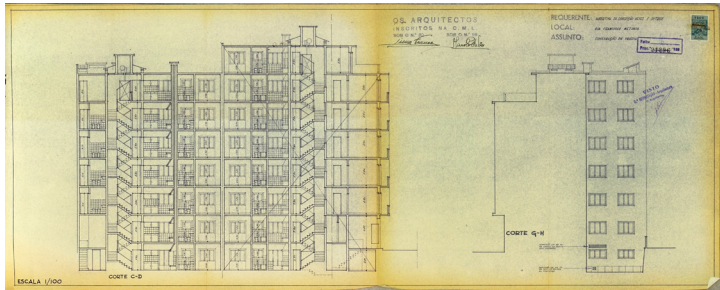
ENDEREÇO: FRANCISCO METRASS 83A-83B

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1957

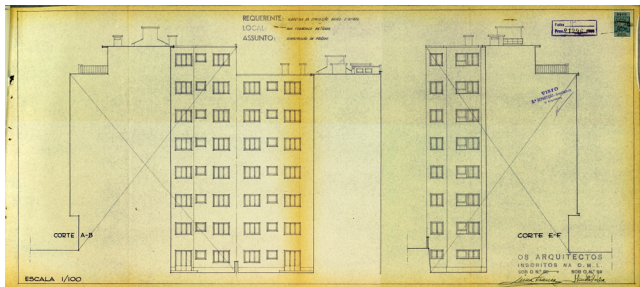
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO



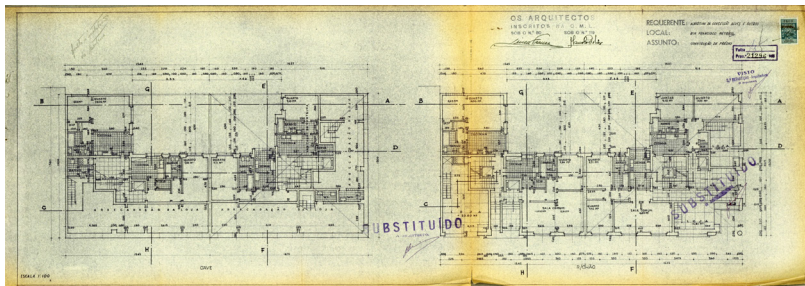
Planta de implantação 1:1000



Corte e Alçado, Obra 28449, A.M.L



Alçado, Obra 28449, A.M.L



Plantas, Obra 28449, A.M.L

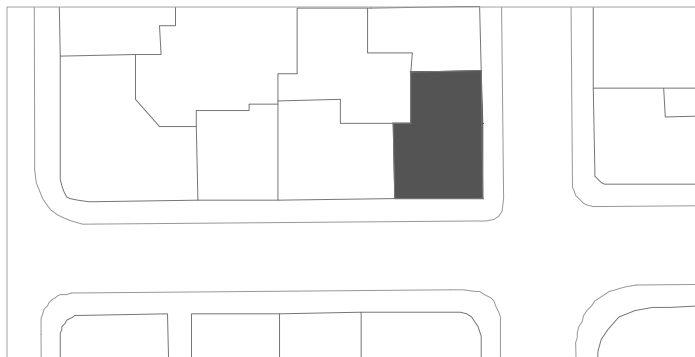
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

ENDEREÇO: RUA AZEDO GNECO 38 E RUA INFANTARIA 16, 100ª-100C

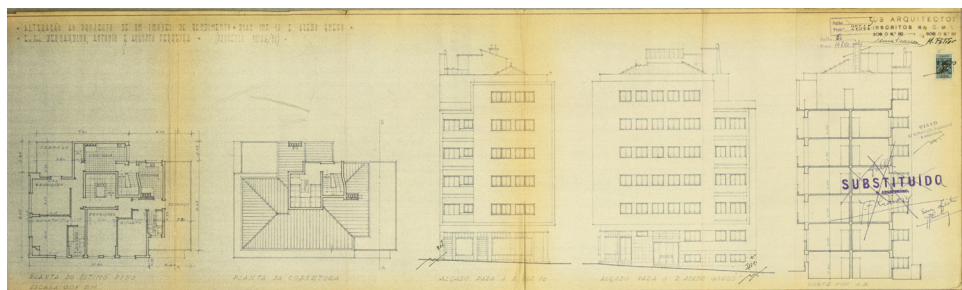
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO



Planta de implantação 1:1000



Planta, Corte e Alçado, Obra 10746, A.M.L

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

ENDEREÇO: RUA FERREIRA BORGES 193 E CAMPO DE OURIQUE 123

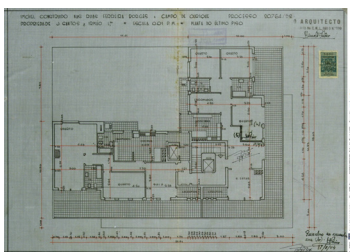
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO

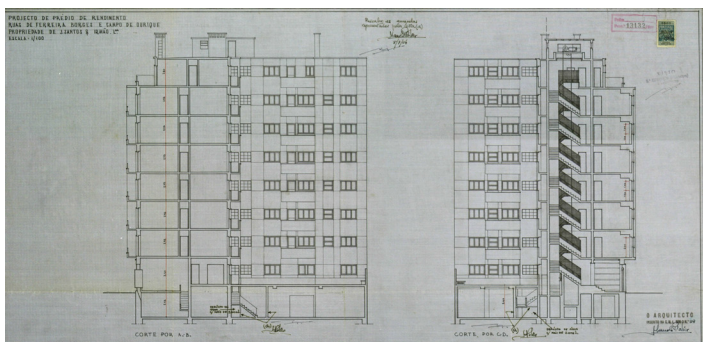
USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO



Planta de implantação 1:1000



Planta Piso 8, Obra 13132, A.M.L



Cortes, Obra 13132, A.M.L



Alçados, Obra 13132, A.M.L



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: CASIMIRO DE OLIVEIRA

ENDEREÇO: RUA SILVA CARVALHO, 64 A 64-B, TRAVESSA CABO, SEM NUMERO

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1958

TIPOLOGIA: ALTERAÇÕES



#SÃO JORGE DE ARROIO, SJA
#PENHA DE FRANÇA, PDF

F06
Rua Pascoal de Melo

Rua Francisco Sanches

Rua Inocente de Silva

Rua Arturos

Praça Amendo do Rio

Rua Martins Sarmento

Praça Antonio Sardinha

Avenida Gen Rozadas

Rua C

Planta de localização 1:5000



#SÃO JORGE DE ARROISO_SJA
#RENHA DE FRANÇA_PDF

Rua Ilha Terceira
106

Rua Pascoal de Melo
106

Av. Do de Louve
106

Rua Arroios
108

Planta de localização 1:5000

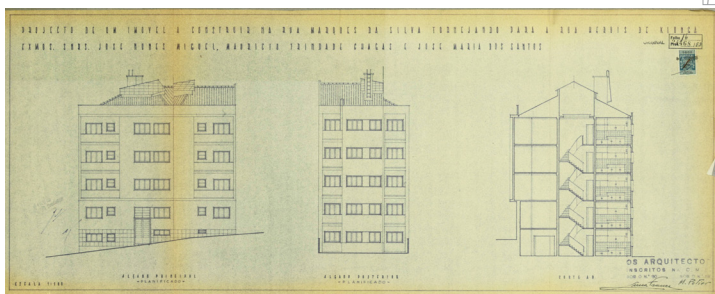


#SJA.01

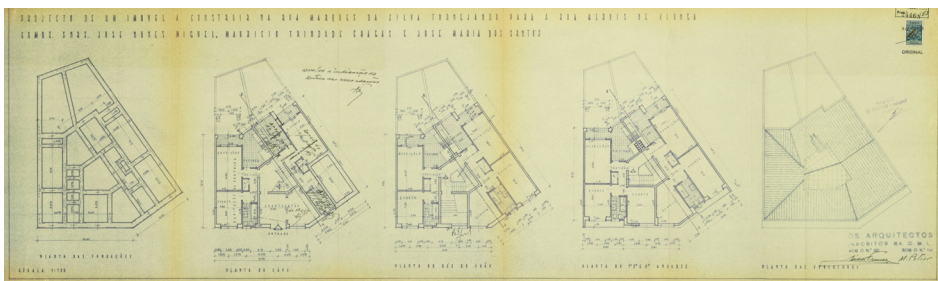
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: ANTÓNIO COIMBRA E OUTROS
ENDEREÇO: RUA FRANCISCO SANCHES, 2
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Corte e Alçado, Obra 24468, A.M.L



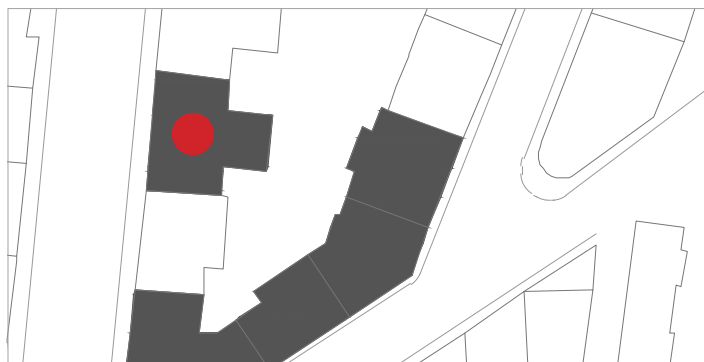
Planta, Obra 24468, A.M.L



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

#SJA.02

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: ANTÓNIO COIMBRA E OUTROS
ENDEREÇO: RUA FRANCISCO SANCHES, 6/6-A
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

ENDEREÇO: RUA MARQUES DA SILVA, 14

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954-56

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO

#SJA.03



Planta de implantação 1:1000



AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

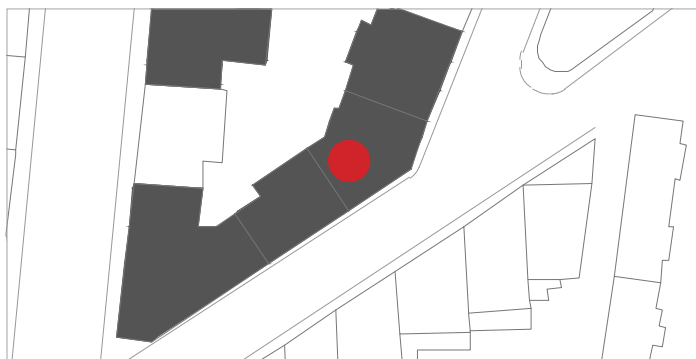
ENDEREÇO: RUA MARQUES DA SILVA 12 E RUA HERÓIS DE QUINONGA

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO

#SJA.04



Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

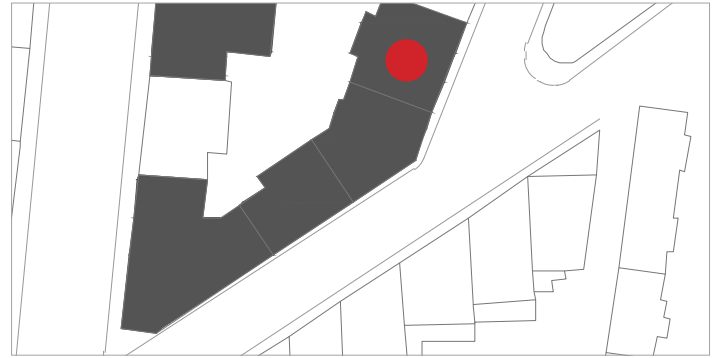
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

ENDEREÇO: RUA HERÓIS DE QUINONGA 1A

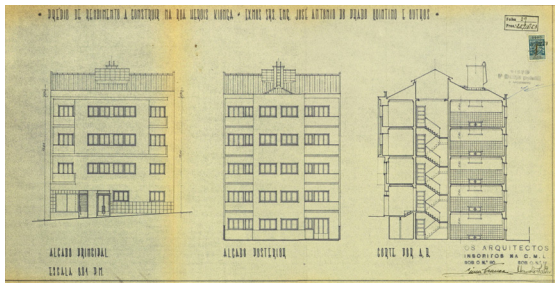
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

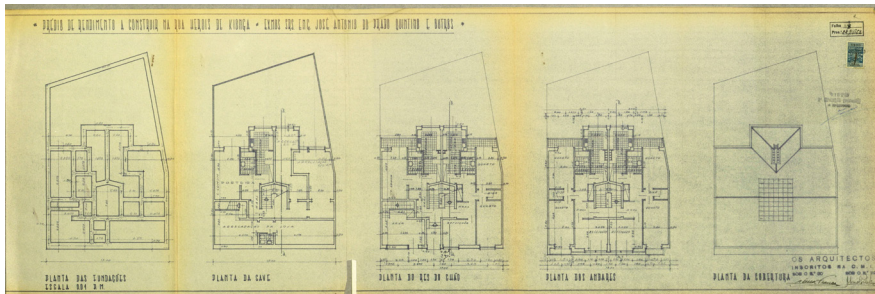
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Corte e Alçado, Obra 13234, A.M.L



Plantas, Obra 13234, A.M.L



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

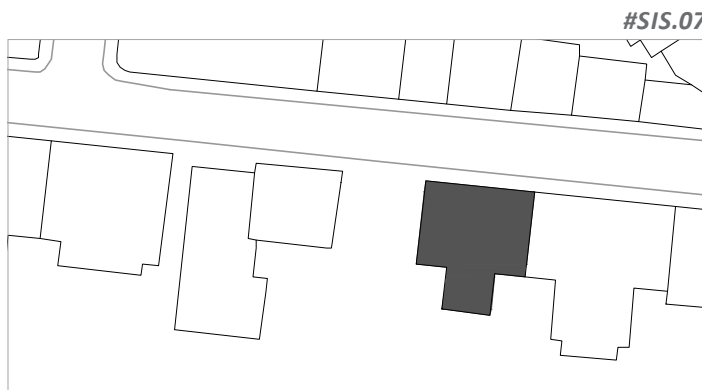
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: ADRIANO DIAS SIMÕES
ENDEREÇO: RUA PASCOAL DE MELO, 120/120 E RUA ILHA DO PICO 1
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1958
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: FRANCISCO SIMÕES DE OLIVEIRA E OUTROS
ENDEREÇO: RUA ILHA TERCEIRA, 31 A 31-A
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1958
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



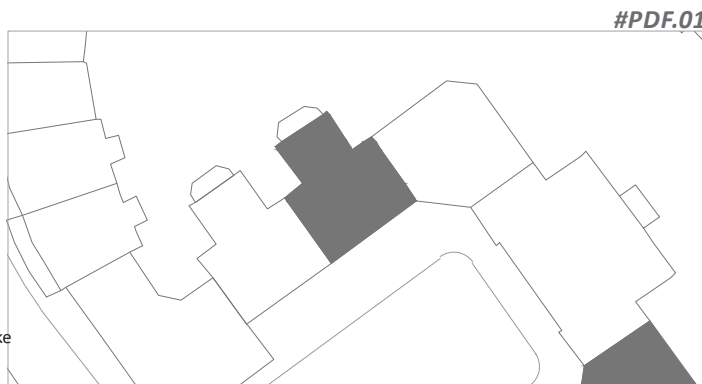
Planta de implantação 1:1000



ARQUITECTOS: JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: PRAÇA ANICETO DO ROSARIO, 2
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1953
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO



Fotografia, Maria Pommrenke
2013



Planta de implantação 1:1000

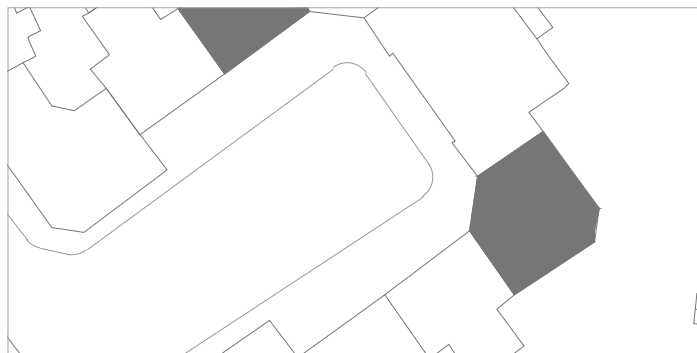


AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: PRAÇA ANICETO DO ROSARIO, 6
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1951
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

#PDF.02



Planta de implantação 1:1000



#PDF.03

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: INÁCIO JOSÉ E OUTRO
ENDEREÇO: RUA PENHA DE FRANCA240
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1950
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



AUTORIA: OSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: INÁCIO JOSÉ E OUTRO

ENDEREÇO: RUA PENHA DE FRANCA, 236

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1950

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO

#PDF.04



Planta de implantação 1:1000



AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: FRANCISCO ANDRADE

ENDEREÇO: RUA MARTINS SARMENTO, 70 A 70-A

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1959

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

USO ACTUAL: HABITAÇÃO

#PDF.05



Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: MANUEL RODRIGUES DOS SANTOS MOITA E OUTROS
ENDEREÇO: PRAÇA ANTONIO SARDINHA, 5
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: JOÃO GUILHERME E OUTRO
ENDEREÇO: PRAÇA ANTONIO SARDINHA, 7
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1958
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



#PDF.08

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: INÁCIO JOSÉ E OUTRO
ENDEREÇO: RUA PENHA DE FRANCA, 148
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1950
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO

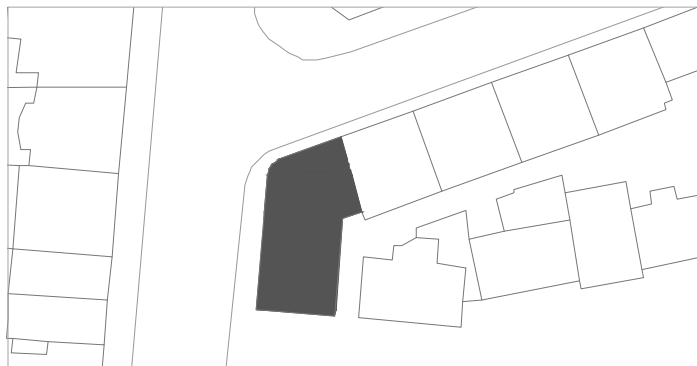


Planta de implantação 1:1000



#PDF.09

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
ENDEREÇO: AVENIDA GENERAL ROCADAS, 28/28C,
RUA CASTELO BRANCO SARAIVA, 2-2A
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1961
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO
USO ACTUAL: HABITAÇÃO E COMÉRCIO



Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

#SANTA JUSTA_SJU
#SAO JOSE_SJO
#SAO CRISTOVAO_SCR



Planta de localização 1:5000



AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

REQUERENTE: MUÑOZ & TAVARES, LD^A

ENDEREÇO: JARDIM DO REGEDOR 13 A 25

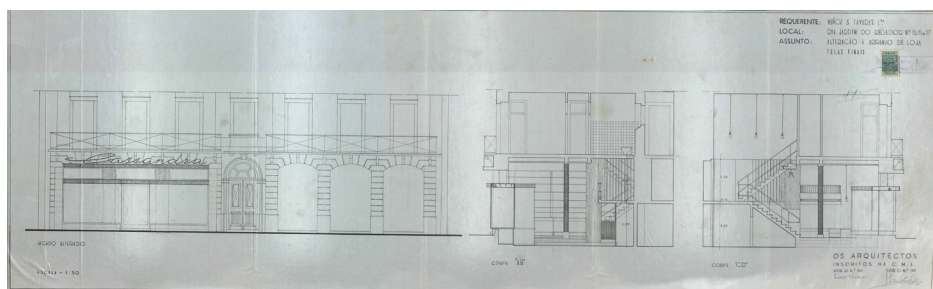
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1959

TIPOLOGIA: LOJA

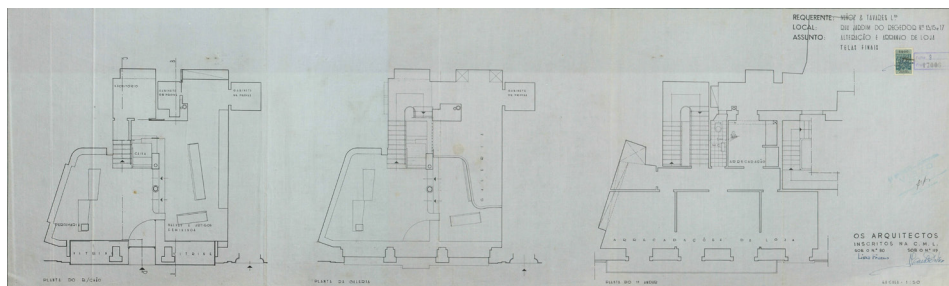
PROJECTO: ALTERAÇÕES



Planta de implantação 1:1000



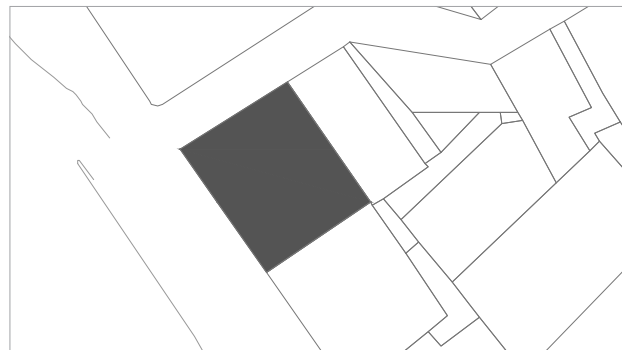
Corte e Alçado, Obra 20461 A.M.L



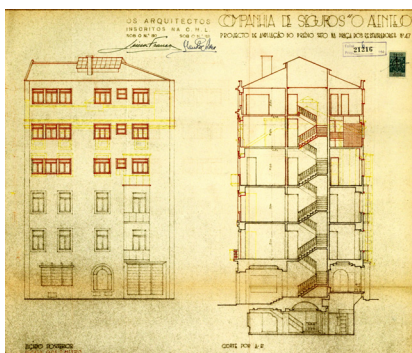
Plantas, Obra 20461 A.M.L

#SJU.03

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: COMPANHIA DE SEGUROS O ALENTEJO
ENDEREÇO: PRAÇA DOS RESTAURADORES 47
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1958
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO E COMÉRCIO
USO ACTUAL: HOSTEL, OMERCIO E HABITAÇÃO
PROJECTO: ALTERAÇÕES



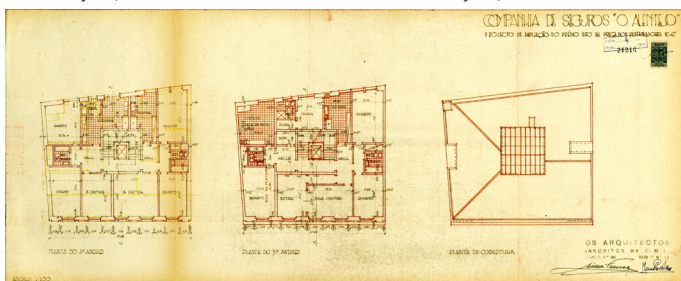
Planta de implantação 1:1000



Corte e Alçado, Obra 21216 A.M.L



Alçado, Obra 21216 A.M.L



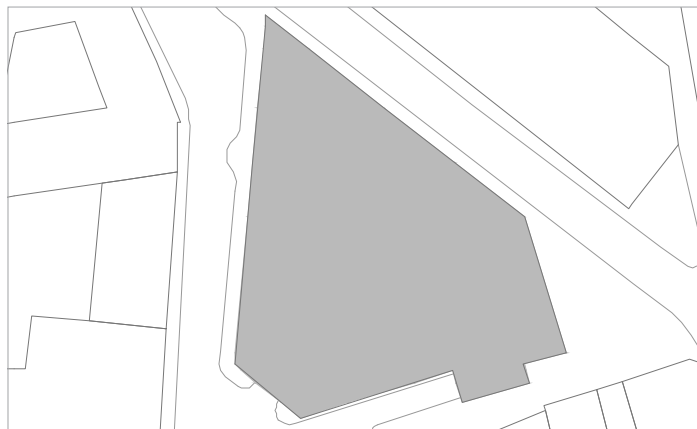
Alçado, Obra 21216 A.M.L

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO, FERNANDO INÁCIO PERES
ENDEREÇO: TRAVESSA FALA-SO 15
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1955

#SJO.01



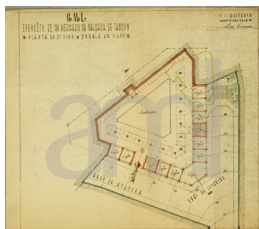
EDIFÍCIO: MERCADO MUNICIPAL DO CHÃO DO LOUREIRO
 AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO
 REQUERENTE: CML
 ENDEREÇO: O LARGO ATAFONA, CALÇADA MARQUÊS DE TANCOS, 3
 ANO DE CONSTRUÇÃO: 1951
 TIPOLOGIA: MERCADO COM TERRAÇO
 USO ACTUAL: SILO, SUPERMERCADO, BAR E TERRAÇO



Planta de implantação 1:1000



Planta r/c., A.M.L



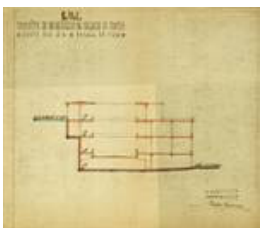
Planta piso 1, A.M.L



Planta piso 2, A.M.L



Planta piso 3, A.M.L



Corte, A.M.L



Fotografia, Maria Pommrenke 2013

#SANTOS-O-VELHO_SOV



Av. 24 de Julho

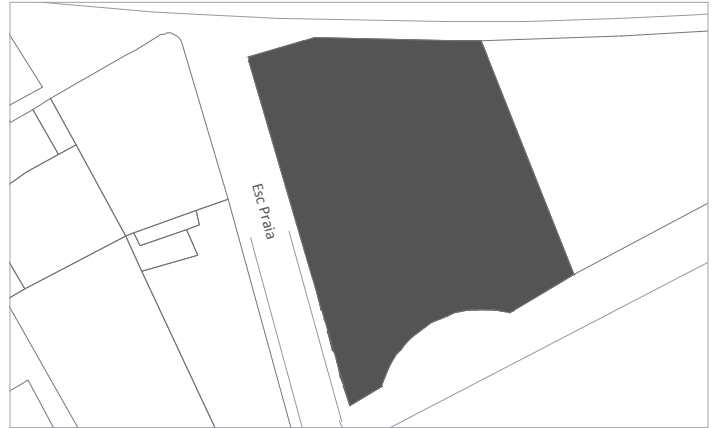
Cr. Ribeiro Santos

Av. 24 de Julho

Planta de localização 1:5000



EDIFÍCIO: ANTIGA GARAGEM CONDE BARÃO
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: GARAGEM CONDE BARÃO LD.ª
ENDEREÇO: AVENIDA 24 DE JULHO, 62, CALÇADA RIBEIRO SANTOS, 7,
ESCADINHAS DA PRAIA, 2 A 2-B
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1957
TIPOLOGIA: GARAGEM/OFCINA/ ESCRITÓRIO E HABITAÇÃO
USO ACTUAL: EM OBRAS



Planta de implantação 1:1000



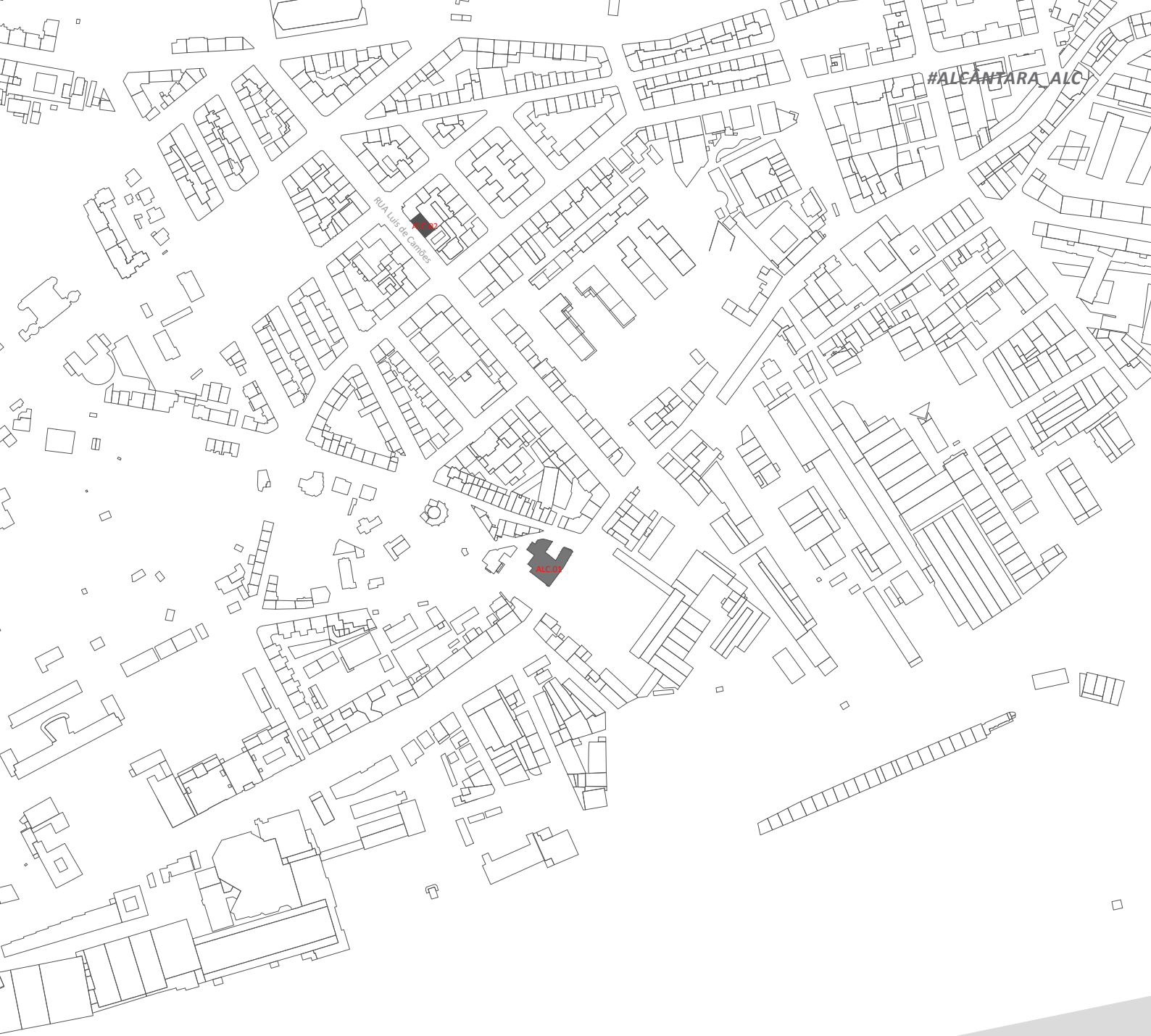
AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO
REQUERENTE: JOSÉ DA SILVA RIBEIRO E OUTRO
ENDEREÇO: AVENIDA INFANTE SANTO, 38-38-D
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1963
TIPOLOGIA: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Fotografia, Maria Pommrenke 2013



#ALCANTARA_AIC

RUA Luís de Camões

ALC 01

ALC 02



#ALC.01

AUTORIA: MANOLO POTIER, JOSÉ LIMA FRANCO

ENDEREÇO: RUA LUIZ DE CAMÕES 110-110A

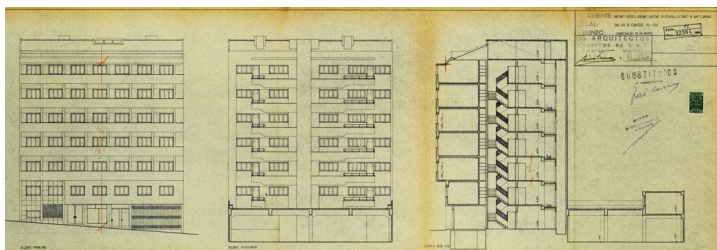
ANO DE CONSTRUÇÃO: 1952

TIPOLOGIA: HABITAÇÃO

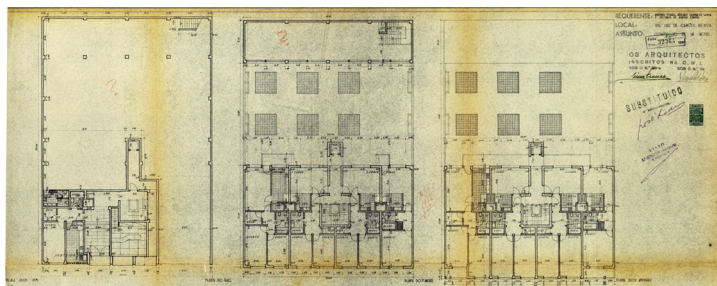
USO ACTUAL: HABITAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



Corte e Alçado, Obra 30445, A.M.L



Plantas, Obra 30445, A.M.L

#ALC.02

AUTORIA: JOSÉ LIMA FRANCO

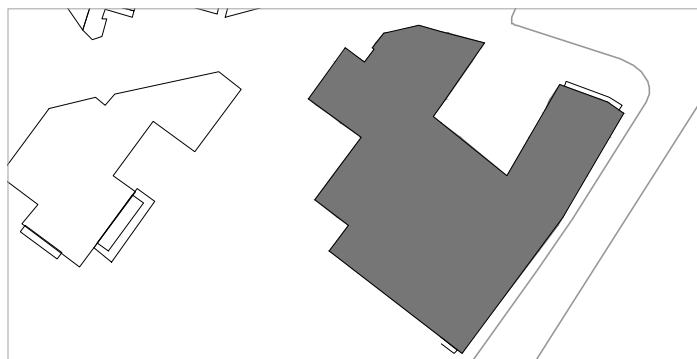
REQUERENTE: J. B. CARDOSO, LDA

ENDEREÇO: ESCADAS S. AMARO, JANELAS E PORTA S/ Nº,

RUA 1 DE MAIO, 148 A 150, CALÇADA S. AMARO, 1 E 3

ANO DE CONSTRUÇÃO: 1954

PROJECTO: ALTERAÇÃO



Planta de implantação 1:1000



O arquitecto
Manolo Gonzalez Soben

119
Manolo Soben



Manolo Soben

Manolo Soben

Manolo Soben

SOB O N.º 119

Manolo Soben

Manolo Soben

SOB O N.º 119

Manolo Soben

Manolo Gonzalez Soben

M. Potier

